

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria-Geral – Secretaria de Assuntos Internacionais
Organização dos Estados Americanos
Departamento de Assuntos Educacionais

PROJETO ESPECIAL DE EDUCAÇÃO – PRODUÇÃO EM ÁREAS
URBANAS DE POPULAÇÃO CARENTE – MEC/OEA

SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE EXPERIÊNCIAS
DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO E TRABALHO PRODUTIVO

RELATÓRIO FINAL

São Luís - Maranhão, 29 de novembro a 2 de dezembro de 1988

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria Geral — Secretaria de Assuntos Internacionais
Organização dos Estados Americanos
Departamento de Assuntos Educacionais

PROJETO ESPECIAL DE EDUCAÇÃO - PRODUÇÃO EM ÁREAS
URBANAS DE POPULAÇÃO CARENTE - MEC/OEA

SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE EXPERIÊNCIAS DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO E TRABALHO PRODUTIVO

RELATÓRIO FINAL

São Luís - Maranhão, 29 de novembro a 2 de dezembro de 1988

331:37 41020/97
S471r Seminário Nacional sobre
 Experiência de ...
 Relatório final.

SUMÁRIO

	Pág
Apresentação	
1. Introdução	7
1.1 Antecedentes do Projeto	7
1.2 Objetivos do Seminário	7
1.3 Programação	7
1.4 Dinâmica	10
1.5 Participantes	10
2. Sessão de Abertura	13
3. Educação pelo Trabalho	13
3.1 Conferência do Prof. Antônio_ Carlos Gomes do Costa - Oficial de Projetos do Unicef - Brasil	14
3.2 Debate	35
3.3 Síntese dos trabalhos de grupo	35
4. Experiências apoiadas pelo Projeto	39
4.1 Linhas básicas - Prof ^a . Marília Miranda - Coordenadora do Projeto Es_ pecial	
4.2 Relatório das experiências brasileiras	50
4.3 Relatório da experiência na Jamaica	183
5. Sistematização e Consolidação das experiên- cias	184
5.1 Conferência do Prof. Leonel Zuniga - Especia lista da OEA	184
6. Recomendações a Respeito de Estratégias de Aperfeiçoamento, Consolidação e de Expansão do Projeto Especial:	190
6.1 Gerais	190
6.2 Específicas: . estado . município . escola	191
Anexo . Relação dos Participantes	200

Apresentação

Este documento contém o relatório das atividades desenvolvidas durante o Seminário Nacional sobre Experiências de Educação e Trabalho Produtivo, as quais se integram ao Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente, que vem sendo executado pelo Ministério da Educação, através da Secretaria de Assuntos Internacionais, com o apoio da Organização dos Estados Americanos, por intermédio do Departamento de Assuntos Educacionais.

Constitui-se instrumento importante de sistematização do esforço de reflexão realizado pelos participantes do Seminário, nos diferentes momentos da programação, bem como de registro das próprias experiências, através dos relatórios específicos constantes deste documento.

As recomendações apresentadas, ao final do documento, têm como objetivo avançar na indicação de estratégias de aperfeiçoamento, consolidação e de expansão que o estágio atual de desenvolvimento do projeto está a requerer.

1. Introdução

1.1 Antecedentes

Iniciado, efetivamente, em 1984, o Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente vem apoiando a implantação de atividades produtivas em unidades de ensino de 1º grau, centros de educação e trabalho ou de atendimento à criança e ao jovem. No período 84/88, foram implantados 77 núcleos de produção em 27 unidades de ensino ou de atendimento, localizadas em 14 municípios de estados das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

1.2 Objetivos

Analisar os resultados alcançados pelas experiências apoiadas pelo referido projeto, aprofundar o marco teórico referente à integração da educação com o trabalho produtivo, além de definir estratégias de aperfeiçoamento e expansão das experiências em nível de cada escola, município e estado, foram os objetivos visados pelo Seminário Nacional sobre Experiências de Educação e Trabalho Produtivo.

1.3 Programação

A programação desenvolveu-se conforme fora previsto, havendo pequenos ajustes que não chegaram a comprometer o conteúdo e a seqüência estabelecidos.

A seguir, faz-se o registro desta programação tal como foi realizada:

Dia 29/novembro

- Abertura

- Organização e diretrizes do seminário
Prof^a. Marília Miranda - Coordenadora do Projeto Especial.
- Tema: "Educação pelo trabalho"
Dr. Antônio Carlos Gomes da Costa
Oficial de Projetos da Unicef.
- . Debatedores
Prof. Arno Kreutz - UFMA
Prof. José Manuel de Macedo Costa - Colinas/MA.
- . Trabalhos em grupo
"Getting to know you" - Exercício
Dianne Mc Intosh e Lascynth Chambers - Ministério da Educação -Jamaica.

Dia 30/novembro

- Apresentação das experiências apoiadas pelo Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de população Carente - MEC/OEA.
 - . Linhas básicas - Prof^a. Marília Miranda
 - . Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (10 escolas); . Secretaria de Educação da Cidade do Recife (4 escolas) ; . Secretaria de Educação da Cidade de Natal (3 escolas) ; . Secretaria de Educação do Estado de Alagoas (1 escola).
- Avaliação dos trabalhos do dia.
Dianne Mc Intosh e Lascynth Chambers - Ministério da Educação - Jamaica.

Dia 19/dezembro

- Continuação da apresentação das experiências apoiadas:
 - . Secretaria de Educação do Estado da Bahia (1 escola) ; . Secretaria de Educação do Distrito Federal (1 escola).
- Tema: "Aspectos metodológicos de sistematização, avaliação e consolidação institucional de sistematização e expansão das experiências de desenvolvimento educativo" - Prof. Leonel Zuniga, especialista da OEA.
- Visita ao Colégio Universitário - UFMA
 - . visita às dependências da escola
 - . núcleos de produção
 - . encontro com os professores e alunos do Colun
 - . lanche no núcleo de Educação para o lar
 - . apresentação Artístico/Cultural.

Dia 2/dezembro

- Continuação da apresentação das experiências apoiadas:
 - . Secretaria de Educação do Município de Colinas (1 escola); . Secretaria de Educação do Município de Tutóia (1 escola).
- Trabalho em grupo para traçar estratégias de aperfeiçoamento e expansão das experiências em nível de cada escola, município e estado.
- Visita a cidade
- Coquetel de encerramento no Praia Mar-Hotel.

1.4 Dinâmica

Para viabilizar a programação prevista, a dinâmica en-fatizou a realização do trabalho de grupo que permitiu o aprofundamento das questões levantadas pelos conferencistas, expositores e debatedores, buscando a construção de sínteses cada vez mais amplas mediante o desenvolvimento de sessões plenárias. Foram enfatizados, igualmente, com o apoio das participantes da Jamaica, exercícios de relaxamento e aquecimento dos grupos, como facilitadores da comunicação entre os participantes.

Desta forma, foram pontos de discussão durante o Seminário:

- . os fundamentos teóricos referentes à integração da educação com o trabalho produtivo;
- . as linhas gerais do Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente;
- . resultados alcançados pelas experiências apoiadas pelo Projeto Especial.

1.5 Participantes

O seminário contou com a participação de representantes dos órgãos responsáveis pela execução do mencionado projeto, tais como: a Organização dos Estados Americanos, Ministério da Educação, secretarias estaduais e municipais de Educação e unidades de ensino e de atendimento envolvidos no projeto, bem como de professores, pais e alunos do Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão. Contou, ainda, com a participação da diretora e assessora do projeto "LEAP", da Jamaica, centrado, igualmente na questão educação e trabalho.

A relação dos participantes segue em anexo

2. Sessão de abertura

A sessão de abertura contou com as presenças do Delegado do MEC no Maranhão, Fernando da Costa Castello Branco; do Reitor, em exercício, da UFMA Prof. Paulo de Tarso Brandão; do Secre-

tário de Assuntos Internacionais do MEC, Ministro Mário Augusto Santos; do Especialista da OEA, Prof. Leonel Zuniga; do Secretário de Educação do Estado do Maranhão, Prof. João Martins; da Secretária de Cultura do Estado do Maranhão, Laura Amélia D. Duaili-be; da Diretora do Colégio Universitário, Profa. Rosalina Augusta de Azevedo, bem como de representantes das secretarias estaduais e municipais de Educação, diretores e professores das escolas envolvidas no Projeto Especial, destacando-se alunos e representantes da comunidade do Colégio Universitário de São Luís.

Ao abrir os trabalhos, o Prof. Fernando Castello Branco destacou os objetivos do seminário e a importância da realização do mesmo em São Luís, dado o envolvimento da DEMEC/MA no Projeto Especial desde 1985.

O Prof. Paulo de Tarso Brandão, Reitor em exercício da UFMA, ao fazer uso da palavra louvou igualmente a idéia de realização deste seminário em São Luís e assinalou a satisfação da Universidade Federal do Maranhão e o Colégio Universitário de cooperarem na promoção do mesmo. Ressaltou a importância das experiências realizadas pelo Colégio Universitário no campo da educação básica, as quais já apresentou significativos resultados, que constituem subsídios para as experiências das demais unidades de ensino.

O Prof. João Martins, Secretário de Educação do Estado do Maranhão, representando o Governador Epiácio Cafeteira, destacou o significado do seminário em relação à problemática da educação nas áreas menos favorecidas, especialmente na Região Nordeste do País.

O Ministro Mário Augusto Santos, Secretário de Assuntos Internacionais do MEC, responsável pela coordenação nacional do Projeto Especial, destacou os fundamentos, os objetivos e os resultados alcançados pelo projeto no período 1984-1988. Deu ênfase às dificuldades enfrentadas na execução do mesmo, particularmente decorrentes do processo de descentralização adotado, o qual atribui significativa importância à participação da escola na de

finalização e condução do projeto, bem como das Secretarias de Educação dos estados e municípios envolvidos. Considerando como único processo eficaz, na perspectiva de mudança na prática educativa das escolas, tal processo exigiu mais tempo para alcançar resultados. Além do processo descentralizado, o Ministro Mário Augusto Santos destacou a aplicação concentrada dos recursos do Projeto Especial na escola, com a redução ao mínimo indispensável dos gastos com a administração.

O Prof. Leonel Zuniga, especialista da OEA, deu ênfase à vinculação da educação básica ao trabalho produtivo, considerada meta prioritária para a próxima década, pelos países integrantes do Grupo dos Oito, em recente reunião realizada na cidade do México. Manifestou a importância que a OEA vem atribuindo à questão da educação básica e do trabalho, com vistas ao resgate da escola pública para todos. Expressou também suas expectativas em relação ao seminário, no sentido de oferecer subsídios para o aperfeiçoamento, consolidação e expansão das experiências apoiadas no âmbito do Projeto Especial de Educação-Produção.

3. Educação pelo Trabalho

Após a sessão de abertura, os trabalhos tiveram início com a conferência proferida pelo Prof. Antônio Carlos Gomes da Costa, sob o tema "Educação pelo Trabalho", seguida de debate que contou com a participação especial dos professores Arno Kreutz, da Universidade Federal do Maranhão e José Manuel de Macêdo Costa, coordenador geral do projeto, em Colinas/MA.

Com base na exposição, foi realizado trabalho de grupo para aprofundar as seguintes questões:

- . papel da escola de 1º grau na educação pelo trabalho;
- . implicações curriculares da educação pelo trabalho;
- . organização do trabalho educativo na escola; .
integração escola/comunidade.

3.1 Conferência

Educação pelo Trabalho - ferramental teórico

e organização das atividades práticas -

Antônio Carlos Gomes da Costa
julho/1988

"Se tivesse de organizar, hoje, esta escola do povo, apoiar-me-ia no princípio que condiciona a vida dos homens, que estimula e orienta os seus pensamentos, o que justifica o seu comportamento individual e social, e que é o trabalho, em tudo que ele tem hoje de complexo e de socialmente organizado; o trabalho, motor essencial, elemento de progresso e de dignidade, símbolo de paz e de fraternidade".

Celestin Freinet

1. LUGAR DE MENINO É NA ESCOLA

A afirmação de que "lugar de menino é na escola" exprime uma verdade da qual não podemos e nem devemos nos afastar. Junto com a família e a comunidade onde se vive, a escola é o espaço privilegiado da formação da criança e do adolescente, enquanto pessoa humana e cidadão.

Na verdade, entendemos que o trabalho *na* infância e na adolescência deveria ser parte indissolúvel do processo de educação escolar. Como Freinet afirma, na epígrafe desta cartilha, devemos apoiar-nos no "princípio que condiciona a vida dos homens, estimula e orienta seus pensamentos, justifica o seu comportamento individual e social e que é o trabalho, em tudo que ele tem hoje de complexo e de socialmente organizado".

Este, segundo o grande educador francês, é o princípio sobre o qual, na sua visão, deveria estar organizada uma verdadeira escola do povo.

No entanto, a realidade histórico-social concreta do Brasil de nossos dias não é bem esta. Temos milhões de crianças em idade escolar fora da sala de aula e nossos índices de repetência e evasão estão entre os maiores do mundo. Por outro lado, contam-se também aos milhões as crianças e adolescentes vítimas de trabalho precoce, abusivo e explorador em nosso país.

Este quadro fez com que, de norte a sul do País, surgissem milhares de programas assistenciais voltados para o atendimento à infância e à juventude expostas à situação de risco pessoal e social. Estas entidades, como era de se esperar, concentram-se nas periferias urbanas e nas zonas rurais pauperizadas.

Não é inexato, portanto, afirmar que todas estas iniciativas surgem e evoluem no terreno baldio da escola pública.

Se tivéssemos todas as nossas crianças e adolescentes na rede escolar, certamente não seriam necessários tantos programas de atendimento a meninos e meninas de rua e de comunidades pobres. Só a má-fé e a auto-tapeação podem procurar negar esta verdade. Ela é evidente por si mesma.

Entretanto, na fase atual da vida brasileira, não podemos negar que estes programas, sejam eles governamentais ou comunitários, têm um papel importante a cumprir no esforço para garantir condições mínimas de bem-estar e de dignidade a grande parte da nossa infância e da nossa juventude.

Para cumprir um papel de resgate da cidadania e não de acomodação de seus destinatários à subcidadania, tais programas devem conter em sua configuração algumas características básicas, tais como:

a. incentivar o ingresso, o regresso e a permanência na escola pública. A educação escolar é um direito fundamental da criança. Tudo que a afaste deste caminho está desviando-a do curso normal de uma vida e de uma carreira seguida com dignidade;

b. levar em conta a condição peculiar de pessoa humana em desenvolvimento de seus destinatários. Isto quer dizer que, além de aprendizagem e iniciação ao trabalho, estes programas devem sempre procurar contemplar necessidades como educação complementar, apoio à saúde, alimentação, esporte, lazer e atividades de caráter cultural;

c. empenhar-se no fortalecimento da família, que é o continente afetivo e a fonte da segurança básica de que a criança e o jovem tanto necessitam, para enfrentar as dificuldades da vida.

É claro que os programas não necessitam de contar em sua estrutura com todas as modalidades de atenção referidos no

item dois. O importante, neste aspecto, é que eles se empenhem em garantir, junto ao poder público, o acesso das suas crianças e adolescentes a estes serviços. Faz-se necessário, portanto, que os programas assistenciais se assumam na sua essencial incompletude, isto é, que encarem com seriedade o dever de se empenhar junto às políticas sociais básicas - alimentação, saúde, educação e trabalho - no sentido de assegurar o máximo de cobertura possível aos direitos sociais de seus destinatários. Só quando não houver nenhuma outra alternativa, é que os programas comunitários devem estruturar-se, eles próprios, para a prestação de serviços que são, em última análise, dever do Estado. Enquanto e, apenas enquanto, o poder público não tiver condições de assumi-los ou de subsidiar quem os assumam.

Em relação à educação, será muito negativo o surgimento em nosso país de uma rede escolar não-governamental, funcionando à base de professores geralmente leigos e voluntários para atender aos pobres mais pobres. Por isso, é preciso lutar pela escola pública e empenhar-se no sentido de que ela se estruture em conteúdo, método e gestão para servir aos interesses das classes populares, pois, como veremos adiante, devemos evitar, na educação, o que aconteceu na área de preparação para o mundo do trabalho: as crianças e adolescentes mais pobres são atendidos por uma rede de programas que se desenvolvem de maneira informal e tecnicamente muito precária, comprometendo enormemente o seu alcance e a sua qualidade.

A proposta de educação pelo trabalho, que desenvolvemos nesta cartilha, se inscreve no interior do esforço de levar o trabalho desenvolvido nos programas assistenciais (governamentais ou não) a adquirir a cidadania pedagógica de que ele tanto necessita, para assumir um papel social, político e cultural emancipador, junto às classes populares.

2. QUE TIPO DE TRABALHO?

Nem todo trabalho é educativo. Há mesmo muitas experiências de trabalho de crianças e adolescentes em programas assistenciais, que são muito questionadas por fazerem do processo de aprendizagem uma mera transferência de habilidades sem maiores cuidados do ponto de vista pedagógico. Em alguns casos, tais atividades chegam mesmo a configurar uma mera exploração do trabalho de crianças e adolescentes.

Afinal, como podemos distinguir o trabalho educativo de um trabalho qualquer? Para nós, o trabalho educativo é aquele em que a dimensão produtiva está subordinada à dimensão formativa. Entendemos por dimensão formativa todos aqueles fatores capazes de exercer uma influência construtiva sobre o educando, isto é, tudo aquilo que influir favoravelmente no seu crescimento' como pessoa humana e como cidadão.

3. UM CAMINHO E NÃO O CAMINHO

A educação pelo trabalho é uma das formas possíveis de articular, no campo da pedagogia, formação e atividade produtiva de bens e serviços. Não se trata de um modelo, de um paradigma de práticas que têm de ser necessariamente seguidas. Cabe a cada educador, a cada dirigente de programa recriar, dentro de seu contexto de atuação, os métodos e concepções aqui expostos.

É muito importante que as experiências não percam a sua cor local, as suas Características derivadas do modo de ver, viver e conviver da comunidade onde ela está inserida. Urbano ou rural, governamental ou não, o caráter de um programa deriva da sua capacidade de articular princípios mais amplos com a organização das atividades práticas no cotidiano trabalho social e educativo.

I . OS CAMINHOS INSTITUCIONAIS PARA O MUNDO DO TRABALHO

Pela via do sistema regular de ensino, o jovem tem duas vias formais de ingresso no mundo do trabalho: o ensino técnico segundo grau (nos setores primário, secundário e terciário da atividade econômica) e os cursos de graduação em nível de terceiro grau. É conhecido de todos o fato de que a tentativa de generalizar o ensino profissionalizante no segundo grau não deu certo.

Assim, temos a profissionalização nas escolas técnicas públicas ou particulares, nas universidades e faculdades isoladas.

Este sistema gravita em torno do Ministério da Educação e, por ele, passa uma fração da nossa juventude em sua caminhada para o mundo do trabalho.

Outra trajetória dos jovens a caminho da vida profissional é aquela representada pelo Sistema Nacional de Formação de

Mão-de-Obra. Este sistema compõe-se de três grandes agências formativas: o Senai, o Senac e o Senar, respectivamente, Serviços Na

cionais de Aprendizagem Industrial, Comercial e Rural.

Este sistema gira em torno do Ministério do Trabalho e controlado por colegiados ligados às Confederações da Indústria, do Comércio e da Agricultura. Ele constitui a via de ingresso no mundo do trabalho daqueles que, de um modo geral, não tiveram condições de fazê-lo através do ensino formal.

5. AS INICIATIVAS NÃO-FORMAIS DE CAPACITAÇÃO

Para o segmento da nossa juventude que não se profissionalizou via ensino regular ou Sistema Nacional de Formação de Mão-de-Obra (Senai, Senac, Senar) restam as alternativas não-formais' de capacitação. Esta vertente divide-se em três alternativas:

A exploração comercial do ramo da capacitação rápida não-formalizada para o trabalho. Trata-se de um ramo florescente da atividade comercial. Compõe-se de milhares de pequenos "cur-sos" de datilografia, auxiliar de enfermagem, motorista, operadores de computador, corte e costura, tradução, manequim, detetive, desenho, eletrotécnico, mecânico e muitos outros, formando um cat dápico farto e variado de alternativas para todos os gostos em ma téria de aprendizagem de um ofício. A condição, aqui, é que o can didato possa pagar pelo que lhe ensinam. E, como em todo comér-cio, existem atividades sérias e atividades desonestas neste ra mo.

Outra linha não-formal de capacitação ê o ingresso gradual do aprendiz nas atividades que compõem um determinado ofício. Por exemplo, na construção civil, o jovem é admitido como servente de pedreiro, no exercício dessa atividade, observando e fazendo perguntas ele próprio se promove, na medida de sua capacidade de assumir um posto de trabalho, a pintor de paredes, azulejista, pedreiro de "meia-colher", pedreiro, chegando, em alguns casos, até mesmo a mestre-de-obras. Na mecânica de autos, no comércio, nas atividades agrícolas, em certos ramos da indústria e da prestação de serviços ainda é muito comum esta modalidade de introdução do jovem no mundo do trabalho. Não estamos falando, aqui, dos sistemas de aprendizagem na própria empresa (via treinamento), esta atividade beneficia-se de incentivos fiscais e faz parte da política nacional de mão-de-obra. Estamos falando da aprendizagem que ocorre por osmose no exercício de determinadas profissões.

Vamos agora à linha que, no momento, nos interessa mais de perto: aquela que é representada pelas atividades de iniciação, capacitação e encaminhamento para o trabalho existentes nas milhares de iniciativas de natureza assistencial (governamentais ou não) dirigidas à população carente e que passam pelo ensino/aprendizagem de alguma atividade produtiva de bem ou serviço.

Este imenso "sistema" de capacitação e encaminhamento inclui atividades desenvolvidas no âmbito da atuação de órgãos como a Funabem e suas congêneres estaduais, a LBA em seus milhares de convênios com entidades governamentais ou não, a rede de iniciativas da Seac (Secretaria Especial de Ação Comunitária), e das secretarias de estado da área social, bem como das prefeituras municipais. Isto, no âmbito do poder público.

Na área não-governamental, encontramos uma grande diversidade de iniciativas neste campo da capacitação da população carente para o trabalho. São atividades que vão desde o associativismo de base, nas comunidades pobres urbanas e rurais, até às obras de benemerência ligadas a clubes de serviço e movimentos religiosos, passando por programas de cunho mais político que tentam, às vezes, através do ensino de um ofício, conscientizar e formar lideranças no meio popular.

Neste sistema, o instrutor é alguém que sabe realizar uma atividade determinada e se dispõe a ensiná-la. Não há, de um modo geral, nenhuma capacitação sistemática para os docentes e nem acompanhamento e avaliação formalizados de suas atividades. Os alunos, por outro lado, são aqueles que se dispõem a aprender algo, engajando-se nas atividades formativas oferecidas pelos programas.

Para se ter uma idéia do que acontece hoje no Brasil, estima-se que existam mais crianças e jovens preparando-se ou iniciando-se no mundo do trabalho por este "sistema" do que pelas entidades profissionalizantes ligadas ao ensino formal ou aos serviços ligados à política nacional de preparação de mão-de-obra.

Nestes programas, a preocupação com a viabilidade econômica, com a sobrevivência, deixa pouco espaço para se pensar de forma mais estrutural, a questão da qualidade. A supervisão pelos órgãos públicos, quando existe, limita-se à verificação do cumpro

mento dos termos dos convênios, principalmente no que se refere a aplicação dos recursos financeiros repassados.

É importante ressaltar que muitos destes programas, uma vez financiados com recursos governamentais, perdem as características de iniciativas do movimento popular e passam a funcionar como uma espécie de ampliação, por outros meios, das atividades do poder público, seguindo-lhe as diretrizes e empenhando-se no cumprimento de seus objetivos e metas.

6. EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO

O ensino de uma profissão pode estar articulado ou não a uma atividade produtiva. A escolha, nesse caso, ocorre quando o educador faz a opção entre o desenvolvimento das atividades formativas através de tarefa real ou de tarefa-modelo. Ou seja, pela produção real de um bem ou serviço, ou pela sua simulação, através de exercício, de atividades que incluam o conjunto de habilidades requeridas por determinada profissão.

Um exemplo de tarefa modelo. Num curso de marcenaria, os aprendizes exercitam-se em determinadas operações, organizadas sob a forma de "séries metódicas" que lhes permitem, posteriormente, encadeá-las na execução de projetos de produção de determinados artefatos. Ou seja, o educando não necessita produzir uma cadeira de verdade. Ele pode, inicialmente, com uma simples tábua aprender as operações necessárias à produção de uma cadeira: reconhecer a madeira adequada, medir, serrar, lixar, plainar, fazer encaixes, furar, colar, parafusar, etc. Quando ele se torna capaz de associar o encadeamento dessas operações à leitura de um projeto de produção de uma cadeira, ele pode fazê-la em miniatura. Uma cadeira pequena que inclua, na sua fabricação, os mesmos conhecimentos e habilidades que uma outra de tamanho normal.

Já na execução de tarefas reais o processo aprendizagem/ensino não simula um processo produtivo, mas, realmente, o executa.

Trata-se de produzir bens e serviços numa escala real e com valor de mercado de modo a não separar, como na tarefa-modelo, mas, de efetivamente integrar os aspectos formativos e produtivos do trabalho. Aqui, o produto final será ,uma cadeira de verdade, com valor de uso normal pelas pessoas e valor de troca no mercado, ou seja, o produto do processo é uma mercadoria.

Assim, quando adotamos a tarefa-modelo, estamos dissociando educação e produção. Por outro lado, quando nos baseamos em tarefas reais estamos integrando educação e produção.

7. EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO

A educação para o trabalho corresponde à dissociação dos processos formativos dos produtivos, ou seja, o educando vai, primeiro, aprender para depois trabalhar. Na educação para o trabalho a noção de tarefa-modelo, a simulação do processo produtivo real é que informa as atividades laborais dos educandos. Aqui não há preocupação, por exemplo, com o valor de mercado daquilo que, eventualmente, for produzido.

No ensino superior, nas escolas técnicas de segundo grau e mesmo no Sistema Nacional de Formação de Mão-de-Obra predominam basicamente a noção de educação para o trabalho.

8. EDUCAÇÃO PELO TRABALHO

Na educação pelo trabalho prevalece o processo produtivo real em toda sua inteireza e complexidade. Aqui o educando vai

trabalhar para aprender. O processo formativo e o produtivo estão integrados, estão indissoluvelmente unidos, um é momento do outro. Produzir e educar não são considerados processos mutuamente exclusivos, ao contrário, são dimensões que se determinam e se implicam de uma mesma realidade.

Nesta concepção do processo educativo, o produtivo e o formativo co-habitam o mesmo espaço, mas não o fazem em relação de igualdade. Devido à natureza pedagógica desse espaço, ele implica na subordinação do produtivo ao formativo. Subordinar, aqui, não significa renegar nem subestimar. O processo produtivo é encaixado em toda sua complexidade e dinamismo. A subordinação da produção à formação significa que o produto principal do processo é o educando capacitado, preparado para compreender e enfrentar o mundo do trabalho. Os bens e serviços gerados são também um produto importante, apenas que secundário, em relação ao trabalhador que se forma.

9. O TRABALHO EDUCATIVO

A esta altura, sentimos que é chegada a hora de explicitarmos melhor o nosso conceito de trabalho educativo. Ocorre, que, para fazê-lo, faz-se necessário que antes explicitemos um pouco melhor o nosso conceito de trabalho.

Inscrevemo-nos entre aqueles que vêem no trabalho a atividade pela qual o homem, ao humanizar o mundo para satisfazer suas necessidades materiais e espirituais, engendra em si mesmo sua própria humanidade. Ou seja, o trabalho é o componente nuclear da práxis humana, é no trabalho que reside a especificidade da presença humana sobre a terra, é o trabalho que faz da história humana uma história diferente da história natural.

Quando, no curso do processo evolutivo dos primatas, sur

giu o polegar oposto aos outros quatro dedos, conferindo à mão habilidades que permitiram livrar os maxilares das funções de rasgar, furar, bater e quebrar, uma etapa qualitativamente nova na evolução começou a desenhar-se. O afrouxamento, pelo desuso, dos músculos que envolviam a calota craneana possibilitou o crescimento do cérebro e, com ele, a emergência do próprio pensamento. Dai a célebre constatação de Leakey, o descobridor do zinjantropo: "o homem é porque trabalhou e não trabalhou porque é homem".

De fato, o surgimento da ferramenta e do símbolo (linguagem) propiciou ao homem um novo domínio sobre seu meio natural e uniu, de uma forma nova, o indivíduo ao grupo. Daí, a afirmação de Roger Gerandy:

"O trabalho e, com ele e graças a ele, o pensamento, não se desenvolve unicamente entre o indivíduo e a natureza física, mas nas relações entre o indivíduo e a sociedade em que ele vive".

Ao longo da história, entretanto, o trabalho que foi o instrumento que possibilitou ao homem libertar-se das forças da natureza e impor sobre ela o seu domínio, serviu também para instaurar entre os homens relações de opressão e exploração as mais degradantes e brutais: escravidão, servidão e modalidades de trabalho assalariado abusivo e explorador são formas históricas assumidas pela alienação do trabalho humano nas diversas etapas da história da humanidade.

Entendemos por trabalho alienado aquele em que não se permite ao trabalhador a participação na concepção dos fins, na organização dos meios e no produto de seu trabalho.

Assim, sendo a educação pelo trabalho uma proposta pedagógica comprometida com uma visão transformadora e crítica da realidade, ela vai procurar propiciar aos educandos, no curso

das atividades formativas, uma vivência concreta do trabalho de salienado. Isto será feito através do que passaremos a chamar de o principio das três participações: (i) a participação na gestão; (ii) a participação no produto; e (iii) a participação . no conhecimento relativo ao trabalho realizado.

Quando o trabalho inclui em seu processo essas dimensões, ele se torna verdadeiramente humano e humanizador , ou se já, ele se torna, para nós, um trabalho educativo.

10. PARTICIPAÇÃO NA GESTÃO

Participar na gestão é participar na organização dos meios de trabalho. É um momento dos mais importantes na metodologia de aprendizagem no local de trabalho. É quando, em regime de co-gestão com o educador, os educandos vão definir as "regras do jogo" em relação ao tempo, ao material, às tarefas, ao relacionamento do individual com o coletivo, às sanções, à autoridade e outros aspectos do quotidiano trabalho na oficina.

Na prática isto se dá de uma maneira bastante simples. O educador responsável pelo grupo reúne-se com a turma, de preferência, em círculo. Explica o que é um regulamento. Como seriam as coisas se não houvesse regras? Se cada um pudesse chegar quando bem quisesse, fazer o que bem quisesse e falar o que bem entendesse no local de trabalho? Qual o objetivo de cada um dos presentes em relação àquela atividade? Estes objetivos poderiam ser alcançados sem o estabelecimento de algumas normas básicas?

Estes questionamentos e as reflexões deles decorrentes levam o grupo a entender como é necessária a existência de alguma forma de ordenação do trabalho. Então, começa o levantamento de tudo que pode atrapalhar o bom andamento da turma em direção aos

objetivos. Atrasos, desatenção, faltas, agressões verbais, **desperdício** de materiais, palavrões, desrespeito, violência e outros obstáculos ao bom funcionamento das atividades.

Ao mesmo tempo, um perfil positivo deve **ir sendo discutido** em relação a cada um desses aspectos. Pontualidade, **assiduidade**, empenho, solidariedade, economia, respeito pelas pessoas e pelo coletivo, cordialidade no trato e tudo mais que **possa contribuir** para que o grupo supere suas dificuldades e caminhe firmemente em direção ao que pretende.

O passo seguinte é a elaboração das normas. Cada **membro** do grupo deve receber papel, lápis e borracha e, **em** relação a cada um dos aspectos discutidos e mesmo em relação a outros a que o grupo não se referiu mas que se ache importante, cada educando deve ir traçando, com franqueza, seu pensamento e sua posição. **Quem** não sabe ou tem dificuldade de escrever pode pensar, falar e **re** correr a um colega para colocar no papel seu posicionamento.

Encerrada esta etapa, o grupo vai procurar definir um consenso e, se isto não for possível, definir a posição da maioria, que é, ao fim das contas, a que deverá prevalecer sempre. A discussão, para melhor andamento, deve ser encaminhada por temas. Um educando falou sobre pontualidade, atraso, horário, isso significa que todos devem tornar clara a sua posição a respeito daquele **as** assunto e, depois, chegar a uma posição comum ou da maioria que, nesse caso, deve ser imposta à minoria, que deve começar a aprender submeter-se democraticamente ao coletivo.

À medida que as normas forem sendo estabelecidas, elas devem ir sendo transcritas, com pincel atômico, numa folha grande por um dos membros do grupo previamente designado para esta tarefa. É importante dar visibilidade ao produto que vai emergindo das discussões.

Definida a última norma, deve-se dar um fecho solene ao trabalho, algo como:

"Este regulamento foi elaborado pelo instrutor e os alunos da oficina dee terá a nossa assinatura como prova do nosso compromisso".

Segue-se a assinatura de cada um dos participantes e, de pois de arrumado para exposição permanente, o regulamento deve ser afixado na parede em um ponto de destaque, bem ao alcance da vista de todos, para ser consultado sempre que necessário.

Estabelecido o regulamento, é importante que ele seja cobrado com firmeza. A exigência é um sinal de respeito do educador pelo educando. Uma exigência clara, sem vacilações e sem meios-termos. As sanções previstas devem ser aplicadas e o educador deve ter um papel diretivo nas discussões em relação às transgressões das normas. O importante é que haja transparência nas discussões.

Certa vez, após uma briga, eu puni um grupo de educandos, suspendendo-lhe o acesso a uma regalia. Ao encontrar-se comigo, atravessando o pátio, de certa distância uma menina gritou: "Diretor, o senhor foi injusto comigo! Eu entrei naquela briga foi só para separar. Sua consciência vai doer".

Dias antes, havíamos tido uma interessante discussão sobre justiça. Todas as meninas que chegavam atrasadas eram punidas, conforme o regulamento que dizia: "Devemos ser pontuais, quem chegar atrasada será punida, perdendo um dos passeios de fim de semana". Como a punição era aplicada de forma automática, daí a seis meses, quando tiveram oportunidade de refazer o regulamento, as meninas escreveram: "Quem chegar atrasada, sem motivo justo, receberá uma punição". Isto permitiu-nos uma interessante discussão

sobre o justo, o injusto, a injustiça e suas várias manifestações nas relações entre as pessoas e as classes sociais.

A menina, que reclamou da punição, aprendeu bem o sentido do que foi discutido. Sentindo-se injustiçada, ela recorreu à medida tomada em relação ao seu caso. Só que o fez na hora e no local errados. O certo, disse-lhe eu era fazer isto na reunião de grupo, na oficina, com a instrutora e as colegas presentes. A decisão não foi revogada.

Com este exemplo, podemos ver e sentir como os valores vão brotando no chão bem trabalhado da convivência coletiva, estruturados democraticamente, mas com firmeza e diretividade.

11. PARTICIPAÇÃO NO PRODUTO DO TRABALHO

Participar no produto do trabalho não é apenas o educando apropriar-se de uma parte daquilo que foi produzido. A participação no produto implica também participar no processo de decisão do que fazer com ele, como e por que se deve agir ou não de determinada forma.

Decisões sobre que preço dar ao que foi produzido, quais critérios devem ser levados em conta para o estabelecimento do valor de mercado de determinado bem ou serviço, que parte do preço final refere-se aos insumos necessários à produção, que parte resulta do valor que o trabalho acrescentou à matéria prima empregada na obtenção do produto final.

Quanto à apropriação de parte do que foi produzido, há aspectos interessantes a serem analisados conjuntamente: O que deve ficar com o educando? Que parte deve ser usada para manutenção da oficina em funcionamento? Metade? A terça parte? Um quarto? Nenhuma? Em que critérios se basear para decidir de **forma não arbitrária** questões como essa?

Em certos casos o educando apropria-se, em espécie, de parte do que foi produzido. Como orientá-lo no caso de ele preten-der comercializar o seu produto?

Como se vê, a participação no produto do trabalho é um processo pedagogicamente muito rico. Ele permite, se bem explorado, que o educador e os educandos procedam, na prática, os desve-lamentos de vários aspectos da organização social, apreendendo suas contradições e injustiças.

Um grupo de trabalho recebeu a encomenda de confeccionar uma mesa e seis banquinhos. Foi à madeireira e comprou o material necessário, após muito cálculo e discussão. Na hora de estabelecer o preço, eles acrescentaram ao preço da matéria-prima e outros insumos, um determinado percentual que eles julgavam o suficiente para remunerar o seu trabalho. Assim, o preço foi estabelecido.

Feita uma verificação no comércio local, uma loja vendia um produto de acabamento mais fino por um preço mais em conta. O grupo ficou espantado. O que estava acontecendo? Por que o móvel da fábrica era mais barato do que o deles?

Para responder a esta questão, o instrutor levou os meninos a uma grande marcenaria. Eles compravam caminhões de madeira diretamente dos produtores. A matéria-prima saia muito mais barata. Seu maquinário era moderno e o trabalho era feito em série. Cada operário respondia apenas por uma determinada etapa da produção. O tempo gasto para produzir uma peça era mínimo. A produção diária era muito grande. O salário dos trabalhadores não guardava relação com os recursos financeiros resultantes da comercialização do que foi produzido.

Viu-se ainda que, numa grande fábrica de móveis, os ga

nhos obtidos, pela tecnologia empregada e pela escala da produção, são ainda maiores. Dessa forma os meninos puderam conhecer aspectos da organização produtiva, que mostram porque não é fácil aos pequenos produtores subsistir numa economia como a nossa. Percebeu-se que é preciso muita eficiência e criatividade para enfrentar questões como esta.

12. A PARTICIPAÇÃO NO CONHECIMENTO

É de fundamental importância que o educando participe do conhecimento relativo ao trabalho realizado. Nenhuma atividade deve ser aprendida apenas sob a forma de transmissão de habilidades manuais. Para superar a dicotomia teoria/prática, trabalho manual/trabalho intelectual devemos transmitir, juntamente com o domínio das manualidades, conhecimentos relacionados que permitam ao educando distanciar-se, no plano do pensamento crítico, para ser mais que mão-de-obra e tornar-se um trabalhador competente e consciente de seus direitos, deveres e obrigações.

Essa participação no conhecimento relativo ao trabalho realizado pode ser dividida em três grandes áreas: (i) informação tecnológica; (ii) comunicação básica e cálculo elementar; (iii) relações pessoais e sociais.

Informação tecnológica

É um conhecimento teórico básico acerca da atividade prática que se está ensinando. Num curso de cozinha, por exemplo, essas informações podem ser: valor nutritivo dos alimentos, distinção entre cardápio e dieta, como se forma o paladar, como economizar alimentos e gás, informações culturais sobre os vários ramos da cozinha brasileira e estrangeira, noções de boas maneiras à mesa, como servir, etc.

Comunicação básica e cálculo elementar

São elementos mínimos de língua-pátria e aritmética aplicados à necessidade do exercício prático daquele ofício determinado. Para um grupo, pode ser a alfabetização e a aprendizagem das quatro operações, para outro, noções de correspondência, comunicação oral e frações ordinárias, decimais e sistema métrico. Certas habilidades práticas de comunicação são passadas em todos os grupos: pedir informações, os vários tipos e circunstâncias de cumprimento, transmitir um recado, atender um telefone, passar um telegrama, escrever um bilhete, pedir um emprego, conduzir-se na entrevista, consultar um catálogo e outras coisas necessárias e práticas na vida de hoje.

Relações pessoais e sociais

Este campo pode ser dividido em relações pessoais (companheirismo, amizade, namoro, casamento e pais) e relações sociais (a vida comunitária e o mundo do trabalho).

No campo das relações pessoais se transmitem princípios a serem observados e posturas a serem assumidas em relação a simples colegas e aos amigos. O namoro e o casamento já implicam a necessidade de aprofundamento nas questões da vida afetiva e sexual. O relacionamento de pais e filhos é também muito importante para as crianças e jovens compreenderem melhor a dinâmica da vida familiar.

No campo das relações sociais, distinguimos dois momentos básicos:

- as relações comunitárias que incluem vizinhança, associação, grupo religioso, esportivo, cultural e outras formas de associativismo comunitário, buscando fundar na criança e no ado

lescente a compreensão da importância da participação nos momentos alegres e nos momentos difíceis da vida de sua comunidade.

- as relações no mundo do trabalho implicam num conhecimento de um pouco da história da classe trabalhadora: escravidão, servidão e trabalho assalariado. As lutas dos trabalhadores na conquista dos direitos sociais da atualidade. A atual estrutura e funcionamento do mundo das organizações trabalhistas e patronais: sindicais, confederações e centrais sindicais. A legislação trabalhista e a justiça do trabalho. Os direitos e deveres no local de trabalho, as relações com chefes, companheiros e subordinados. Tudo isso deve ser ministrado de forma bastante simples, evitando-se massacrar o educando com uma massa muito grande de informações. O mais importante é que ele seja despertado para estas questões.

Uma prática interessante é distribuir aos educandos uma folha de informações básicas sobre determinado tema, discutir com o grupo para motivá-lo e convidar pessoas ligadas ao tema, para fazer uma palestra e bater um papo com a turma.

Assim, pode-se chamar casais para falar da vida familiar, médico para explicar os cuidados básicos com o corpo e o ambiente como componente da educação e da saúde, líderes comunitários para explicar o associativismo de base, militantes e líderes sindicais para tratar dos assuntos relacionados à organização dos trabalhadores e de suas lutas, religiosos, artistas do povo, professores, colegas que já estejam trabalhando, para cada um dizer de suas experiências. Tudo, enfim, que possa ir desvelando para o jovem o caráter das relações pessoais e sociais entre os homens, pode ser utilizado neste tipo de atividade.

13. O QUE NOS É LICITO ESPERAR E NÃO ESPERAR DA EDUCAÇÃO PELO TRABALHO?

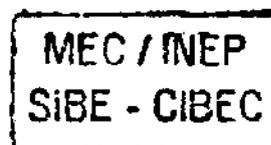
1ª-A educação pelo trabalho, se adotada como concepção

e metodologia, nos programas sociais que têm o componente capacitação e iniciação ao trabalho, poderá melhorar significativamente a influência construtiva do trabalho exercido junto às crianças e aos adolescentes. Motivo: ela não visa apenas preparar mão-de-obra para geração de renda, educar pelo trabalho é procurar contribuir na formação da pessoa humana, do cidadão e do trabalhador.

2ª-A educação pelo trabalho baseia-se no ponto de vista e nos interesses sociais concretos do povo trabalhador. Isto significa que a sua adoção exclui as hipóteses do assistencialismo e da manipulação "filantrópica", estabelecendo uma relação de solidariedade com as lutas, sofrimentos e alegrias deste mesmo povo. Assim, fica claro que a educação pelo trabalho é uma modalidade de educação popular.

3ª.A educação pelo trabalho é uma pedagogia, isto é, trata-se de "uma teoria que implica os fins e os meios da ação educativa", em permanente articulação com a organização das atividades práticas. Isto implica que todo o pessoal que atua num programa, que abraça essa concepção, deve ser preparada para assumir uma postura educativa. Aliás, a educação pelo trabalho pretende contribuir para que este tipo de trabalho social, dirigido às crianças e jovens das classes populares, adquira cidadania pedagógica efetiva e plena.

4ª-A educação pelo trabalho visa formar o cidadão. Não o cidadão qualquer, mas o cidadão-trabalhador. Entendendo que, numa sociedade de classe, a consciência do mundo é a consciência de classe, ou seja, ela se define a partir do horizonte histórico de uma classe social que, no nosso caso, é a classe trabalhadora. Sustentamos, contudo, que a educação politiza enquanto educação e, não, enquanto educação política. Assim, posicionamo-nos frontalmente contra o uso da educação pelo trabalho como instrumento de proselitismo político-partidário junto aos educandos.



5ª. A educação pelo trabalho não se inscreve no rol das Pedagogias não-diretivas. Antes, assume claramente o seu papel de prática pedagógica diretiva, crítica e democrática. Vemos na figura do educador, a maneira de Makarenko, o modelo para o educando, atuando a um tempo, dialeticamente, como limite do educando e como convite permanente a que ele supere as suas limitações. Não concebemos o processo educativo centrado no educador e nem no educando, mas na relação de trabalho educativo que se estabelece entre ambos. Portanto, é lícito se esperar da educação pelo trabalho firmeza, sem rigidez e força, sem prepotência na relação com o educando.

3.2 Debate

A exposição do Dr. Antônio Carlos Gomes da Costa (Oficial de Projetos do Unicef) sobre o tema "Educação pelo Trabalho" suscitou o debate que ficou a cargo dos Prof. Arno Kreutz (UFMA) e José Manuel de Macedo Costa.

Seguem-se considerações básicas apresentadas pelos debatedores:

- a. questão da democratização de oportunidades;
- b. relação trabalho/educação (não mecanicista mas s.l. multânea);
- c. conceito de trabalho (dominização - conjugação de coisas contraditórias- educação trabalho produtivo ;
- d. essência do homem não é trabalho (diferença entre homem e animal é de quantidade e não de qualidade);
- e. absorção pelo mercado de trabalho das pessoas que passam pela experiência;
- f. participação dos alunos no produto;
- g. educação geral não está satisfazendo (escolas públicas e também particulares);
- h. avanço da educação pelo trabalho produtivo - não seria o resgate de educação geral?

3.3 Síntese dos trabalhos de grupo

Grupo I

O papel da escola de 1º grau na preparação pelo trabalho.

A escola pública de 1º grau tem de resgatar o ensino qualificado. A formação geral é importante como a preparação do educando pelo trabalho. O currículo de 1º grau precisaria ser engajado e não dissociado da realidade do educando.

Precisaria também articular o saber fazer e não deixar de lado a ação pedagógica, formativa do saber fazer.

Concluimos que a escola básica deverá atender às necessidades políticas e sociais do educando e da comunidade. Nesse sen

tido, torna-se necessário resgatar a competência do educador e seu compromisso ao desenvolver o trabalho educativo, na perspectiva da formação básica do cidadão.

Grupo II

- . Implicações curriculares, face à proposta da educação pelo trabalho.

No currículo da escola básica há implicações de ordem conceitual, legal, administrativo, político e social.

Pontos que devem ser considerados:

- . Reformulação dos conteúdos de educação geral tendo o trabalho como eixo orientador, que permitia todos os conteúdos.
- . Manifestação da cultura e lazer são, igualmente, importantes na formação da cidadania e portanto, nos currículos da escola básica.
- . Articulação da teoria à prática através da vivência pelos alunos no processo produtivo.
- . Participação de todos os professores no processo educativo centrado no trabalho e dos alunos na totalidade do processo produtivo.
- . Mudança nas relações, no mundo do trabalho, que deverão caracterizar-se como, solidárias e não-exploradas.
- . Qualificação e conscientização do professor para os objetivos da educação básica: formação do cidadão e preparação para o trabalho pelo trabalho.

Grupo III

A Organização do Trabalho Educativo nas Escolas.

1. A implantação de núcleos de produção deve partir de consultas à comunidade, aos pais e aos alunos em reuniões realizadas na escola.

2. O corpo docente e administrativo da escola deve exercer o papel de facilitador neste processo de seleções dos núcleos, deixando com os alunos a opção pelas atividades produtivas, de acordo com seus interesses, necessidades e aptidões.

3. A comercialização dos produtos deve ser realizada por uma associação ou cooperativa dos alunos, professores e pais, a exemplo, da Associação de Pais, Mestres e Alunos, ou da Associação de Moradores da Comunidade. Neste particular, torna-se necessário registrar historicamente os dados do segmento produção, com a participação dos próprios alunos, como processo educativo da maior importância.

4. Ênfase deve ser dada à capacitação dos professores nas áreas de conhecimentos específicos ligados ao processo produtivo: noções de custos, contabilidade, planejamento financeiro, comercialização, lay-out, legislação trabalhista, relações humanas, segurança no trabalho, organização do trabalho etc.

5. Além destes aspectos, torna-se necessário:

- estabelecer calendário para a aquisição da matéria prima, execução e conclusão do trabalho (planejamento);
- programar a assistência (manutenção) das máquinas e equipamentos;
- elaborar projetos de organização administrativa dos núcleos de produção;
- fazer pesquisa de mercado para os produtos a serem fabricados (produção por encomenda ou em série);
- desenvolver com os alunos tecnologias atualizadas às atividades produtivas.

Grupo IV

Participação da Comunidade no Processo de Vinculação da Educação Básica ao Trabalho Produtivo.

O grupo encontrou dificuldades em discutir a questão da participação em função de:

- dificuldades dos técnicos em teorizar sobre o tema;
- falta de vivências dos técnicos com relação à participação.

O conceito de participação subjacente às práticas relacionadas restringe-se a:

- . adesão à idéias préestabelecidas;
- . colaboração;
- . presença física das famílias na escola.

No entanto, grupo entende que a participação da comunidade deverá assegurar a presença de fato da família em todo o processo: concepção, implantação, execução, avaliação e reprogramação.

As discussões deveriam versar sobre dois aspectos de participação:

- o conceito de participação e
- mecanismos de participação.

Verificou-se uma ansiedade muito grande das pessoas ao relatarem suas próprias experiências, percebendo-se que grande parte das dificuldades de execução deste projeto e de tantos outros, deve-se a não-participação, ou participação inadequada dos alunos e da comunidade na definição, condução e avaliação dos mesmos.

4. EXPERIÊNCIAS APOIADAS PELO PROJETO ESPECIAL

4.1 Linhas básicas - 1984-1988

Profa. Marília Miranda - Coordenadora do Projeto Especial.

- Promoção: Ministério da Educação
Organização dos Estados Americanos
- Coordenação: Secretaria de Assuntos Internacionais Apoio:
Delegacias do MEC nos estados Secretarias
estaduais ou municipais de Educação
- Execução: Escolas de 19 grau,
Centros de Educação e Trabalho,
ou centros de atendimento à criança e à família.
- Objetivo Geral: Contribuir para a formação básica do cidadão, ' por meio da integração entre a educação e o trabalho produtivo.
- Meta: Implementar atividades produtivas integradas ao currículo de escolas de 19 grau situadas em periferias urbanas carentes.
- Clientela: Alunos de 19 grau, provenientes de famílias de baixa renda, que freqüentemente estudam e trabalham, ou ainda abandonam a escola para se dedicar ao trabalho e complementar a renda familiar.
Adolescentes e adultos, da comunidade/ desempregados e sem qualificação.
- Dimensão: Pedagógica: Destaca-se a dimensão formativa do trabalho, mediante a articulação da prática à teoria, do fazer e ao saber, da ação à concepção, do trabalho manual e ao trabalho intelectual.

Social - Busca-se desenvolver atividades produtivas socialmente úteis aos alunos e à comunidade, de forma a responder a seus interesses e necessidades.

Econômica - Procura-se, em consequência do processo educativo, a geração de renda para o aluno (bolsa/trabalho) e a auto-sustentação das atividades produtivas.

Abrangência: 14 municípios
25 unidades de ensino 72
núcleos de produção 3820
alunos (ver anexo I)

Áreas de Produção: Marcenaria
Serralharia
Corte e costura
Processamento de dados
Cunicultura
Suinocultura
Avicultura
Horticultura
Artes gráficas
Alimentos
Tecnologia da pesca
Tecnologia do pescado
Tapeçaria
Artesanato: de couro, de pedra e de pele de coelho
Eletricidade
Calçados
Desenho arquitetônico
Serigrafia
Mecânica

Organização e funcionamento dos núcleos:

Proposta elaborada pela própria escola:

- . envolvimento da comunidade;
- . definição das atividades produtivas a serem implementadas;
- . preparação dos professores e instrutores;
- . reformulação dos conteúdos curriculares;
- . adaptação das instalações físicas;
- . aquisição de equipamentos e materiais;
- . organização da gestão e comercialização da produção.

O funcionamento dos núcleos de produção difere de escola para escola, de acordo com possibilidades da escola e características do núcleo:

- . Geralmente os núcleos funcionam em dois turnos diurnos (manhã e tarde) e eventualmente à noite;
- . Atendem aos alunos de 5ª a 8ª série, adolescentes e adultos da comunidade, em atividades de aprendizagem e produtivas;
- . O período de atendimento pode ser durante o turno de permanência do aluno na escola ou em turno alternado.

Avanços e dificuldades:

Do ponto de vista educacional:

- . articulação das atividades produtivas com os demais conteúdos do currículo;
- . debate sobre a prática pedagógica com professores e alunos a partir do contexto socio-político-cultural das classes populares;
- . participação do aluno em todas as fases do processo produtivo;
- . permanência do aluno na escola com vistas à conclusão de sua educação básica, face à inserção rápida no mercado de trabalho.

Do ponto de vista social e econômico:

- . auto-sustentação das atividades produtivas;
- . participação dos alunos nos resultados da produção (uso próprio, bolsa/trabalho);
- . inserção dos alunos no mercado de trabalho como autônomo ou empregado.

Do ponto de vista administrativo:

- . continuidade do processo face às mudanças administrativas em nível dos estados, municípios e escolas;
- . escassez de matéria prima diante das dificuldades próprias do processo produtivo.
- . oferta limitada de atividades produtivas em cada escola.

Perspectivas do Seminário (São Luís, 29.11 a 2/12/1988) da(s) escola(s) e

A partir da apresentação e discussão dos relatórios das experiências, que abordarão: .a caracterização geral

da(s) comunidade(s) atendida(s);

- a organização e o funcionamento dos núcleos de produção implantados;

- . os resultados alcançados, do ponto de vista educativo, social e econômico;

- as dificuldades encontradas, serão discutidas, à luz dos fundamentos teóricos sobre a relação educação e trabalho produtivo, metodologias e estratégias de sistematização, avaliação e consolidação institucional das experiências.

ANEXO I - Atividades produtivas efetivamente implementadas ou em fase de implantação, segundo o município, a unidade de ensino, as áreas de produção, o ano de implantação e a meta de atendimento alunos/ano.

UNIDADES DE ENSINO	ÁREAS DE PRODUÇÃO	ANO DE IMPLANTAÇÃO	META ALUNOS/ANO
I - RECIFE (PE)			
1. Escola de 19	• Marcenaria	1984	60
Grau Vasco da	• Serralharia e	1984	60
Gama Funda- ção Guararapes	• Solda		
	• Corte e Costura	1984	60
2. Escola de 1º	• Marcenaria	1985	60
Grau Maria do	• Corte e Costura	1985	60
Sampaio Lucena	• Práticas Nu		
Fundação	• tricionais	1985	60
Guararapes	• Práticas Ar		
	• tesanais	1985	60
3. Escola Muni- cipal da Várzea	o Corte e Costura	1988	30
	• Marcenaria	1988	30
	• Serralharia		
	e Solda	1988	30
4. Escola Muni- cipal do Arraial	• Corte e Costura	1988	30
Novo do Bom	• Ajustagem	1988	30
– sus	• Tornearia	1988	30
5. Escola de 19	• Marcenaria	1986	30
Grau Álvaro	• Serralharia	1986	30
Lins	• Nutrição	1986	30
	• Vestuário	1986	30
	• Artes Gráficas	1986	30

UNIDADES DE ENSINO	ÁREAS DE PRODUÇÃO	ANO DE IMPLANTAÇÃO	META ALUNOS/ANO
6. Escola de 19	• Tapeçaria	1986	60
Grau Francis co de Paula Corrêa de Araújo	• Criação de Coelhos e Co dornas	1988	60
7. Escola Sagrado Coração de Je- sus	• Tecnologia da Pesca	1987	60
	• Tecnologia do Pescado	1987	60
8. Escola Othon Paraíso	• Serigrafia	1988	60
9. Escola Alfredo Freire	• Serigrafia	1988	60
10. Escola Engo. Lauro Dinis	• Serigrafia	1988	60

UNIDADES DE ENSINO	ÁREAS DE PRODUÇÃO	ANO DE IMPLANTAÇÃO	META ALUNOS/ANO
II - NATAL (RN)			
1. Escola Municipal João XXIII	• Marcenaria	1985	30
	• Arte Culinária	1985	60
2. Escola Municipal José Soteró	• Marcenaria	1986	45
3. Escola Municipal Iapis-sa Aguiar	• Artes Gráficas	1986	45
III - MACEIÓ (AL)			
1. Escola Integrada Rosai vo Lobo	• Horticultura	1985	300
	• Cunicultura	1985	300
	• Artesanato	1985	30
	com pele de coelho	1988	30
		1988	30
	• Serralharia		
IV - SALVADOR (BA)			
1. Escola Parque	• Marcenaria	1985	45
	• Serralharia	1985	45
	• Corte e Costura	1985	45
	• Alimentos	1985	45
2. Escola Municipal de Cotos	• Serigrafia	1988	40
	• Corte e Costura	1988	40
	• Horta	1988	40
3. Escola Municipal de Pernambucoés	• Serigrafia		
	• Corte e Costura	1988	40
		1988	40

UNIDADES DE ENSINO	ÁREAS DE PRODUÇÃO	ANO DE IMPLANTAÇÃO	META ALUNOS/ANO
V - CEILÂNDIA (DF)			
1. Centro de Educação para o Trabalho	• Serralharia	1984 •	45
	• Marcenaria	1984	45
	• Corte e - ra •	1984	60
	Processamento de Dados	1986	30
VI - SERRA TALHADA (PE)			
1. Escola Cornélio Soares	• Marcenaria	1985	60
	• Serralharia	1985	60
	• Mecânica	1985	80
	• Práticas para o Lar	1985	400
VII - FLORESTA (PE)			
1. Escola Capitão Nestor Valgueiro de Carvalho	• Artesanato - Pedras	1985	60

UNIDADES DE ENSINO	ÁREAS DE PRODUÇÃO	ANO DE IMPLANTAÇÃO	META ALUNOS/ANO
VIII - CARUARU (PE)			
1. Escola Prof. Valfredo Pereira de Lisboa	<ul style="list-style-type: none"> • Artes Gráficas • Marcenaria • Eletricidade • Artesanato - Couro • Serralharia • Mecânica 	<p>1986</p> <p>1986</p> <p>1986</p> <p>1986</p> <p>1986</p> <p>1986</p>	<p>30</p> <p>30</p> <p>30</p> <p>30</p> <p>30</p> <p>30</p>
IX - PETROLINA (PE)			
1. Escola Dom Malan	<ul style="list-style-type: none"> • Serigrafia 	1988	60
X - COLINAS (MA)			
1. Escola de 19 Grau Haydée Chaves	<ul style="list-style-type: none"> • Artesanato • Horticultura • Suinocultura • Avicultura 	<p>1986</p> <p>1986</p> <p>1988</p> <p>1988</p>	<p>15</p> <p>15</p> <p>15</p> <p>15</p>
XI - SÃO LUÍS (MA)			
1. Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão	<ul style="list-style-type: none"> • Marcenaria • Desenho tetônico • Técnicas Agrícolas • Serigrafia • Serralharia • Educação para o Lar 	<p>1987</p> <p>1987</p> <p>1987</p> <p>1988</p> <p>1987</p> <p>1987</p>	<p>45</p> <p>45</p> <p>45</p> <p>45</p> <p>45</p> <p>45</p>

UNIDADES DE ENSINO	ÁREAS DE PRODUÇÃO	ANO DE IMPLANTAÇÃO	META ALUNOS/ANO
XII - TUTÓIA (MA)			
1. Escola Agrícola de Tutóia Prof ^a Leda Maria Chaves Tajra	<ul style="list-style-type: none"> • Horticultura • Avicultura • Tecnologia de Alimentos 	<p>1988</p> <p>1988</p> <p>1988</p>	<p>30</p> <p>30</p> <p>30</p>
XIII - CAMPO GRANDE (MS)			
1. Centro de Atendimento à Criança e à Família das Vilas Moreninhas	<ul style="list-style-type: none"> • Serralharia • Corte e ~ ra 	<p>1988</p> <p>1988</p>	<p>60</p> <p>60</p>
XIV - GOIÂNIA (GO)			
1. Escola Estadual Polivalente Prof. Goiany Prates.	<ul style="list-style-type: none"> • Costura Industrial • Calçados • Marcenaria 	<p>1988</p> <p>1988</p> <p>1988</p>	<p>60</p> <p>60</p> <p>60</p>

4.2 Relatório das Experiências Brasileiras

Experiências Implementadas em Escolas da Rede Estadual de Pernambuco.

Vardan de Miranda
Coordenador de Execução -
DEPG/1º grau.

Antes de descrever os projetos especificamente, gostaria de explicitar alguns princípios que definem a política da Secretaria de Educação com referência a educação e trabalho e, por conseguinte, que servem de base não apenas para as chamadas escolas-produção, mas para todas as escolas da rede estadual.

Em primeiro lugar, vale dizer que a educação-produção toma por base a função social da escola na formação do cidadão, que é a transmissão e a socialização do saber elaborado para construção de um novo saber. Considerando que como ser social o homem se completa no mundo do trabalho, criando, produzindo, transformando a natureza, a escola não pode isolar esta dimensão do seu conteúdo.

Ao chegar à escola, o aluno traz alguma referência acerca do mundo do trabalho. Seu saber é contudo fragmentado e difuso e, cabe a escola sistematizar este conhecimento. Neste sentido, dois aspectos básicos devem permear o ensino:

- o conhecimento e a interpretação das relações do mundo do trabalho, buscando a idéia de totalidade e

- a vivência de formas organizadas de trabalho coletivo, como forma a ser conquistada pela sociedade.

Neste contexto é que se chegaria a desenvolver as habilidades propriamente ditas.

Assim, todas as áreas do currículo têm responsabilidade de instrumentalizar o aluno para compreensão da realidade social complexa e proporcionar-lhe oportunidade de vivenciar práticas em que o processo produtivo, as relações sociais de produção, o conhecimento teórico e a prática política contribuam para a formação da cidadania.

Desse modo, caberia à escola, no conjunto de suas áreas de ensino:

- a) superar a fragmentação do conhecimento do aluno quanto ao mundo do trabalho;
- b) superar a desvinculação entre o pensar e o fazer;
- c) vivenciar na prática pedagógica, uma prática democrática de trabalho coletivo.

Contextualização

Distinguem-se três redes de ensino no sistema escolar de Pernambuco: a estadual, a municipal e a particular. Salientamos, especificamente, as escolas da rede estadual.

De 1971 a 1985 era compulsória a oferta de formação especial (iniciação profissional no 19 grau) nas escolas brasileiras. Com a Lei 7044/82, acabou-se a obrigatoriedade ficando, porém, a idéia de manter a "Preparação para o trabalho" no currículo-escolar.

No estado, as escolas foram convidadas a redefinir seus currículos, através de um processo de discussão no interior das

mesmas decidindo-se como ficaria a questão de cada uma delas, segundo suas condições concretas (professores, equipamento, recursos locais, estímulos comunitários, aspirações dos alunos).

Com isto, a Secretaria assumiu o compromisso de fortalecer aquelas que optassem por um aprofundamento maior na área de educação e trabalho.

Assim, surgiram as escolas com potenciais para desenvolvimento de núcleos de produção.

Uma outra vertente que originou escolas-produção foi a área de educação artística. Há 10 anos a Secretaria desenvolve experiências do Prodiarte. O Prodiarte gera núcleos de artesanato e escolas de dança. A partir de 1983, iniciou-se um processo de avaliação e redirecionamento dos núcleos de artesanato sem isolar a questão da criatividade, mas também retomando-a, começou-se enfatizar igualmente a questão do produto no mercado. Ao longo do tempo, as atividades artístico-culturais têm sido esquecidas, quando se trata de preparação para o trabalho. A educação artística pode ser pensada também sob o ponto de vista econômico, na produção de bens culturais.

A partir de propostas metodológicas diferentes foram elaboradas três projetos semelhantes: o Pedrarte, a criatividade em tapeçaria, a renda renascença e serigrafia.

Desta forma, as experiências de escola-produção na rede estadual partiram do fortalecimento das experiências surgidas nas próprias escolas originárias, seja da área de formação especial, com as práticas, ou seja de propostas de educação artísticas com o Prodiarte. Isto explica a diversidade dos projetos.

Assim, fica claro que consideramos como critério para a

escolha das escolas, quando ela própria chegar a apresentar potencialidade de criar e desenvolver núcleo capaz de fazer o aluno vivenciar todo o processo produtivo (pensar, fazer, vender); como o envolvimento não só das práticas mas também das disciplinas de educação geral.

Na escolha das localidades tem-se procurado conciliar as necessidades de atendimento de caráter emergencial das populações carentes na área metropolitana.

PROJETOS APOIADOS :

1 - Escola Cornélio Soares - Serra Talhada

. N9 de alunos: 1.200

. Núcleo de Produção: Práticas Industriais: metal, serralha-

ria, marcenaria

Práticas Integradas do Lar: vestuário

Práticas Comerciais.

. Recursos: US\$ 20,000,00

2 - Escola Capitão Nestor Valgueiro Carvalho - Floresta

. N9 de alunos: 846

. Núcleo de Produção: Artesanato em pedra - Pedrarte

. Recursos: US\$ - (incluso no recurso acima)

3 - Escola Prof. Lisboa - Caruaru

. N9 de alunos: 1.579

. Núcleo de Produção: Práticas Industriais: metal, madeira, gráfica, criação de micro-empresa em artesanato de madeira.

. Recursos: US\$ 8,500.00

4 - Escola Álvaro Lins - Recife

. N9 de alunos: 2.100

. Núcleo de Produção: Práticas Industriais: madeira e metal
Práticas Integradas do Lar: alimentação e
vestuário.

. Recursos: US\$ 5,000.00

5 - Escola Polivalente Pe. Osmar Novaes - Paulista

. N9 de alunos: 1.200

. Núcleo de Produção: criação de aves e caprinocultura

. Recursos: US\$ 4,000.00

OBS: Desativado

6 - Escola Francisco de Paula C. de Araújo - Camaragibe

. N9 de alunos: 2.300

. Núcleo de Produção: tapeçaria

. Recursos: US\$ 11,000.00

. Núcleo de Produção: práticas agrícolas: criação de coelhos
e codornas.

. Recursos: US\$ 8,069.00

7 - Escola Sagrado Coração de Jesus - Olinda

. N9 de alunos: 779

. Núcleo de Produção: tecnologia de pesca e do pescado

. Recursos: US\$ 16,790.00

8 - Escola Dom Malan - Petrolina

. N9 de alunos:...

. Núcleo de Produção: serigrafia

- 9 - Escola Othon Paraíso . N9 de
alunos:... . Núcleo de Produção:
serigrafia
- 10 - Escola Alfredo Freire - Recife . N9 de
alunos:... . Núcleo de Produção:
serigrafia Recursos: (três escolas) -
US\$ 7,660.00

A seguir, serão relatadas as experiências implantadas.

PROJETO: ESCOLA FRANCISCO DE PAULA C. DE ARAÚJO

Localização: Rua Teodoro Borges, 150 - Bairro Timbi - Camaragibe/PE.

1 Caracterização Geral da Escola e da Comunidade Atendida:

a) Tipo de escola

- Escola de 1º e 2º graus, caracterizada como de periferia urbana, um bairro residencial.

A escola funciona em 4 (quatro) turnos com um total de 2.320 alunos, oferecendo ensino do pré-escolar, 1º e 2º graus completos, com habilitação profissional em magistério de 13 a 43 série do 1º grau.

Mantém atividades de um clube de mães - oferecendo cursos que visam contribuir para a melhoria da renda familiar da comunidade. Mantém também um clube de jovens oferecendo assistência social aos mais carentes.

Atualmente oferece núcleo produtivo em tapeçaria e criação de pequenos animais (coelhos e codornas) ; nestes são atendidos alunos de 5ª a 8ª série, desenvolvendo práticas de manejo dos animais, abate, comercialização, etc.

b) Alunos atendidos

Número - 1.200 alunos

Série - 5ª a 8ª Idade: 13 a 18 anos

Situação repetência/evasão: de 5ª para a 6ª série oscila em torno de 30%, de 6ª para 7ª série - 12% e 7ª para 8ª série - 18%; a evasão gira em torno de 3% anual.

Necessidades sócio-econômicas - ou grande percentual dos alunos são filhos de biscateiros, vendedores ambulantes, costureiras, tapeçeiros, operários, sapateiros, pedreiros, domésticas, professores, predominando grande número de desempregados e subempregados o que deixa preocupante o processo educativo tendo em vista a escassez de necessidades básicas destes alunos não serem atendidas por suas famílias.

c) Comunidade

- Nível sócio-econômico baixo.-a renda salarial gira em torno de 1 a 1,5 salário mínimo.
- Atividade produtiva predominante - é a de prestação de serviços como encanadores, vendedores ambulantes, costureiras, biscateiros, sapateiros, etc; como também as microempresas de tapeçaria.
- Estratégias adotadas anteriormente com vistas à preparação para o trabalho:

Pontos positivos: abertura da escola como núcleo de produção do artesanato em tapeçaria e criação de animais.

A escola é considerada na comunidade como uma agência capaz de desencadear o processo de profissionalização/educação nos setores primário, secundário e terciário.

Pontos negativos: falta de recursos financeiros para apoiar os projetos, alto custo de materiais, limitando o atendimento; recursos humanos cada vez mais deficitários devido aos baixos salários oferecidos pelos órgãos governamentais. Falta de reciclagem pedagógica e técnica dos professores envolvidos. Instalações e equipamentos ultrapassados não acompanhando o avanço tecnológico da sociedade.

2. Caracterização Geral do Projeto

a) Implantação de atividades produtivas

- Objetivos

despertar interesse no alunado, na exploração zootécnica, na criação de animais de pequeno porte, visando dinamizar a aprendizagem técnica, diminuir a evasão escolar, **integrar** os conhecimentos de outras disciplinas no contexto do currículo e gerar recursos financeiros decorrentes da comercialização dos produtos como pele, carne, ovos, ador-nos, tapetes, almofadas, bolsas, etc.

Fortalecer a comunidade escolar na melhoria do padrão alimentar através da merenda escolar com a introdução de carne e ovos nas refeições fornecidas pela escola.

- Propiciar condição para iniciação de projetos produtivos na comunidade local.
- . Reproduzir o mundo do trabalho, oportunizando ao educando vivenciar todo o processo referente a criação de pequenos animais, fabricação de objetos oriundos destes animais.

b) Núcleos implantados

- Tapeçaria em 1985
- Criação de pequenos animais 1987 (coelhos e codornas)

c) Fatores que influenciaram na seleção dos núcleos

- A clientela da escola, oriundo de família pobres de baixa renda, incapaz de absorver alimentos de boa qualidade e alto valor protéico; a disponibilidade do professorado em engajar na melhoria do padrão do alunado, melhorando conseqüentemente seu aproveitamento no processo ensino-

aprendizagem; o apoio da comunidade em preservar o patrimônio escolar, antes depredado como forma de revolta.

d) Organização e funcionamento dos núcleos

Ê feito sob a responsabilidade do professor de práticas agrícolas, assessorado por todo o corpo docente, os quais juntos planejam as etapas de execução do projeto, visando os aspectos pedagógicos e produtivos com a exploração dos animais.

O funcionamento é contínuo, apresentando dois turnos de atendimento regular aos animais, de 7 às 11 horas e de 13 às 17 horas, assessorados pelos alunos de 5ª a 8ª série do 2º e 3º tur-nos escolares.

e) Carga horária

8 horas diárias para operações de produção, manutenção do plantel, beneficiamento de couro, pele e comercialização da carne.

4 horas/aula semanais para estudo tecnológico e zootécnico dos animais.

f) Perfil dos alunos atendidos

A identificação do projeto pelos alunos de 5ª a 8ª série é de 100% do total matriculados na área de práticas agrícolas, oscilando no total de 475 alunos.

g) Articulação com os conteúdos de educação geral

Há boa articulação principalmente com os professores de Matemática, que ensinam todas as relações de contabilização matemática, cálculo de dias de gestação, incubação, comercialização, custos percentuais, gráficos, etc.

Os conteúdos de ciências abordam o animal no seu aspecto produtivo, anatômico, classificação, etc, e de estudos sociais - exploração geográfica e história da evolução dos animais/homem.

h) Perfil profissional e atividades de treinamento dos professores

O perfil é bom, necessitando capacitação em serviços devido aos avanços técnicos que a ciência desenvolve.

i) Mecanismo de comercialização

Com a comunidade e alunos, carne e animais são vendidos pelos alunos à comunidade local, beneficiando diretamente as famílias de alunos mais pobres com o fornecimento de carnes e ovos.

3 Resultados alcançados

a)- Do ponto de vista pedagógico

- Efeito no desempenho escolar do aluno - melhorou, pois o adolescente e pré-adolescente sentem necessidade de aprender a produzir, conforme já fazem na sua vida cotidiana com a comercialização de picolés, pipoca, cocadas, tapiocas, etc. A atividade produtiva com animais é um lado não explorado e causa grande aceitação principalmente pelo lado tecnológico aplicado, como vacinações, aspecto imunológico, cirurgias, etc. Um fator relevante é a permanência do aluno na escola aprendendo algo útil para sua subsistência, fator preponderante na sua vida.

- Na assiduidade e frequência escolar

Melhorou cerca de 80%. Os alunos tomam consciência de

que estão aprendendo algo útil, como participação na comercialização e produção de adorno para si, tais como chaveiro, pé de coelho etc.

- Efeitos nos índices de repetência e evasão escolar: a repetência continua como o grande desafio da escola atual, pois decorre não só das condições de ensino como também das condições do professor, dos recursos de avaliação do ensino/aprendizagem. Há necessidade, portanto, de capacitação periódica, para responder a esses problemas e, considerando principalmente que a comunidade escolar tem um padrão de variação de vida muito diversificado.

A evasão tem diminuído na proporção em que a escola se apresenta atrativa ao aluno e se aproxima da realidade do seu cotidiano.

- Participação do aluno no processo produtivo

É boa a dedicação do alunado no projeto de produção vivenciado na escola, pois se trata de criação na qual o alunado acompanha desde cobertura da fêmea pelo macho - gestação - crescimento e do abate dos animais para alimentação, beneficiamento da pele, couro, etc. Isto sustenta a atenção constante do aluno em cada etapa, levando-o a distinguir o processo de criar - cuidar e abater os animais em benefício da população e da sua subsistência alimentar, ou seja, atender o processo global zootécnico da vida animal com relação ao homem.

b)-Do ponto de vista social

É um dos aspectos mais importantes que o projeto tem apresentado, pois anteriormente o alunado de 5ª a 8ª série apresentava um maior interesse pelo futebol, no horário de aula normal e no intervalo, provocando transtorno disciplinar em toda a comunidade escolar. Com o projeto de criação, o espaço do futebol

foi mantido nos intervalos préestabelecidos. No entanto, o tempo maior é dedicado às atividades zootécnicas e discussão, entre alunos, dos problemas que se apresentam.

c) - Do ponto de vista econômico

O alto custo de produção, principalmente para iniciar o processo produtivo, é o grande entrave para se estender esta prática à comunidade local e escolar. O nível de participação do aluno no processo de produção é ótimo. A perda de lâparos, por falta de assistência, é mínima, uma vez que o engajamento do alunado é bom, garantindo o sucesso do núcleo de produção.

Quanto a capacidade de auto-sustentação do núcleo, só no decorrer de sua execução poderá ser feita uma avaliação quanto a sua continuidade ou não.

O que se busca é que todo o processo produtivo, tecnicamente, garanta a auto-sustentação, criando-se condições para que os alunos assumam a responsabilidade perante o patrimônio escolar e que o interesse da escola supere o interesse individual.

4. Dificuldades encontradas

- Administrativas

O processo de aquisição de materiais no desenvolvimento do projeto é falho devido à demora do processo de compra. A escola está mais credenciada para escolha e definição da quantidade e qualidade dos materiais a serem adquiridos.

No caso do projeto de criação de coelhos, o grande entrave é como adquirir ração, uma vez que o processo normal demora de 15 a 20 dias para ser liberado pela OEA.

- Pedagógicas

Corpo docente deve ser mais engajado no processo global de atuação do núcleo - existe resistência em certas matérias do núcleo comum que muito poderia contribuir para o aperfeiçoamento do rendimento da equipe pedagógica.

Interação com outros órgãos de Governos para assessorar a equipe de professores no campo social e econômico para que a escola seja um instrumento de capacitação da comunidade discente.

5. Estratégias de ação para melhoria e expansão das experiências

. possibilidade de continuação e ampliação das experiências.

Dar continuidade ao que está dando certo fazendo com que a escola possa contribuir para a melhoria das condições de vida da população.

Sistematizar melhor o processo de acompanhamento e capacitação dos professores, atendendo a perspectiva de que a escola-produção é um local onde o aluno possa ampliar os seus conhecimentos.

Levantar recursos através de fontes de financiamentos, que possibilitem a implementação das ações básicas.

PROJETO: ESCOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - OLINDA

1. Caracterização Geral da Escola e da Comunidade

1.1 Tipo de escola

A Escola Sagrado Coração de Jesus, está localizada nos Sítios Históricos de Olinda, mais precisamente no bairro do Amaro Branco, onde há 64 anos desempenha suas funções educativas. A nossa escola é composta por 16 professores de 1ª a 4ª série do 1º grau, 13 professores de 5ª a 8ª série do 1º grau, sendo todos qualificados. Atuamos também com um diretor, uma vice-diretora, um secretário, três educadores de apoio, três coordenadores da central tecnológica, quatro responsáveis pela biblioteca, sete agentes administrativos e onze auxiliares de serviços gerais.

1.2 Alunos atendidos

Atendemos a 779 alunos em três turnos, distribuídos desde o pré-escolar até a 8ª série do 1º grau. Suas idades compreendem dos 4 aos 35 anos. Possuímos um grande número de desistências e o nosso índice de reprovação é muito alto. A justificativa encontrada é a da prioridade máxima dos nossos alunos para com a sua sobrevivência e da sua família.

1.3 Comunidade

Nossa comunidade é formada basicamente por trabalhadores de baixa renda. A composição social do bairro é de biscateiros, pedreiros, lavadeiras, domésticas e um grande número de pescadores. As famílias são numerosas, e este é um fator que contribui fortemente para o ingresso dos filhos na força de trabalho, força esta não qualificada mas necessária no sentido da contribuição da renda familiar.

1.4 Estratégias

A estratégia adotada por esta escola, no sentido de garantir a permanência do aluno nesta U.E., foi a de substituir a prática comercial existente por atividades pesqueiras, visto que era grande a dificuldade dos alunos em conseguir emprego no comércio ou nas agências bancárias. E tendo o bairro um grande número de pescadores, investiu-se nesta atividade, até porque os alunos de alguma forma lidavam com esta atividade.

2. Caracterização Geral do Projeto

2.1 Objetivos propostos

Utilização do trabalho associado ao processo educativo, como fonte de renda para educandos carentes e suas famílias de forma que estes não abandonem a escola em busca de trabalhos ou outros.

2.2 Núcleos implantados

2.2.1 tecnologia de pesca

2.2.2 tecnologia de pescado

2.3 Fatores que influíram na seleção dos núcleos

2.3.1 tecnologia de pesca

Por ser a escola localizada em região pesqueira, e a necessidade de inserir a escola na vida da comunidade.

2.3.2 tecnologia do pescado

Pela proximidade física da escola com a colônia dos pescadores.

2.4 Organização e funcionamento dos núcleos

Funcionariam de forma independente. Como exemplo cita-mos:

2.4.1 tecnologia de pesca

Confecção e comercialização dos aparelhos produzidos, dentro do próprio espaço físico da escola.

2.4.2 tecnologia do pescado

Fabricação na própria escola, comercialização na colônia dos pescadores, feiras livres e merenda escolar.

2.5 Carga horária

Matérias	Série/Carga			horária
	5 ^a	6 ^a	73	
Orientação para o Trabalho	2	1	1	1
Atividades Pesqueiras		2	3	3
Carga horária semanal	2	3	4	4

2.6 Horário de funcionamento

O atendimento é feito em horário diferenciado, como por exemplo:

pesca: aulas teóricas no turno normal que frequenta o aluno, e as aulas práticas no turno da manhã, cabendo dois dias na semana para sua realização.

2.7 Perfil e número de alunos atendidos

Nossos alunos envolvidos com as práticas de pesca e do lar, são da seguinte ordem:

2.7.1 7ª série - 25 alunos.

2.7.2 8ª série - 17 alunos.

2.8 Conteúdos programáticos

2.8.1 Tecnologia de Pesca

- a) introdução à pesca
- b) histórico da pesca
- c) classificação da pesca
- d) materiais utilizados na confecção de apere-lhos de captura
- e) aparelhos confeccionados com linhas e anzóis
- f) aparelhos confeccionados com panagens
- g) principais aparelhos de pesca utilizados na nossa região
- h) restauração dos aparelhos de pesca.

2.8.2 Tecnologia do Pescado

- a) características do pescado fresco
- b) cuidados com o pescado
- c) conservação do pescado a bordo
- d) conservação do pescado em terra
- e) uso da refrigeração no pescado
- f) salga
- g) filetagem
- h) aulas práticas.

2.8.3 legislação pesqueira e entidades de assistência ao pescador.

a) A Sudepe - aplicação da legislação pesqueira

b) Entidades de assistência ao pescador

. colônia de pescadores

. sindicato.

2.8.4 Biologia pesqueira

a) os oceanos

b) propriedades físicas da água

c) propriedades químicas da água

d) microorganismos marinhos

e) organismos superiores

f) mamíferos aquáticos

g) peixes de maior valor econômico e sua biologia

h) crustáceos de maior valor econômico

i) moluscos de maior valor econômico.

2.9 Perfil profissional

2.9.1 Ernandes da Costa e Silva

Engenheiro de pesca

Extensionista na Sudepe/PE

com curso de aperfeiçoamento em:

. gerência de entreposto de pesca

. capacitação inicial de extensão pesqueira.

2.9.2 José de Brito Alves Neto

Engenheiro de pesca

Extensionista na Sudepe/PE

com curso de aperfeiçoamento em:

. gerência de entreposto de pesca

. capacitação inicial de extensão pesqueira.

2.9.3 Paulo Guilherme de A. Albuquerque
Engenheiro de pesca
Professor Assistente IV da UFRPE
Supervisor da área de tecnologia de pesca e do
Departamento de Pesca da Universidade Federal
Ru-ral de Pernambuco.

2.9.4 René Jerônimo de Araújo
Presidente do Sindicato dos Pescadores do Estado
de Pernambuco.

2.9.5 Maria Tereza E. Albuquerque
Bióloga
Extensionista de pesca da Sudepe/PE.

2.10 Mecanismo de comercialização dos produtos

Está em processo de discussão como deve ser desenvolvi-
da essa ação, uma vez que tem implantações legais, em se tratando
de uma escola e entidade pública que não visam lucros.

3. Resultados Alcançados

3.1 Quanto aos aspectos pedagógico e de desempenho escolar
do aluno, não foi possível detectar um efeito imediato, conside-
rando que o projeto tem pouco tempo de iniciado. No entanto, perce-
be-se um interesse da clientela pela ação desenvolvida através
do projeto.

3.2 Efeitos na assiduidade e freqüência ã escola - repetên-
cia e evasão.

Continuamos com evasão e reprovação em nível percen-
tual normal, até porque os fatores determinantes estão também
no contexto social.

3.3 No que se refere à participação do aluno no processo produtivo e à familiarização com o mundo de produção, faz-se necessário um maior engajamento da escola, possibilitando uma maior participação do aluno.

3.4 Do ponto de vista social

O projeto tende a trazer contribuições em termos da melhoria das condições de vida da população.

3.5 Adequação das atividades produtivas aos interesses e necessidades dos alunos e da comunidade.

Estamos no momento dentro de um processo de redefinição da Escola-Produção para a Sagrado Coração de Jesus. Queremos que na prática os avanços existam de fato, com a participação dos alunos, professores e da nossa comunidade. O nosso estágio de hoje monta em um ensino profissionalizante de pesca.

4. Dificuldades Encontradas

4.1 Administrativas

O projeto foi pensado quando a escola não possuía quadros próprios que assegurasse o seu funcionamento. Hoje, o governo de Pernambuco consegue viabilizar parte deste projeto, lotando, em nossa U.E., um profissional do quadro da rede que cursa em engenharia de pesca.

Vale salientar que, a escola inicialmente, enfrentou grandes dificuldades pela ausência dos técnicos, no sentido de garantir a instalação dos dois laboratórios, e principalmente o Laboratório de Tecnologia do Pescado.

4.2 Pedagógicas

O projeto tem possibilidade de contribuir para uma melhor ação da prática pedagógica.

5. Estratégias de ação para melhoria e expansão das experiências

5.1 Possibilidades de continuação e ampliação da experiência

No momento o projeto está em fase de implantação das duas áreas/O que dificulta uma avaliação quanto a esses aspectos.

5.2 Número de alunos que serão atendidos anualmente

Nossa escola tem condições de atender a cerca de 1.200 a 1.500 alunos. Hoje/atendemos 779 alunos, dos quais 32 praticam a prática de pesca em nível de ensino profissionalizante. Den-tro do nosso trabalho desenvolvido junto ã comunidade interna e externa, temos previsão que possivelmente deveremos dobrar esses números.

5.3 Motivo de suspensão das atividades

A Escola-Produção teve dificuldades inicialmente devido ã localização de profissionais qualificados na área que garantam seu funcionamento. O que se pretende de fato é que a escola atue como ensino profissionalizante em pesca.

PIANO DE AÇÃO

Aspectos que devem ser propostos para encaminhamento das experiências.

- Manutenção ensino-aprendizagem em se tratando de materiais de consumo e permanente.
- Reunião sistemática para estudos dos problemas de ordem administrativa com relação a escola e o projeto.
- Reunião sistemática com o pessoal técnico e administrativo entre a escola e a SE/DEMEC/DEC.
- Constituir uma equipe de acompanhamento às escolas envolvidas no projeto de educação/produção.
- Promover maior integração entre o corpo docente, discente e pessoal técnico-administrativo e comunidade com relação ao processo do ensino/produção.
- Com relação aos Projetos de Serigrafia - retomar as atividades produtivas.
- Projeto de Tecnologia do Pescado é viável do ponto de vista didático/pedagógico, sendo necessário redefinir capacitação de recursos humanos para que o mesmo venha funcionar.

Quanto aos demais, será dado maior suporte técnico e administrativo através de um grupo que fará um acompanhamento sistematizado.

1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA E DA COMUNIDADE:

a) a escola atende a 19 e 29 graus;

b) temos na Escola Capitão Nestor Valgueiro de Carvalho um total de 846 alunos:

c) o nosso Projeto Pedrarte recebe das escolas alunos da 5ª a 8ª série, com idade entre 11 e 23 anos. Aceitamos também alunos vindos da comunidade, mesmo que não sejam estudantes;

d) temos no quadro a seguir uma apresentação da evasão e repetência na nossa escola, durante o ano de 1987;

e) existe um alto índice de desemprego entre os jovens, principalmente aqueles da periferia da cidade. Durante as longas estiagens, estes jovens ficam concentrados na cidade sem trabalhar, mesmo porque estudam e não podem se deslocar para fora. Muitos se desesperam devido a falta de dinheiro e partem para outros trabalhos existentes na região. Para que não abandonem os estudos e se dirijam para um mundo maligno, procuramos atividades artesanais para mantê-los ocupados e repassarmos nossas habilidades no aproveitamento das rochas existentes na região, obtendo, assim, um pouco de dinheiro na venda de seus trabalhos artesanais;

f) a comunidade que frequenta o nosso curso (Pedrarte) - escola produção é de nível social de classe média e baixa renda.

g) as atividades produtivas da nossa comunidade são apenas agricultura e pecuária, as mesmas estão sujeitas a prejuízos já esperados durante o período da seca. Já o artesanato, pode ser explorado o ano todo, independente de seca ou inverno>

h) a estratégia que adotamos atualmente é produzir peças artesanais através da ajuda de alunos já habilitados, para adquirir recursos financeiros para uma possível estruturação e manutenção do Projeto Escola-Produção. Até o momento, estamos obtendo pequenos resultados, mas muito insignificantes para o nosso objetivo - ser um projeto autônomo, e que possa se manter ape_

nas com a sua produção artesanal. Hoje existe uma pequena produção, a qual nos oferece recursos para a organização do atelier.' E o que se tem feito são trabalhos manufaturados;

i) temos, como pontos positivos, jovens preparados para produzir e repassar suas habilidades artesanais, e muitas toneladas de rochas a disposição do nosso atelier da Escola-Produção;

j) atualmente consideramos ponto negativo:

- a falta de recursos para concluir a estruturação deste projeto (arte em pedra);
- a falta de coordenação/até mesmo pedagógica, por parte das secretarias.

2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO PROJETO

2.] OBJETIVOS

- Preparar mão-de-obra especializada para que possa futuramente ser mais uma atividade produtiva na região;
- Conscientizar a comunidade - da existência de grandes variedades de rochas úteis ao artesanato;
- Levar a estes jovens artesãos a técnica sobre a pedra-sabão, para que possam conhecê-la e retirá-la do campo, levando-a até mesmo para os quintais de suas casas, transformando-a através de diversas formas de artesanato.

O Trabalho em Pedra caracteriza este projeto com uma denominação de Pedrarte.

Fatores que influenciaram para a existência do Projeto Pedrarte, foram:

- um núcleo artesanal que formou artesão na cidade e desativado posteriormente;
- jovens da comunidade especializados (habilitados) no artesanato em pedra;

- abundância de matéria prima na região (rochas via veis para o artesanato);
- empresas particulares explorando os artesãos de forma escravizante, atuando como empresas multinacionais;
- a partir do momento que a comunidade sentiu dominar a rocha, interessou-se a explorar o artesanato em pedra.

2.2 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

- . O Pedrarte fica à disposição de três escolas da cidade;
- . No início seleciona um número considerável de alunos de cada escola, após uma divulgação das atividades do Projeto Pedrarte;
- . Cada escola coloca à disposição do Projeto Pedrarte um ou mais professor para levar e trazer os alunos e sua responsabilidade;
- . No atelier temos um professor artesão e três monitores preparados para dar assistência aos alunos interessados.

2.3 CARGA HORÁRIA

O núcleo funciona em dois horários pela manhã e à tarde durante 8 horas diárias.

2.4 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

5ª SÉRIE

OBJETIVO	CONTEÚDO	ATIVIDADE
<p>Levar os alunos a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - realizar em barro as formas geométricas; - reproduzir em pedra formas geométricas já projetadas em maquetes de barro; - modelar pequenas esculturas em maquetes de barro; - reproduzir esculturas com pedra; - desenvolver a criatividade através da Livre expressão em construções no barro e na pedra. 	<ul style="list-style-type: none"> - modelagem em barro das formas geométricas: cubo, esfera, cilindro, pirâmide (tetragonal), pirâmide (trigonal), prisma (hexagonal), romboedro, retângulo (trigonal); - escultura em pedra: calcário e mármore, formas geométricas das maquetes de barro; - modelagem com barro, projetando uma escultura em maquetes pequenas; - reprodução com pedra: mármore, calcário ou pedra sabão, uma escultura tomando por base a maquete de barro; - confecção de peças criativas, utilizando o barro e a pedra. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de barro na construção de formas geométricas, fazendo um trabalho manual e rústico com pouco acabamento; - transferência de formas em maquetes para a pedra; - utilização do barro na criação de esculturas pequenas para serem usadas no próximo processo como maquetes modelo.

OBJETIVO	CONTEÚDO	ATIVIDADE
<p>Oferecer aos alunos condições de:</p> <ul style="list-style-type: none"> . modelar em barro formas geométricas; . produzir em pedra formas geométricas, usando uma das maquetes de barro; . modelar pequenas esculturas em barro; . reproduzir em pedra as esculturas em maquetes de barro; . desenvolver a criatividade dos alunos possibilitando ao mesmo tempo condições para a livre expressão; . modelar no barro peças de souvenir; . reproduzir na pedra de souvenir feita no barro; . modelar em barro, peças para bijuterias; . reproduzir na pedra, bijuterias feitas no barro; . desenvolver no aluno, o senso de aproveitamento da matéria-prima em peças de valor estético. 	<ul style="list-style-type: none"> - modelagem em barro de formas geométricas: cubo esfera, cilindro, pirâmide (tetragonal), prisma (tetragonal, pirâmide (trigonal), prisma (hexagonal), romboedro e retângulo (trigonal); - construção em formas geométricas em pedra: mármore, calcário, granito, usando uma das maquetes de barro; - modelagem de pequenas esculturas em barro; - reprodução de esculturas de barro em pequenas esculturas de pedra: sílexito, amazonita, granito, calcário, mármore e pedra-sabão; - modelagem em barro de peças de souvenir, à livre expressão dos alunos; - reprodução de peças de souvenir em peças de pedra; - modelagem em barro, pequenas peças para bijuterias, como: colar, pulseiras e etc; - reprodução em pedra das bijuterias de barro. 	<ul style="list-style-type: none"> - utilização do barro na confecção das formas geométricas, fazendo um trabalho manual e rústico com pouco acabamento; - transferência das formas dadas em maquetes para pedra; - utilização do barro na modelagem de esculturas pequenas, para serem usadas como maquetes no processo seguinte; - transferência para a pedra, de esculturas feitas em barro; - formação de peças de souvenir, utilizando as máquinas como meio de maior produção; - modelar com barro pequenas peças em formas diversas, para a montagem de bijuterias; - reproduzir em pedra as peças de barro, utilizando as máquinas de artesanato para o processo de acabamento.

OBJETIVO	CONTEÚDO	ATIVIDADE
<p>Conduzir os alunos ao desenvolvimento da capacidade de:</p> <ul style="list-style-type: none"> . modelar em barro as formas geométricas; . modelar pequenas e grandes esculturas em barro; . reproduzir pequenas e grandes esculturas de barro em esculturas de pedra; . desenvolver a criatividade, através da construção de peças de livre expressão; . preparar maquetes de esculturas em barro, para serem trabalhadas em pedra; . reproduzir peças de souvenir; . reproduzir pequenas peças de pedra, para bijuterias. 	<p>- Modelagem no barro das formas geométricas: cubo, esfera, cilindro, pirâmide (tetragonal), prisma (tetragonal), pirâmide (trigonal), prisma (hexagonal), romboide e retângulo (trigonal);</p> <ul style="list-style-type: none"> . reprodução nas máquinas das formas geométricas utilizando as pedras existentes no ateliê, usando o molde das maquetes de barro; . modelagem com barro, pequenas e grandes esculturas, trabalhando o barro com as mãos; . reprodução em pedras, pequenas e grandes esculturas, utilizando os moldes das maquetes de barro; . construção de peças criativas e imaginárias, utilizando o barro e depois a pedra; . reprodução de peças souvenir em pedras, utilizando as máquinas de artesanato; . formação de pequenas peças de pedra, para a montagem de bijuterias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação do barro na confecção das formas geométricas, fazendo um trabalho manual e rústico com pouco acabamento; - Transferência de formas dadas em maquetes de barro para a pedra utilizando as máquinas; - Aplicação do barro em projetos de maquetes de pequenas e grandes esculturas; - Reprodução na pedra do projeto da escultura, anteriormente feito em maquetes de barro; - Criação no barro de peças imaginárias usando a criatividade dos alunos, transferindo posteriormente para a pedra; - Formação de peças souvenir de pedra, usando as máquinas de artesanato; - Formação de pequenas peças de pedra para a confecção de bijuterias, utilizando as máquinas de artesanato.

OBJETIVOS 1	CONTEÚDO 2	ATIVIDADES	MATERIAL DE APOIO	DURAÇÃO
<p>Levar o aluno a:</p> <p>1.1. apresentar no papel gravuras como plano inicial.</p> <p>1.2. serrar a pedra em forma de blocos.</p> <p>1.3. modelar a pedra, talhando.</p> <p>1.4. lixar as peças</p> <p>1.5. dar polimento ou envernizar as pedras.</p>	<p>2.1. desenhar, explorando a criatividade.</p> <p>2.2. serrar a pedra sabão.</p> <p>2.3. talhar ou esculpir.</p> <p>2.4. lixar as peças</p> <p>2.5. lustrear, polindo ou envernizando.</p> <p>2.6. comercializar</p>	<p>Após uma explanação geral, levar o aluno a uma fase de relaxamento, utilizando papel de ofício e lápis cêra e tendo a gravura como plano inicial.</p> <p>Apresentação de técnicas para reduzir a pedra em blocos, utilizando serrote ou serra.</p> <p>Demonstração de formas esculpidas para talhar ou esculpir a pedra utilizando ferramentas tais como: formões, grossa, talhadeira, faca de mesa, etc.</p> <p>Apresentação de técnicas para polimento, com cêra, flanela ou verniz.</p>	<p>pedra-sabão</p> <p>serrote</p> <p>serra</p> <p>grossa</p> <p>limatão</p> <p>formões</p> <p>lixa</p> <p>flanela</p> <p>verniz copal</p> <p>pincéis</p> <p>facas de mesa</p> <p>lápis cêra</p> <p>papel ofício</p> <p>toalhas</p> <p>aventais</p>	<p>3 a 4 meses</p>

OBJETIVO 1	CONTEÚDO 2	ATIVIDADES	MATERIAL DE APOIO	DURAÇÃO
<p>Levar o aluno a:</p> <p>1.1 desenvolver peças (pequenas e médias) em pedras como calcário, mármore e granito.</p>	<p>2.1 formar peças ornamentais.</p>	<p>- Formação de peças em granito, mármore e calcário em máquinas com rebolo carborundo formando peças já padronizadas como: coruja, elefante, peixe, etc, além de peças criativas.</p>	<p>Pedras como:</p> <ul style="list-style-type: none"> . calcário . mármore . granito . quartzo . sílexito etc. <p>E ainda:</p> <ul style="list-style-type: none"> . máquina de formar . máquina de lixar . máquina de riscar . máquina de cortar . máquina de polir . rebolos 	<p>. 4 meses</p>
<p>1.2 desenhar as peças cortando e lixando.</p>	<p>2.2 cortar a peça</p>	<p>- Utilização de máquinas para desenhar, cortando e utilizando os discos de esmeril no acabamento das peças.</p>		
<p>1.3 lixar e alisar as peças.</p>	<p>2.3 lixar a peça</p>	<p>- Utilização de máquinas para o lixamento das peças usando esmeril e roda de madeira eucatex e feltro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . tripoli . esmeril . roda de feltro . roda de madeira . barro . serra diamantada . toalhas . aventais. 	
<p>1.4 lustrar as peças dando um bom polimento</p>	<p>2.4 lustrar a peça</p>			
<p>1.5 explorar, através da escultura, o barro de cerâmica aqui existente.</p>	<p>2.5 formar esculturas em barro e monstros criativos.</p>			

CONTINUAÇÃO

OBJETIVOS 1	CONTEÚDO 2	ATIVIDADES	MATERIAL DE APOIO	DURAÇÃO
1.6 elevar o nível de perfeição das peças confeccionadas.	2.6 dar acabamento nas esculturas.	- Utilização de máquinas para dar polimento nas peças, utilizando-se de tripoli e rodas de madeira e feltro.	-	-
1.7 deixar a peça com durabilidade e resistência para a comercialização.	2.7 assar as peças em um forno apropriado.			
1.8 retocar as peças de barro com tinta ou verniz.	2.8 dar pequenos retoques com tintas à óleo.			

2.5 ARTICULAÇÃO ENTRE O CONTEÚDO E A EDUCAÇÃO GERAL

O Projeto Pedrarte tem uma forma de ligação com as seguintes disciplinas: geografia, ciências, práticas industriais e comerciais.

2.6 MECANISMO DE COMERCIALIZAÇÃO DO PROJETO

A comercialização é efetuada na própria escola, sendo todo lucro investido no próprio projeto, tentando concluir a sua estruturação, para o bom funcionamento esperado. São realizadas exposições por pequenos grupos de alunos até mesmo em cidades vizinhas. Esperamos, de antemão, ajuda das secretarias para a comercialização das esculturas em pedra.

3 - RESULTADOS ALCANÇADOS

Na parte pedagógica o desenvolvimento dos alunos vem crescendo de acordo com a sua prática, trabalhando e criando em cima de temas folclóricos.

3.1 FREQUÊNCIA

O aluno tem duas aulas por semana havendo mais tempo para aqueles mais dedicados à produção, que mantém o funcionamento do núcleo da Escola-Produção.

3.2 PARTICIPAÇÃO NO PROJETO PRODUTIVO

O aluno artesão participa das atividades produtivas na medida em que começa a dominar a pedra. É daí que discutimos com ele no ateliê qual será a sua porcentagem na comercialização dos seus trabalhos. Antes de tudo é discutido em sala de aula o processo de comercialização, isso com apoio das disciplinas gerais.

Na parte social o artesão trabalha de acordo com o seu interesse, mesmo que não atenda ao interesse total da comunidade. Porém, o nosso trabalho é muito procurado tanto pela nos

sa comunidade, como também pelos turistas que chegam de outras cidades e até de outros estados.

3.3 PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NA PRODUÇÃO

O aluno tem uma porcentagem considerada de acordo com seu trabalho e tipo da matéria prima. Partindo de 20% até 50% do lucro obtido na venda de seus produtos.

Os alunos monitores receberão uma bolsa de uma quantia considerável oferecida pelo professor artesão.

3.4 CAPACIDADE DE AUTO SUSTENTAÇÃO DO NÚCLEO

Parte do lucro da produção obtida fica para repor o material de consumo e concluir a estruturação da oficina Escola-Produção. Organizado através de livro caixa, toda a entrada e saída de material, a produção artesanal, o capital que entra e sai nos investimentos efetuados.

4 - AS DIFICULDADES ENCONTRADAS:

4.1 ADMINISTRATIVAS

No momento nos encontramos sem coordenação, por razão da coordenação anterior não ter feito a contabilidade obrigatória na entrega ao novo governo.

4.2 PEDAGÓGICA

Também estamos sem apoio. Temos somente o apoio do DERE local. Mas estamos precisando de mais apoio por parte das secretarias

5 - ESTRATÉGIA DE AÇÃO PARA MELHORIA E EXPANSÃO DAS ATIVIDADES

O projeto nunca foi estruturado totalmente na compra das máquinas e matéria-prima. Investimos junto a nossa comunidade 50% do nosso tempo, para adquirir matéria prima e reconstruir máquinas. O projeto vem se estruturando vagarosamente graças ao interesse e empenho da comunidade envolvida e esclarecida da sua importância na região.

5.1 POSSIBILIDADE DE AMPLIAÇÃO

Na parte de pedra-sabão para trabalhos manuais, porque pode-se pegar maior número de alunos e utilizar ferramentas rústicas.

5.2 **NÚMERO** DE ALUNOS QUE ESPERAMOS SER ATENDIDO NO PRÓXIMO ANO

É de aproximadamente 200 alunos escolhidos nas três escolas que fazem parte do nosso projeto Escola-Produção.

PROJETO DE SERIGRAFIA

As quatro escolas selecionadas para vivenciarem o projeto de serigrafia integram a rede estadual de Educação e estão situadas em áreas periféricas e carentes. Vale ressaltar que embora a escola pública no Brasil esteja voltada ao atendimento das camadas populares da sociedade, houve uma seleção das unidades escolares quanto às instalações físicas, nível de aspiração e aceitação do projeto pela clientela. É importante que se diga que das quatro unidades escolares selecionadas apenas uma encontra-se funcionando normalmente. Quanto ao atendimento propriamente dito, optou-se por alunos a partir da 6ª série do 1º grau, pelo fato de apresentarem maturidade para uma profissionalização, pois tem em média uma faixa de 14 anos. Os aspectos relativos à evasão e repetência não foram levados em consideração, até porque a atividade embora integre o currículo da escola, tem sua existência extracurricular mediante os motivos expostos são atendidos pelo projeto em horários acordados pelos interessados X professores e/ou instrutor, alunos, ex-alunos e demais elementos da comunidade escolar.

Levando em consideração os cuidados e o grau de concentração que devem nortear os passos inerentes às técnicas de serigrafia, estabeleceu-se atender seis alunos de cada vez, o que possibilita assegurar alto nível de participação e consequentemente um rendimento satisfatório.

Com base nos objetivos propostos, quais sejam:

- formar mão de obra especializada;
- possibilitar as camadas populares ganhos reais através de atividades que exijam pouco investimento;
- contribuir para a criação de microempresas e geração de mão-de-obra.

Considerando o contexto social da unidade escolar e os objetivos do Projeto de Serigrafia, foi elaborado um plano de curso, o qual estabelece, além do conteúdo programático, a

duração, turnos e horários de atendimento.

Além dos aspectos acima abordados foram pensadas ações, junto a cada grupo de alunos concluintes que assegurem a continuidade do projeto, através da reposição do material de consumo, na medida do possível.

Nesta ocasião, os participantes sugerem alternativas viáveis para retorno de capital que garanta a aquisição de material para o trabalho junto a novas turmas. De modo geral incentivava-se a comercialização da produção dos próprios alunos para esta finalidade.

Em relação às outras escolas, diversos fatores têm contribuído para o retardamento de início das ações dentre os quais podemos enumerar:

- distância da escola Dom Malan (Petrolina);
- transporte para visita e entrega de materiais;
- permanência do professor no projeto;
- falta de segurança para guardar o material.

Vale entretanto salientar que além dos fatores específicos das unidades, em nível da Secretaria de Educação, houve o afastamento do coordenador do referido projeto, o que sem dúvida dificultou a dinamização das ações outrora propostas. Atualmente, a implementação está acontecendo através da visita às escolas, capacitação para os professores e atendimento para orientação nas próprias oficinas.

1. DADOS DA ESCOLA

ENDEREÇO

Rua Lagoa do Ouro, s/n9, Núcleo Habitacional Boa Vista I
Caruaru/PE.

INSTITUIÇÃO MANTENEDOURA

Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

NIVEIS DE ENSINO MINISTRADOS PELA INSTITUIÇÃO

Ensino de 19 e 29 Graus (habilitação: Curso Técnico em
Contabi-

lidade) ;

Ensino Especial:

- * Área de Visão
- * Área Mental
- * Pré-Escolar
- * Educação Integrada
- * Alfabetização de Adultos
- * Área Escola/Produção (objeto deste relatório)

CORPO TÉCNICO

Diretor: Severino Eliseu Tabosa de Araújo

Secretário: Almerice Alves de Melo Silva

ALUNOS ATENDIDOS;

* Primeiro Grau Menor

1ª Série.....	202	alunos de 7 a 10 anos
2ª Série.....	174	alunos de 8 a 11 anos
3ª Série.....	194	alunos de 9 a 12 anos
4ª Série.....	171	alunos de 9 a 14 anos

* Primeiro Grau - Maior

5ª Série.....	257	alunos de 10 a 16 anos
6ª Série.....	178	alunos de 11 a 16 anos
7ª Série.....	141	alunos de 12 a 17 anos
8ª Série.....	125	alunos de 13 a mais de 18 anos.

* Segundo Grau

19 Básico	80 alunos de 15 a mais anos
29 Técnico	48 alunos de 15 a mais anos
39 Técnico	29 alunos de 17 a mais anos

* Ensino Especial

Pré-Escolar	80 alunos de 5 a 6 anos
Deficiente mental	15 alunos de 6 a 23 anos
Deficiente visual	5 alunos de 9 a 14 anos
Educação Integrada	38 alunos maiores de 14 anos
TOTAL GERAL DOS ALUNOS	1736 alunos.

2. SITUAÇÃO REPETÊNCIA/EVASÃO/NECESSIDADES SÓCIOS-ECONÔMICAS:

Em virtude da situação sócio-econômica precária, a clientela da escola apresenta baixo rendimento escolar. Altos índices de repetência (reprovação) e evasão, assim como, grandes distorções de idade/ série.

3-COMUNIDADE:

A comunidade dispõe de um pequeno comércio, igreja católica e protestante. As principais ocupações da comunidade local, são: vendedores ambulantes, motoristas, militares, lavradores, sapateiros, professores e domésticas. Predomina um grande número de desempregados o que confere à comunidade o caráter de população de baixa renda.

4. ESTRATÉGIAS ADOTADAS ANTERIORMENTE COM VISTAS À PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO:

a) PONTOS POSITIVOS - Embora de forma reduzida, porque precária, nossa escola/produção mantém ativas os setores de marcenaria e gráfica, o que não atende a contento toda comunidade.

b) PONTOS NEGATIVOS - Falta de recursos materiais para o desenvolvimento das atividades previstas; falta de recursos financeiros para apoio à atividade docente e manutenção do maquinário.

2 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DO PROJETO: IMPLANTAÇÃO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS:

2 -1 OBJETIVOS PROPOSTOS

GERAL - desenvolver um ensino de 19 grau com atividades complementares ao currículo escolar que oportunizem ao aluno a compreensão do mundo do trabalho, através da vivência do processo produtivo.

ESPECIFICO - proporcionar ao aluno:

- . a compreensão da organização e funcionamento do setor econômico da sociedade;
- . aquisição de conhecimentos e habilidades que lhe permitam atuar com os instrumentos necessários à vida profissional, social, política e cultural;
- . remuneração da mão-de-obra empregada nas atividades produtivas, como fator de contribuição à sua permanência na escola até a conclusão, pelo menos do ensino básico;
- . proporcionar à escola condição de desenvolver o processo educativo adequado à realidade sócio-econômica e política cultural, atendendo aos interesses e às necessidades dos alunos e da comunidade local.

2.2 NÚCLEOS IMPLANTADOS

Marcenaria Artesanal e Gráfica.

2.3 FATORES QUE INFLUÍRAM NA INSTALAÇÃO DESSES NÚCLEOS

O núcleo de marcenaria artesanal foi criado por um grupo de alunos que iniciaram tal trabalho, com aproveitamento de resíduos industriais de outras marcenarias da localidade, motivando a concepção do presente projeto.

O núcleo de gráfica foi criado em virtude do equipamento já existente, e não obstante, pela grande procura de tais ser

viços, quer por escolas da rede oficial do estado e do município, quer por terceiros particulares.

2.4 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DOS NÚCLEOS

Carga horária: de acordo com nossa grade curricular, as práticas industriais perfazem um total de 120h/a, dilatando-se tal limite de acordo com as atividades desenvolvidas desde que não apontem prejuízos à clientela envolvida.

Horário de funcionamento ocorre dentro do horário normal e em turnos alternados, conforme explicitado anteriormente.

2.5 PERFIL E NUMERO DOS ALUNOS ATENDIDOS

Nossos alunos, após preparados, são orientados no sentido de se instalarem em suas residências, com o fito de iniciarem o fluxo da microempresa propriamente dita. Assim, 6 (seis) de nossos alunos já se encontram em perfeito trabalho com desenvolvimento de suas pequenas empresas.

No momento atual contamos com 22 (vinte e dois) alunos, distribuídos entre nosso setor de marcenaria e gráfica, sendo 14 alunos na área de madeira e 8 na área de gráfica.

Quanto aos alunos envolvidos no setor de gráfica, mais de 10 (dez) alunos já se encontram empregados em diversas gráficas de nossa cidade, todos com excelentes resultados.

2.6 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (LINHAS GERAIS)

Além do desenvolvimento programático normal, exigido pelo currículo, a área de escola/produção visa o mercado local, no que diz respeito à feira de artesanato (marcenaria) onde nosso aluno se dirige com o intuito de pesquisar os produtos de utilidade doméstica e ornamental, baseados em seus critérios modelares, criando seus próprios modelos.

Quanto a área gráfica especificamente, a preocupação de pesquisa baseia-se na tomada de preços, visando conferir, às

pessoas que nos procuram, índices de valores bem abaixo da "concorrência".

2.7 ARTICULAÇÃO COM OS CONTEÚDOS DE EDUCAÇÃO GERAL

Mobilização dos professores das áreas de Português e Matemática.

2.8 PERFIL PROFISSIONAL E ATIVIDADES DE TREINAMENTO DOS INSTRUTORES/PROFESSORES

Muito embora nossos professores e instrutores tenham habilidade no desenvolvimento de suas atividades, não têm os mesmos habilitação necessária para o desempenho dessa tarefa, motivando elevado prejuízo na execução de tal atividade, uma vez que têm de ministrar os 10% (dez por cento) de sua carga horária em outra regência para assim se manterem na faixa própria.

2.9 MECANISMO DE COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

Feito pelos próprios alunos ao comércio local e feira livre.

3 - RESULTADOS ALCANÇADOS

3.1 DO PONTO DE VISTA PEDAGÓGICO

Efeito no desempenho escolar do aluno - há maior interesse por parte do aluno em se dedicar às atividades industriais (lacto senso), com vistas a suprir, em parte, suas condições pessoais no que diz respeito à parte financeira. Com a participação na área de marcenaria, o aluno volta os olhos para a disciplina de Matemática; no que diz respeito à gráfica, sua dedicação é voltada para a disciplina de Português.

Efeitos na assiduidade e freqüência a escola - presos à área de produção, o aluno mostra-se bastante assíduo em virtude do que foi anteriormente citado.

Efeito nos índices repetência e evasão escolar - Os alunos envolvidos na área de produção não perdem o zelo por disci-

plinas contidas no currículo escolar, como Português e Matemática, com efeitos positivos nos índices de repetência e evasão escolar.

Participação do aluno no processo produtivo - é uma participação bastante ativa, uma vez que os mesmos se entusiasma com todo o processo produtivo e partem para o campo de pesquisa geral.

Familiarização com o mundo real de produção, sua organização e seus processos - os alunos são orientados no sentido de aproveitarem o máximo a matéria-prima, organizando de forma conveniente as etapas do sistema de produção. Quanto a organização, os alunos, baseados nas informações do curso, entre si se organizam sob direcionamento do professor, visando a continuação de suas atividades junto a suas famílias, formando assim, a microempresa própria.

3.2 DO PONTO DE VISTA SOCIAL

As atividades concorrem para aumentar a produtividade (valor da produção por pessoas ocupadas) das atividades microindustriais, inclusive, artesanais. Ampliam a participação dos jovens e pais de família na produção industrial e de serviços comerciais.

3.3 DO PONTO DE VISTA ECONÔMICO

Questão que entendemos prejudicada em virtude da falta de assistência direta dos órgãos governamentais, para que o aluno possa ter uma melhor e mais adequada participação no lucro oriundo da produção, tornando-se impossível a auto-sustentação dos núcleos, por não se obter um retorno desejável.

4 - DIFICULDADES ENCONTRADAS

4.1 Administrativas - falta de assistência imediata e direta por parte dos órgãos competentes; ausência de atendimento aos pedidos imediatos; falta, de delegação de poderes àquelas pessoas envolvidas no sistema; falta de cumprimento de prestação de

contas por parte dos diversos segmentos envolvidos no convênio, como MEC/SE/DERE/ESCOLA; falta de visitas constantes à comunidade, como também de divulgação adequada da existência do projeto; falta de comprometimento de profissionais da escola para com a proposta do aludido projeto; falta de associação dos alunos envolvidos na escola/produção com vistas a formação de uma cooperativa dos mesmos; inexistência de um cronograma de visitas de acompanhamento por parte do MEC/DSE/DERE...; excesso de burocracia por parte dos órgãos de cúpula, prejudicando o desenvolvimento dos trabalhos; não cumprimento rigoroso de prazos para atendimento das necessidades emergentes; atraso no envio das verbas destinadas ao desenvolvimento do projeto; não atualização da moeda ao tempo previsto via MEC/ESCOLA, dificultando a aquisição de material necessário desde a sua licitação; melhor aprimoramento no processo de licitação no que diz respeito a compra de material de consumo, quando foi feito distante da unidade escolar, dificultando a aquisição imediata para o andamento do programa.

4.2 Pedagógicas - falta de contratação de pessoas capazes de viabilizar outras áreas ligadas ao programa de produção; falta de capacitação do pessoal envolvido diretamente com as áreas de formação profissional e produtivas, a fim de que se possa aprimorar suas potencialidades e cumprir o conteúdo previsto pelo projeto MEC/OEA.

5 - ESTRATÉGIA DE AÇÃO PARA MELHORIA E EXPANSÃO DAS EXPERIÊNCIAS:

Possibilidades de continuação e ampliação da experiência - vemos uma nítida e perfeita possibilidade de se dar continuidade a este trabalho, uma vez que nos seja dada a condição de suprimirmos as dificuldades apontadas no item anterior, tanto de caráter administrativo como pedagógico

Número de alunos que serão atendidos anualmente - dentro de nossos anseios, uma vez que atendidas nossas necessidades (abordadas no parágrafo antecedente) visualizamos uma faixa de 60 (sessenta) alunos para o setor de marcenaria e 32 (trinta e dois) alunos para o setor de gráfica.

Motivo de suspensão das atividades, se for o caso conforme aludimos linhas atrás, uma vez supridas nossas dificuldades, também fartamente abordadas, não vemos a possibilidade de se suspender nossas atividades. Porém, na nefasta possibilidade de se vir a fechar nossa área de escola/produção, vislumbramos ' um ato de imensa frustração por parte de nossos alunos, quer os já envolvidos como os que se encontram na expectativa de poderem ingressar nessa atividade.

ESCOLA CORNÉLIO SOARES DO MUNICÍPIO DE SERRA TALHADA

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Especial Multinacional de Educação-Produção' em Áreas Urbanas de População Carente - MEC/OEA - está apoiando a execução de experiências na Escola Cornélio Soares do Município de Serra Talhada localizada no Sertão Central do Estado de Pernambuco, jurisdição do Departamento Regional de Educação do Salgueiro - Sertão Central.

Através das atividades de produção e comercialização, busca-se fornecer aos alunos uma visão global de sistema produtivo, vivenciando a produção que engloba as Práticas Industriais e Integradas do Lar.

A escola oferece ensino de 19 e 29 graus, atendendo a uma clientela de 1.200 alunos na faixa de 7 a 18 anos. O seu corpo docente se compõe de 65 professores.

A parte diversificada do currículo de 19 grau (4 últi-mas séries) oferece as Práticas Industriais e Integradas do Lar.

A área de Práticas Industriais oferece os setores de metal e madeira. A área de Práticas para o Lar desenvolve atividades no ramo de vestuário, costuras e habilidades manuais de croché, renda, tricô e outros produtos caseiros.

As atividades desenvolvidas nessas práticas possibilitam aos alunos a vivência de todas as etapas do processo produtivo, culminando com a comercialização dos produtos. O funcionamento das atividades produtivas realiza-se nos três turnos. Os alunos atendidos são de preferência do 19 grau (4 últimas séries), porém de acordo com as habilidades, tomam parte alunos do 29 grau, pois a escola funciona como uma escola aberta, voltada para o trabalho e o bem estar social.

O nível sócio-econômico dos alunos é de baixa renda.

As atividades predominantes na comunidade são relativas a metal, madeiras e produtos caseiros.

2 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DO PROJETO

- 2.1 A escola se propõe a promover a integração entre a educação e o trabalho produtivo.
- 2.2 A carga horária estabelecida para as áreas de produção é livre, porém para o aprendizado inicial obedece à grade curricular:
5ª e 6ª séries - 4 (quatro) horas semanais
6ª e 8ª séries - 8 (oito) horas semanais.
- 2.3 O conteúdo programático está com a educação geral humanista.
- 2.4 Os professores que atuam no projeto são formados na própria escola e na Escola Técnica Estadual de Pernambuco.
- 2.5 A comercialização é realizada na própria sala ambiente, nos moldes das oficinas instaladas na cidade. Os alunos e professores recebem uma gratificação e participam desde as pesquisas de mercado, compras, confecções, montagem e comercialização.' (integração total).

A comercialização se torna, em algumas vezes, inviável em virtude de não termos um instrumento legal perante o Fisco.

3 - RESULTADOS ALCANÇADOS

Do ponto de vista pedagógico o resultado foi satisfatório.

A escola ofereceu aos alunos um currículo prático onde o aluno estudou e trabalhou, onde os conhecimentos adquiridos re tornam em benefício próprio.

O trabalho produtivo concorre muito para a assiduidade, pois havendo ocupação conseqüentemente haverá interesse, diminuindo a evasão e a repetência.

3.2 O aluno participa na montagem dos planos de produção, mediante o sistema de encomendas contratadas previamente, familiarizando-se com a realidade produtiva.

4 - DO PONTO DE VISTA SOCIAL:

4.1 Possibilitou-se aos alunos uma prática educativa, associada a um estágio de produção que inicia uma qualificação profissional e melhoria sócio-econômica.

O ponto fundamental desta nova escola é a prática de:

"Aprenda a produzir produzindo".

4.2 DO PONTO DE VISTA ECONÔMICO

O rendimento econômico foi satisfatório: a escola ganhou na manutenção do seu maquinário (patrimônio) instrumental e, por sua vez, os alunos ajudaram na renda familiar. A escola cumpriu a sua finalidade, serviu ao alunado e a comunidade.

5 - DIFICULDADES ENCONTRADAS

5.1 A escola produção difere de uma indústria e como tal sua sustentação é impraticável pelo próprio processo de aprendizagem, que engeja um gasto substancial de matéria prima para o ensino-aprendizagem.

A inflação galopante obstaculizou muito o setor produtivo, pois houve uma restrição no setor de encomendas, a escola funcionou mais com a produção escolar (aprendizado).

6 - AS DIFICULDADES ADMINISTRATIVAS

Os repasses de recursos oriundos do estado para a manutenção do ensino-aprendizagem foram escassos e insuficientes, não cumpriu o estabelecido.

Na parte pedagógica carece de maior interação entre o núcleo comum e a parte diversificada.

7 - **ESTRATÉGIAS DE AÇÃO PARA MELHORIA E EXPANSÃO DAS EXPERIÊNCIAS DO PROJETO.**

A Escola Cornélio Soares tem todas as condições de continuar com o projeto, depende somente da ação do governo em dar a manutenção do ensino-aprendizagem, dando-lhe uma dotação substancial para o ensino-aprendizagem das Práticas, fornecendo, se possível, em duodécimos, verbas para aquisição de material de transformação (uso hipotético) (sem retorno).

Pois como estava e está, a situação é insustentável.

A teoria tem de estar lado a lado com a prática, pois as duas unidas formam o setor produtivo.

EXPERIÊNCIAS IMPLANTADAS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO RECIFE.

Maria Reneude de Sa

Diretora de Planejamento e Programas Especiais da Secretaria de Educação e Cultura da Cidade do Recife.

APRESENTAÇÃO

Este relatório apresenta o desenvolvimento do Projeto Escola-Produção, implantado na Rede Municipal de Ensino do Recife, em 1983, com o apoio financeiro do Projeto Multinacional de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente - Convênio MEC/OEA.

Implantado inicialmente nas Escolas Municipais Vasco da Gama e Maria Sampaio de Lucena, o projeto foi estendido, em 1987, para as Escolas Municipais Várzea e Arraial Novo do Bom Jesus.

Na descrição do desenvolvimento do projeto, procurou-se analisar os avanços e as dificuldades apresentadas, assim como, as medidas encaminhadas no sentido da superação das dificuldades.

1 - IMPLANTAÇÃO DO PROJETO

Em 1983, a prefeitura da Cidade do Recife, através da Secretaria de Educação e Cultura, intruduziu, no ensino de 5ª a 8ª série do 1º grau, "atividades produtivas" nas escolas Maria Sampaio Lucena e Vasco da Gama, financiadas pelo Projeto Multina-cional de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Caren-te - MEC/OEA.

O projeto, que em nível da escola tomou a denominação de "Escola-Produção", inseria-se no âmbito de uma "proposta educacional voltada para a redução das desigualdades sociais"⁽¹⁾. Proposta que concebia "a educação como um processo de desenvolvimento da pessoa humana, na busca de um ajustamento consigo próprio e na superação das restrições do meio..." constituindo-se em fator de ascensão social..."⁽²⁾.

Ao justificar a introdução de atividades produtivas na escola, pelo fracasso escolar das crianças que freqüentam a escola pública em decorrência do seu estado de carência, o projeto apresentava os seguintes objetivos:

- vivenciar a relação estudo e trabalho como componente básico do processo educacional;
- desenvolver atividades produtivas, possibilitando a geração de renda;
- criar condições satisfatórias para a permanência do aluno na escola;
- preparar os alunos, visando seu engajamento na força de trabalho;
- obter subsídio para a redefinição do currículo de 1º grau e a expansão da experiência na rede municipal.⁽³⁾

(1) - Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura. Projeto Escola-Produção, 1983.

(2) - Idem

(3) - Idem

A implantação do projeto constitui na adaptação do ambiente físico, com a instalação de oficinas, aquisição de equipamentos e material de consumo necessário ao desenvolvimento das atividades produtivas.

Previa-se, com sua continuidade, uma auto-sustentação das atividades, através da comercialização da produção proveniente do trabalho dos instrutores, monitores e alunos mais habilitados.

Ao final de 3 (três) anos de funcionamento, constatou-se a necessidade de reorientação do projeto, tendo em vista a inviabilidade de parte de seus objetivos, mesmo diante da política educacional em vigor no seu período de implantação.

A ênfase na produção, de um modo geral, resultou na secundarização do processo de aprendizagem, desviando a escola da sua função. Isto, porque as tarefas mais complexas eram executadas por instrutores, monitores e alguns alunos mais habilitados, destinando-se, à maioria, as tarefas mais simples, de caráter repetitivo, impossibilitando-os de participarem e, conseqüentemente, de adquirirem o domínio de todo o processo de trabalho na produção de um determinado bem.

O processo de produção desenvolvido, também não respondeu ao objetivo de geração de renda, capaz de garantir a permanência do aluno na escola, nem de tornar as unidades de produção auto-sustentáveis.

Estas constatações evidenciaram a necessidade de reorientação do projeto, a partir da função da escola, na sua relação com a sociedade.

2 - ASSUNÇÃO DE UMA NOVA POLÍTICA EDUCACIONAL E REORIENTAÇÃO DO PROJETO.

O processo de eleições diretas para prefeitos das capitais, reconquistado em 1985, garantiu à população do Recife eleger um representante das forças políticas progressistas, que as

sumiu a administração da cidade, em 1986, comprometendo-se em desenvolver uma gestão democrática, atendendo às necessidades coletivas da totalidade da população especialmente dos setores populares.

Esse compromisso se expressou na área da educação pela definição de uma política educacional que buscou resgatar a credibilidade da escola pública municipal, através da democratização do ensino, garantindo o acesso e a permanência dos setores populares a uma escola de qualidade.

Neste sentido, várias medidas foram desenvolvidas para a consecução dessa política, entre elas:

- ampliação da rede física;
- melhoria das condições materiais da escola;
- elevação do nível salarial e capacitação permanente dos profissionais de ensino;
- acesso ao magistério exclusivamente através de curso público;
- eliminação do turno intermediário em boa parte das escolas;
- ampliação da jornada escolar;
- fornecimento de merenda e material didático aos alunos do ensino fundamental;
- introdução da informática no currículo escolar.

Essas medidas se fizeram acompanhar da redefinição da proposta curricular, de forma a garantir aos setores populares, que freqüentam a escola pública, o desenvolvimento da sua competência intelectual, através da aquisição/produção dos conhecimentos sistematizados na perspectiva dos seus interesses e necessidades.

Elegeu-se, como eixo do currículo, as relações sociais, entendidas como relações econômicas, culturais, políticas e ideo-lógicas. Ao tomar as relações sociais como fio condutor do ensino, possibilitou-se ao aluno construir um novo entendimento da realidade, na busca da sua transformação, a partir da apreensão,

interpretação e intervenção nas relações que vivência no cotidia-no da prática social.

Esta compreensão redefiniu o entendimento que se detinha sobre o "aluno carente": suas condições de vida, suas características culturais, sua capacidade intelectual, determinando a reorientação das práticas desenvolvidas na escola municipal.

Determinou, portanto, a reorientação da "escola-produção", que passou a ser entendida como uma ampliação da formação escolar do aluno, através do desenvolvimento de competência para o desempenho de uma atividade profissional.

Desta forma, os cursos de qualificação profissional buscam desenvolver nos alunos a competência técnica na produção de bens materiais por meio de uma prática pedagógica que lhes permite construir um conhecimento critico sobre os processos de trabalho e sobre as relações de produção presentes em nossa sociedade, na perspectiva da construção de novas relações.

Visam, de forma mais imediata, possibilitar aos alunos das camadas populares concorrerem ao mercado formal de trabalho e/ou criarem meios alternativos de sobrevivência, através da produção autônoma no mercado informal.

Por outro lado, em se tratando de formação profissional na produção de bens materiais, do processo de aprendizagem, resulta, em consequência, produtos materiais que são comercializados na escola. Os recursos financeiros, provenientes dessa comercialização são redistribuídos, considerando todos os elementos que compõem o processo. Desta forma, o aluno recebe a parcela que corresponde a sua participação no processo aprendizagem/produção.

Observa-se que a produção é colocada em função da aprendizagem e a "geração de renda" é consequência desse processo.

Tem-se, assim, clareza da impossibilidade de se atribuir à escola a função de resolver as carências econômicas da população, uma vez que as causas dessas carências residem na estrutura econômica da sociedade.

Assim sendo, a exclusão e o fracasso escolar dos setores populares resultam, fundamentalmente, do seu estado de carência econômica que, tendo suas causas na estrutura econômica, poucas possibilidades, neste sentido, restam à escola para resolver o problema da evasão e da repetência. Entretanto, acredita-se que a escola pode contribuir para a melhoria das condições de vida das camadas populares..

Essa contribuição dar-se-á através de uma prática escolar competente que permita às camadas populares se apropriarem de conhecimentos e habilidades, ampliando-lhes as possibilidades de acesso aos bens sociais, entre eles a educação escolar.

Evidencia-se, também, a partir da impossibilidade de auto-sustentação financeira das atividades produtivas, a necessidade de o Estado garantir, na escola pública, o financiamento da formação profissional do aluno, à medida que essa formação se inclui no bojo da escolarização como dever do Estado.

3 - OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJETO

3.1 ATENDIMENTO ESCOLAR

No corrente ano (1988), a qualificação profissional no ensino de 1º grau, está sendo oferecida em 3 escolas, apresentando o seguinte atendimento.

E S C O L A S	CURSOS/Nº DE ALUNOS				
	SERRALHARIA	MARCENARIA	CORTE E COSTURA	NUTRIÇÃO	TOTAL
Maria de Sampaio Lu cena (Ibura)	-	23	66	70	159
Municipal da Var zea (Várzea)	39	28	41	-	108
Vasco da Gama (Casa Amarela)	32	33	53	—	118
TOTAL	71	84	160	70	385

A Escola Municipal Arraial Novo do Bom Jesus, localizada no bairro dos Torrões, quarta escola engajada ao projeto, não funcionou em 1988 em decorrência de problemas, na sua estrutura física, **que** exigiram a interdição das oficinas. Dada a carência de recursos financeiros, os trabalhos de recuperação se estenderam **por** todo o ano letivo.

Por outro lado, a impossibilidade de instalação dos equipamentos em outras escolas determinou a interrupção das atividades de formação profissional durante o corrente ano, devendo retornarem no próximo ano letivo, com a conclusão dos trabalhos de recuperação.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ATENDIDA

A Rede Municipal de Ensino do Recife é constituída de aproximadamente 120 escolas, atendendo a um total em torno de 79.000 alunos, através da oferta de educação pré-escolar, educação básica de jovens e adultos, ensino regular de 19 e 29 graus e formação profissional isolada, oferecida a jovens e adultos não engajados ao sistema regular de ensino.

As escolas da rede municipal, com exceção de dois colégios sediados no centro, localizam-se nas áreas periféricas da cidade, nos bairros de maior concentração das camadas mais pobres da população, onde se encontram os problemas mais graves de moradia, transporte, saneamento, etc. Desta forma, a população que frequenta a escola pública municipal se constitui, em sua quase totalidade, de crianças, jovens e adultos provenientes dos setores populares que, mesmo participando da produção social, apresenta como característica básica a exclusão ou o baixo acesso aos bens sociais produzidos no conjunto da sociedade. Fato que resulta na má qualidade de vida dessa população, traduzida nas deficiências alimentares, no baixo grau de saúde, na dificuldade de acesso e permanência no sistema escolar, entre outros problemas. Situação que se agrava em decorrência do estado de desemprego e subemprego a que é submetida.

As escolas engajadas ao Projeto Escola-Produção incluem-se nesta caracterização geral.

Considerando que nessa caracterização se inclui, também, a grande maioria dos alunos, observa-se que o atendimento feito, na parte de qualificação profissional, atinge quantitativamente uma pequena minoria. Este fato exige uma análise profunda das suas causas, de forma a se obter subsídios que permitam se rever a questão.

3.3 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

A operacionalização da proposta pedagógica de qualificação profissional vem sendo desenvolvida através de um processo que busca articular as dimensões educação-trabalho.

Procura-se relacionar a técnica aos conhecimentos científicos que a embasam. Conhecimentos que os alunos vêm adquirindo, de forma mais específica e sistemática, através das outras áreas do currículo: Matemática, Ciências, Geografia, etc.

A formação técnica é acompanhada da compreensão das relações de produção presentes na sociedade a partir da discussão das experiências conhecidas e/ou vivenciadas pelo aluno, sua família, seu grupo social, no exercício real do trabalho.

Desta forma, busca-se dotar o aluno de habilidades técnicas que lhe permitam desenvolver uma atividade produtiva na sociedade, compreendendo a organização e distribuição da produção, a posição ocupada pelos agentes produtivos, as relações estabelecidas no trabalho, etc.

Neste sentido, no conjunto do currículo escolar, além das disciplinas de conteúdo básico e das atividades específicas da formação profissional, introduziu-se a disciplina Organização e Legislação Trabalhista que se destina a ampliar esses conhecimentos.

Nessa mesma direção, na dinâmica de funcionamento das

oficinas, procura-se vivenciar, com o aluno, novas relações de trabalho através de uma prática que busca superar as dicotomias trabalho intelectual x trabalho manual; teoria x prática; conteúdo x método; planejamento x ação.

Aliado a isto, para garantir a qualidade técnica dos cursos oferecidos, a coordenação do G.T., juntamente com os professores procederam á revisão dos programas dos cursos, estruturando-os em tarefas, operações básicas, tecnologia e cálculos profissionais.

Ainda na perspectiva de garantir a qualidade técnica da formação profissional, o acompanhamento e a avaliação da aprendizagem são considerados fatores fundamentais.

Desta forma, o aluno é acompanhado e avaliado, quanto ao domínio dos conhecimentos, através do exercício das atividades práticas.

O resultado da avaliação é expresso através de conceitos.

CONCEITO	CRITÉRIOS
MB - Muito Bom	Execução da tarefa sem apresentar nenhuma dificuldade.
B - Bom	
R - Regular	Execução da tarefa com alguma dificuldade.
I - Insuficiente	Execução da tarefa com muita dificuldade.
	Não conseguiu executar a tarefa.

O aluno é considerado aprovado quando o somatório dos conceitos for igual ou superior a B (BOM).

O registro do acompanhamento e avaliação do aluno é feito em ficha própria, conforme modelo abaixo.

ESCOLA: _____

NOME DO ALUNO: _____

CURSO: _____

TURNO: _____

DATA: / _____ /

Nº DE ORDEM	TAREFA	OPERAÇÕES BÁSICAS	CONCEITO	OBSERVAÇÃO
1	RESULTADO FINAL			
2				

3.4 ORIENTAÇÃO E ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO

A formação dos professores que atuam no ensino profissionalizante, situada em nível de 19 e 29 graus, e a condição de monitor e instrutor que pertencem ao grupo Ocupacional Magistério apresentam-se como causas que vêm dificultando o desenvolvimento da proposta pedagógica nas dimensões apontadas no projeto. Para suprir esta dificuldade, tem-se promovido treinamentos técnicos de conhecimento específico para os instrutores de cada área de trabalho, durante os três últimos anos.

Isto porque, contraditoriamente, na formação desses profissionais e nas relações de trabalho a que são submetidos se

reproduzem as dicotomias que se buscam superar na proposta, de terminadas pela divisão social do trabalho, presentes na sociedade em que vivemos.

Mesmo os outros profissionais da escola, aos quais é exigida a qualificação em nível de 3º grau, observa-se a deficiência de fundamentos que lhes permitam um entendimento mais profundo da relação educação-sociedade, resultando, em alguns casos, no comprometimento da sua competência técnica, acompanhado de um descompromisso com o trabalho desenvolvido.

A constatação dessa situação determinou a definição do processo de orientação e acompanhamento pedagógico que se segue.

Adotando a sistemática implantada no conjunto do currículo escolar, foi criado o G.T. da Escola-Trabalho sob a orientação de dois professores especialistas na área, reunindo os coordenadores, os instrutores e monitores das oficinas das escolas envolvidas.

A orientação e o acompanhamento pedagógicos se dão através das seguintes ações:

- **AEQ** - Atividades de Estudo Quinzenal - duas vezes por mês é realizado um encontro com todos os instrutores, monitores e coordenadores das oficinas com a finalidade de se avaliar o ensino desenvolvido, realizar estudos, discutir e decidir sobre a organização e o funcionamento das oficinas, **etc;**
- **REUNIÕES POR ESCOLA** - mensalmente diretor, coordenadores, instrutores, monitores e pessoal de serviços gerais de cada escola reúnem-se para discutir e encaminhar as questões administrativas e pedagógicas relativas ao ensino profissionalizante. A articulação educação-trabalho, ensino geral - ensino profissional, tem sido objeto de discussão com o conjunto de professores;

- REUNIÃO COM DIRETORES E COORDENADORES - ao final de cada mês é realizada uma reunião com os diretores e coordenadores das quatro escolas, onde se analisa, dentre outras questões, o controle da matrícula e a frequência dos alunos; as necessidades de material de aprendizagem; a articulação ensino geral - ensino profissional;
- REUNIÃO DE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA - bimestralmente, ao final de cada unidade de ensino, todas as escolas da rede realizam uma reunião para avaliar a totalidade da prática desenvolvida durante a unidade, seus avanços e dificuldades a partir dos resultados apresentados pelos alunos. Assim, as atividades profissionais também são objeto de avaliação nessas reuniões;
- REUNIÃO COM OS ALUNOS - mensalmente o diretor, coordenadores, instrutores, monitores e alunos se encontram para discutir o processo pedagógico desenvolvido nas oficinas.

Essas ações avançaram em algumas escolas, carecendo de um maior aprofundamento em outras.

3.5 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS OFICINAS

Considerando a proposta pedagógica, as condições materiais das escolas e as necessidades e interesses dos alunos, foram definidos os seguintes critérios para o funcionamento das oficinas:

3.5.1 Seleção dos alunos e organização das turmas

- organização das turmas com número máximo de 15 alunos ;
- oferta dos cursos em horário diferente das aulas de educação geral, de acordo com o número de turnos da escola;
- atendimento a alunos da própria escola e a pessoas da comunidade não engajadas ao sistema escolar, na proporção de 70% e 30%, respectivamente;

- seleção dos alunos para os cursos considerando idade mínima de 14 anos, conhecimentos básicos de Português e Matemática, interesse e necessidades (vide ficha de inscrição, Anexo 1);
- atendimento por turma através de um instrutor e um monitor;
- participação dos alunos no planejamento das atividades e na administração da oficina.

3.5.2 Produção, comercialização e distribuição

A produção de mercadorias nas oficinas é definida em função da formação profissional do aluno.

Desta forma, o programa dos cursos é organizado incluindo a confecção de determinados produtos, considerados necessários ao desenvolvimento da aprendizagem das operações básicas, que definem o perfil da qualificação profissional oferecida.

A escola adota, também, a prática de encomenda. Os pedidos são dirigidos aos professores, que avaliam a possibilidade da sua execução, conforme o estágio de desenvolvimento dos cursos e a aprendizagem do aluno. Nesse processo de avaliação participam, além dos professores, os coordenadores da oficina e os alunos.

Os alunos participam de todo o processo de produção: do planejamento à execução das operações mais simples até às mais complexas.

O processo de comercialização e distribuição da produção tem início com a elaboração do orçamento.

O orçamento é feito com a participação do aluno, de forma que ele se aproprie desse conhecimento, como parte da formação profissional.

Na elaboração do orçamento são considerados todos os elementos que entram na composição da produção, distribuídos em

tre custo operacional direto e custo operacional indireto

CUSTO OPERACIONAL DIRETO

- a) matéria prima principal (madeira, ferro, tecido, aumen-
tos) ;
- b) matéria prima auxiliar (cola, verniz, prego, linha, bo
tão, etc);
- c) mão-de-obra (participação do aluno na produção).

CUSTO OPERACIONAL INDIRETO

- a) energia elétrica gasta na produção;
- b) manutenção dos equipamentos;
- c) transporte.

O cálculo desses elementos é feito da seguinte forma:

- Matéria-prima: valor vigente no mercado.
- Mão-de-obra: considerando o tempo gasto na produção,
 - . a hora-trabalho do aluno é calculada de acordo com o valor da hora-trabalho de um profissional (meio oficial) de empresa de porte médio;
 - . o gasto de energia elétrica e manutenção dos equipamentos é calculado tomando-se por base o percentual de 10% do total dos custos diretos;
 - . o custo de transporte é calculado conforme a quilome-tragem gasta no percurso entre a escola, o local de entrega das mercadorias e vice-versa. Se o cliente assume o transporte da mercadoria, este item não é in-cluído no orçamento.

Os recursos provenientes desses itens obedecem a seguinte distribuição:

- o valor da matéria prima fica incorporado ao produto;
- o valor correspondente à mão-de-obra é redistribuído com todos os alunos de acordo com a sua participação na confecção do produto;
- o valor correspondente aos custos indiretos é destinado a cobrir as despesas correspondentes a estes custos;

Para melhor compreensão do processo de orçamento da produção, vide Anexo 2.

Considerando que o processo de produção se dá no processo de aprendizagem, há necessidade de se garantir uma parcela permanente de recursos financeiros para aquisição de material e manutenção dos equipamentos. Isto porque, em se tratando de aprendizagem, há um consumo de material que não se transforma, na sua totalidade, em produto comercializável. Por outro lado, é inconcebível colocar a formação profissional do aluno na dependência de encomendas, de vez que não se trata de reproduzir, no interior da escola, as relações de produção presentes na sociedade vigente.

3.5.3 Administração dos recursos financeiros

Os recursos financeiros, resultantes da comercialização dos produtos, são administrados pela Divisão Administrativa (D.A.) da Secretaria de Educação, obedecendo aos seguintes passos:

- o cliente, após acertar a encomenda, deposita na conta bancária da escola, na rubrica aprendizagem profissional, o valor correspondente a 50% do valor total do orçamento depositando o restante no recebimento da encomenda.

Os recursos provenientes da venda das mercadorias não vinculados a encomendas, após retirado o valor da mão-de-obra dos alunos, o valor correspondente aos demais custos, também é depositado na conta bancária da escola.

- o coordenador apresenta a relação do material necessário à confecção do produto à DA, que providencia a compra e entrega na escola. A compra é realizada junto com o coordenador da oficina;
- o coordenador dispõe de uma verba de suprimento para compra de material complementar.

3.5.4 Controle, distribuição do material de aprendizagem

O material destinado à aprendizagem profissional do aluno (matéria prima e material de consumo)/ ao ser entregue na escola, recebe uma codificação por área de trabalho, em seguida é registrado na ficha de estoque (Anexo 3). A requisição do material necessário é feita pelo instrutor em ficha própria (Anexo 4). O controle do almoxarifado é de responsabilidade do coordenador da oficina.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando-se o processo que vem sendo desenvolvido através do Projeto Escola-Produção, na Rede Municipal de Ensino do Recife, verifica-se que houve uma mudança qualitativa quanto ao significado da formação profissional, como parte da escolarização do aluno, a medida que se busca aprofundar a relação educação-trabalho. Considera-se entretanto, a necessidade de se aprofundar essa relação, buscando-se avançar na superação da dicotomia trabalho manual x trabalho intelectual, decorrente da divisão social do trabalho presente em nossa sociedade.

Por outro lado, o processo desenvolvido demonstrou a inviabilidade dos objetivos originais do Projeto, principalmente em se priorizar a produção no interior da escola, como mecanismo de geração de renda capaz de garantir a permanência do aluno no processo escolar.

Esta constatação, todavia, não inviabiliza a possibilidade de a escola assumir, também, na formação do aluno, a prepa-

ração para o trabalho, contribuindo para a melhoria das suas condições de vida.

Neste sentido, é de suma importância o apoio do Projeto Multinacional de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente na viabilização de ações voltadas para a formação profissional da população que frequenta a escola pública.

5 - A N E X O S

FICHA PE INSCRIÇÃO

ESCOLA: _____

ENDEREÇO: _____
(rua. nº) (bairro)

NOME DO (A) ALUNO(A): _____

DATA DE NASCIMENTO: _____ / _____ / 19____

SEXO: M () F ()

ENDEREÇO RESIDENCIAL: _____
(rua. nº) (bairro)

FILIAÇÃO: _____ e

DOCUMENTO APRESENTADO: _____

NIVEL DE ESCOLARIZAÇÃO 1º GRAU () SÉRIE _____

2º GRAU () SÉRIE _____

PROFISSÃO DO PAI: _____

PROFISSÃO DA MÃE: _____

NOME DO RESPONSÁVEL PELO(A) ALUNO(A): _____

_____ GRAU DE PARENTESCO:

CURSO ESCOLHIDO:

ALUNO

RESPONSÁVEL PELA INSCRIÇÃO

Recife, de de 19

EXEMPLO DE ORÇAMENTO

ANEXO 2

CURSO: SERRALHARIA

BEM: grade com varão e barra simples

MEDIDA: 2,10 x 1,90 m

1. CUSTO OPERACIONAL DIRETO

a) matéria-prima: principal e auxiliar

ESPECIFICAÇÃO	MEDIDA	PESO (Kg)	VALOR (Cz\$)
42m varão	1/2"	42	7.980,00
24m barra	7/8" x 1/4"	27	5.130,00
6m barra	7/8" x 1/8"	3.5	1.320,00
6 tarugo	5/8"	-	360,00
eletrodo	1/8"	1	400,00
zarcão	1/4"	-	300,00
T O T A L			15.490,00

b) mão de obra

20 h/t x Cz\$ 180,00 = Cz\$ 3.600,00

Custo direto total

Cz\$ 15.490,00

Cz\$ 3.600,00

Cz\$ 19.090,00

2. CUSTO OPERACIONAL INDIRETO

a) manutenção dos equipamentos e consumo de energia elétrica = Cz\$ 1.909,00 (10% do custo direto)

b) valor transporte = Cz\$ 1.000,00

RESUMO DO ORÇAMENTO

DISCRIMINAÇÃO	VALOR Cz\$
matéria-prima	15.490,00
mão-de-obra	3.600 00
energia/manutenção	1.909,00
transporte	1.000,00
T O T A L	21.999,00

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 DIRETORIA GERAL DE ENSINO
 COORDENADORIA - 5ª A 8ª SERIES

ÁREA _____ CÓDIGO _____
 ESCOLA _____
 RESPONSÁVEL _____

DATA	NOTA OU REQUISIÇÃO	PROCEDÊNCIA DESTINO	ENTRADA			SAÍDA		
			QUANTIDADE	PREÇO UNITÁRIO	VALOR	QUANTIDADE	VALOR	SALDO

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 DIRETORIA GERAL DE ENSINO
 COORDENAÇÃO - 5ª A 8ª SÉRIES

REQUISIÇÃO DE MATERIAL Nº

ESCOLA:

CURSO:

TAREFA:

PROFESSOR REQUISITANTE:

AUTORIZAÇÃO

Coordenador

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	UNIDADE	QUANTIDADE		DATA	CUSTO TOTAL	OBSERVAÇÃO
			SOLICI TADA.	FORNECIDA			

Maria Tereza de Moraes
Subcoordenadora de Orientação
Peda-gógica e Educacional

I - APRESENTAÇÃO

O presente relatório tem por finalidade apresentar uma caracterização do nível Sócio-Cultural da clientela atendida pelo Projeto Especial Multinacional Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente - MEC/OEA, desenvolvido nas escolas municipais João XXIII, Iapissara Aguiar e José Sotero.

O projeto acima referido tem por objetivo geral "desenvolver uma ação educativa que valoriza as características culturais da região, bem como as iniciativas de indivíduos e grupos, de forma a permitir-lhes condições que favoreçam a produção e comercialização de produtos semi-industrializados", visando não só habilitar os alunos, mas sobretudo orientá-los como cidadãos para a própria vida.

II - DESENVOLVIMENTO

2.1 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS ESCOLAS E DA COMUNIDADE

O Projeto Escola Produtiva, em Natal, funciona nas seguintes escolas:

Escola Municipal João XXIII (Marcenaria e Articulatória)
Escola Municipal José Sotero (Marcenaria)
Escola Municipal Iapissara Aguiar (Artes Gráficas)

As citadas escolas estão localizadas em bairros periféricos, atendendo a uma clientela bastante carente, na faixa etária de sete a 14 anos.

Com relação aos alunos atendidos pelos núcleos de produção, observa-se que a faixa etária está compreendida entre 14 a 18 anos, uma vez que os mesmos são alunos matriculados no 19 grau maior (5ª a 8ª série). Estes alunos fazem parte do bojo da clientela residente em bairros periféricos, sendo que os pais dos mesmos têm apenas o curso primário incompleto e trabalham como pequenos comerciantes, operários de indústria têxtil, motoristas, comerciários e alguns vivem de biscate, percebendo em sua quase totalidade uma renda mensal igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo.

No que diz respeito à comunidade onde as escolas estão inseridas, existem movimentos sócio-culturais de forma assistemática, com a predominância de grupos de teatro, musicais, esportivos, pastorais, repentistas, capoeira, xaxado e outros.

O relacionamento escola-comunidade acontece através de reuniões de pais e mestres, algumas festividades realizadas nas escolas e ainda através dos conselhos de escola que têm uma função consultiva e deliberativa sobre as questões pedagógicas e administrativas.

No tocante à preparação para o trabalho devemos salientar como pontos positivos a participação dos alunos nas aulas

práticas, em que eles desenvolvem a sua criatividade, aprendendo um ofício, obtendo algum lucro e com mais chances de competir no mercado de trabalho. Como pontos negativos, destacamos o restrito espaço físico dos núcleos de produção, dificultando a participação de mais alunos no projeto. Como os mesmos alunos têm de passar por todas as fases de produção e eles não têm a prática adequada, desperdiçando bastante material, encarecendo o produto final, necessita-se quase sempre de um repasse da secretaria municipal de Educação para cobrir os custos.

2.2 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DO PROJETO: IMPLANTAÇÃO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS

Os núcleos de produção em Natal têm como objetivo oferecer ao educando oportunidade de iniciação e qualificação profissional em situações concretas de trabalho e de produção nas áreas de marcenaria, culinária e artes gráficas, visando formar uma mão-de-obra capaz de produzir individualmente para sua própria sobrevivência, ajudando com isso na complementação da renda familiar.

Os referidos núcleos funcionam com uma carga horária de 15 horas semanais, por turma, nos turnos matutino, intermediário e vespertino, atendendo a uma média de 20% dos alunos matriculados nas escolas.

No tocante aos conteúdos específicos, cada área procura desenvolver atividades que correspondam à real necessidade da clientela e que facilitem a comercialização dos produtos. Os conteúdos trabalhados pelos núcleos de produção têm-se constituído numa preocupação constante por parte de professores e equipe técnica, que vêm tentando integrar o currículo das aulas teóricas, cujos conteúdos subsidiem as atividades dos núcleos a serem ministradas nas demais disciplinas afins do currículo escolar.

Os professores que atuam nos núcleos de produção são integrantes do quadro de magistério do município e, além de participarem de treinamentos oferecidos pela Secretaria Municipal de

Educação, também participam de treinamentos específicos nas áreas de marcenaria, artes gráficas e culinária.

2.3 - RESULTADOS ALCANÇADOS

De um modo geral, a participação dos alunos matriculados nos núcleos de produção é bastante satisfatória. Os alunos revelam assiduidade e interesse no desenvolvimento das atividades. Observa-se ainda que os alunos atendidos pelos núcleos são mais disciplinados, não existindo evasão, e, portanto, os mesmos apresentam um bom desempenho nas suas atividades pedagógicas.

2.4 - DIFICULDADES ENCONTRADAS

Em termos pedagógicos, sentimos uma falta de integração das atividades desenvolvidas pela escola produtiva com as de mais disciplinas ou áreas de estudo que compõem o currículo de 19 grau.

Observa-se, no entanto, uma preocupação com a integração dessas atividades às demais disciplinas. Para tanto, já aconteceram algumas discussões na escola.

Quanto à parte administrativa, são observadas deficiências nos núcleos. Na auto-sustentação, existe a necessidade de uma repasse, na medida do possível, para que as oficinas funcionem satisfatoriamente.

2.5 - ESTRATÉGIAS DE AÇÃO PARA MELHORIA E EXPANSÃO DAS EXPERIÊNCIAS

Devido à futura mudança na política municipal, não podemos prognosticar a possibilidade de continuação do projeto e possível ampliação do mesmo.

EXPERIÊNCIAS IMPLANTADAS NO CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO
- ESCOLA PARQUE - SALVADOR

Regina Maria Robato Nunes
Diretora Geral da Escola Parque
Regina Mesquita Santiago
Assessora

Consagrado educador brasileiro, Anísio Teixeira concebeu e realizou, na década de 50, uma experiência de educação integrada e em tempo integral para uma população de mais de quatro mil crianças das classes mais pobres da sociedade. Foi então criado um "centro de educação popular em nível primário", denominado Centro Educacional Carneiro Ribeiro, com quatro escolas classe do primeiro grau para atender mil alunos cada e uma escola parque, com sete pavilhões, para os alunos desenvolverem as chamadas práticas educativas, a fim de complementarem a sua educação, em turno oposto à sua freqüência à escola classe.

O modelo de educação projetado por Anísio Teixeira foi se desfigurando pela insensatez dos últimos governantes até chegar ao quase abandono. A partir de 1987, o CECR - Escola Parque voltou a ter a atenção que merece. O novo governo que se instalou na Bahia tomou a reativação do Centro como uma prioridade, consciente de que este modelo de escola é o que mais se aproxima da formação de cidadania que a sociedade deseja.

Em abril de 87, ao assumirmos a Direção Geral do Centro, encontramos as instalações físicas quase totalmente destruídas, o mesmo acontecendo com o mobiliário, os equipamentos e os documentos referentes à memória do Centro. A Escola Parque e as escolas classe encontravam-se com as instalações elétricas e hidráulicas completamente danificadas. A Escola Parque estava sem água e sem luz, e a precariedade em que se encontrava impediu que os alunos a freqüentassem durante o 1º semestre de 87. À época, já existia em fase inicial no Centro, o Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente - MEC/OEA, através do qual já havia sido adquirido algum maquinário, embora se encontrasse inoperante visto o comprometimento da rede elétrica.

Em maio de 87, realizou-se a 1ª. etapa do Seminário de Avaliação, que teve como objetivo discutir o significado da escola parque no conjunto do projeto educacional do estado e propor ações para a reelaboração do Projeto de Implementação de Núcleos de Produção na Escola Parque . A partir da revisão dos objetivos desse projeto, surgiu a redefinição pedagógica e administrativa do Centro.

O RECOMEÇAR EM 1988

Em março de 88, o CECR - Escola Parque foi reinaugurado, passando a funcionar quase integralmente, composto pelas cinco escolas classe (atendendo do pré-escolar até o 2º grau, com cursos de Magistério e Contabilidade) e a escola parque, onde os alunos recebem a complementação de sua educação, através do desenvolvimento das práticas educativas nas seguintes áreas:

- Educação Física (quadra de esporte e área externa)
 - . Ginásio, esporte e recreação.
- Artístico (teatro e anfiteatro)
 - . Educação musical, coral, banda, conjunto musical, dança, teatro e oficina de arte.
- Trabalho
 - . Técnicas agrícolas, técnicas industriais, artes plásticas, escola de produção-madeira, metal e confecção.
- Socializante
 - . Técnicas comerciais, jornal, correio, banco, teatro de bonecos, informática, rádio, cinema, TV, orientação educacional.
- Extensão cultural (biblioteca)
 - . Orientação à leitura/uso da biblioteca, museu/escola/comunidade e educação ambiental.
- Alimentação/higiene/saúde (refeitório)
 - . Serviço de panificação; escola de produção de alimentos; educação para o lar; serviço de lavanderia.

- Administração

- . Direção; setores administrativos, supervisão pedagógica; loja.

Durante o ano letivo de 1988, a Escola Parque atendeu a 5.125 alunos, sendo 3.875 do primeiro grau e 1.250 do segundo grau.

Tendo em vista suas características educacionais e a caracterização sócio-econômica da comunidade que a cerca, é natural que a Escola Parque se preocupe com a sobrevivência imediata dos cidadãos que freqüentam e o seu aproveitamento como força produtiva na sociedade. Esta escola possui, também, as condições necessárias para o desenvolvimento de um trabalho educativo mais aberto, articulando a formação proporcionada pela parte formal do currículo com a utilização do seu espaço e equipamento para o desenvolvimento de habilidades e atividades de produção.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO PROJETO

A partir do Seminário de Avaliação (maio/87), foram revistos os objetivos existentes para o Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente.

Importa para a Escola Parque, através deste projeto, a melhoria da qualidade de ensino, com a atualização dos seus quadros de professores e a integração dos conteúdos das áreas de formação geral e formação especial do currículo. Assim, surge uma nova linha de ação, considerando a importância da produção associada à educação. Outro objetivo que se coloca é o desenvolvimento do processo de integração escola-comunidade, através da oferta de bens e serviços gerados na escola, com a participação desta comunidade.

Vale ressaltar, contudo, que alguns mecanismos de auto-sustentação financeira do núcleo deverão ser desenvolvidos, entretanto deve estar claro que não se espera que ele se torne auto-sustentável pois sua função básica é a educação e não a produção de riquezas.

NÚCLEOS IMPLANTADOS - ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

A escolha feita baseou-se nas atividades já desenvolvidas no currículo regular da Escola Parque, nas áreas de madeira, metal, confecção e alimentos. Pelos motivos expostos anteriormente, houve um retardamento na implementação do projeto como um todo. Quando da visita de técnicos da OEA à Escola Parque, foram retomadas as discussões e redefinido um novo cronograma a ser praticado em 1988, especialmente durante o segundo semestre.

Desta forma, cumpriram-se as etapas de organização e funcionamento dos núcleos de produção nas áreas citadas, conforme quadros - resumo a seguir.

PERÍODO: MARÇO À DEZEMBRO/88
 Nº DE TREINANDOS: 21 (15 alunos, 6 professores)

QUADRO 01 IMPLANTAÇÃO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS

NÚCLEOS	ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA	RESPONSÁVEIS	OBSERVAÇÕES
MADEIRA	. Ligação e testagem dos equipamentos após a substituição da rede elétrica.	40 horas	Professores regentes e professores contratados pelo projeto.	Etapa executada.
E	. Organização das oficinas, sugestão e execução de leiaute.	40 horas	Professores regentes e contratados pelo projeto.	Etapa executada.
METAL (*)	. Treinamento dos professores (fundamentação).	80 horas	Professor contratado pelo projeto.	Atividade em execução.
	. Treinamento dos professores (prática).	80 horas	Professor contratado pelo projeto.	Atividade em execução.
	. Identificação de alunos que demonstraram aptidão para os cursos.	-	Coordenador do curso.	Etapa executada.
	. Convocação, junto à comunidade, para recrutamento de alunos.	-	Coordenador do curso.	Etapa executada.
	. Período de matrículas.	-	Coordenador do curso.	Etapa executada.
	. Treinamento de instrutores.	90 horas	Professor contratado pelo projeto.	Atividade em execução.
	. Fase de implantação - acompanhamento.	100 horas	Professores regentes.	Atividade em execução.
	. Exposição dos trabalhos e comercialização (cálculo dos custos e vendas).	10 horas	Professor contratado pelo projeto e professores regentes.	Atividade a ser executada.
	Total de carga horária	440 horas		
	Nº de horas sob a responsabilidade do projeto.	400 horas		

(*) Devido à grande solicitação, enviamos à OEA proposta de ampliação do treinamento.

QUADRO 02

IMPLANTAÇÃO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS

PERÍODO: MARÇO A DEZEMBRO/88

Nº DE TREINANDOS: 1ª Etapa: 12 e 2ª Etapa: 15

SERVIÇO PANIFICAÇÃO: 50 alunos

NÚCLEOS	ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA	RESPONSÁVEIS	OBSERVAÇÕES
ALIMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> . Aquisição do equipamento e reorganização da sala ambiente e da padaria. . 1ª Etapa - treinamento dos professores de educação para o lar e funcionários da cantina. . Identificação de alunos e pessoas da comunidade com aptidão para o curso. . Período de matrícula. . Treinamento de alunos em serviço de panificação (*) . 2ª Etapa - treinamento de instrutores. . Fase de implementação - acompanhamento. . Comercialização dos produtos. <p>Total de carga horária. Nº de horas sob a responsabilidade de do projeto.</p>	<p>20 horas</p> <p>50 horas</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>100 horas</p> <p>50 horas</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>220 horas</p> <p>100 horas</p>	<p>Professores regentes e alunos.</p> <p>Professor contratado pelo projeto.</p> <p>Coordenador do projeto.</p> <p>Coordenador do projeto.</p> <p>Padeiro e um professor regente.</p> <p>Professor contratado pelo projeto.</p> <p>Professores regentes.</p> <p>Professores regentes.</p>	<p>Etapa executada.</p> <p>Etapa executada.</p> <p>Etapa executada.</p> <p>Etapa executada.</p> <p>Etapa em execução</p> <p>Atividade em execução.</p> <p>Atividade em execução.</p> <p>Realizada logo após a execução.</p>

(*) O pão é utilizado na merenda, e o excedente é comercializado para a comunidade por preços abaixo da tabela.

QUADRO 03 . . . IMPLANTAÇÃO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS PERÍODO: MARÇO A DEZEMBRO/88
Nº DE TREINANDOS: 15

NÚCLEOS	ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA	RESPONSÁVEIS	OBSERVAÇÕES
CONFEÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> . Reorganização da oficina . Treinamento dos professores e instrutores. . Identificação de alunos e pessoas da comunidade com aptidão para o curso. . Período de matrícula . Fase de implementação e acompanhamento. . Comercialização dos produtos. 	<ul style="list-style-type: none"> 20 horas 100 horas - - - - 	<ul style="list-style-type: none"> Professor regente Professor contratado pelo projeto. Coordenador do projeto. Coordenador do projeto Professores regentes Professores regentes 	<ul style="list-style-type: none"> Etapa executada Etapa em execução Atividade em execução. Atividade em execução. Atividade a ser executada. Atividade a ser executada.
	<ul style="list-style-type: none"> Total de carga horária Nº de horas sob a responsabilidade do projeto. 	<ul style="list-style-type: none"> 120 horas 100 horas 		

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DOS NÚCLEOS

Segundo os quadros-resumo apresentados, observa-se que os núcleos se encontram fase de estruturação. Foi necessária não só a reorganização das oficinas como, também, atualizar e renovar a técnica de trabalho até então utilizada. Para tanto, os conteúdos dos cursos foram elaborados a fim de atenderem as reais necessidades dos nossos professores e alunos (ementário anexo).

Previu-se, inicialmente, uma carga horária de 200 horas (para as áreas de metal e madeira) e 100 horas para as áreas de confecção e alimentos. Durante o desenvolvimento dos cursos, sentiu-se a necessidade de uma redistribuição da carga horária, reservando-se algumas horas para a fase de ligação e testagem dos equipamentos e reorganização dos ambientes de trabalho.

Para o curso com os professores, foi utilizado o horário reservado para a reunião de orientação pedagógica, que com preende seis horas semanais. Para os alunos e pessoas da comunidade, a carga horária semanal ficou estabelecida em 12 horas, fixadas em turno oposto ao horário dos alunos nas escolas classe. Para a freqüência a este curso, os alunos participantes foram liberados de outras atividades da Escola Parque, exceto das aulas de Educação Física.

CONSIDERAÇÕES SOBRE CONTEÚDOS

É fundamental a articulação das atividades produtivas com os conteúdos de educação geral. Para tanto, os trabalhos nas oficinas devem se desenvolver através de projetos, pois não basta que o aluno construa um objeto qualquer, o que importa realmente é que ele aprenda as qualidades deste objeto. Necessário se faz, portanto, o desenvolvimento de programas para aperfeiçoamento de todo o professorado do Centro, aqueles responsáveis pela parte de formação geral do currículo, como os demais que desenvolvem as variadas atividades na Escola Parque.

Durante os encontros de trabalho, procura-se aprofundar as discussões sobre estas questões, colocando-se algumas exigên-

cias como a elaboração de projetos como fase anterior á execução dos trabalhos, buscando-se, também, a integração com a disciplina Artes Plásticas - Desenho.

COMERCIALIZAÇÃO

O valor de comercialização de cada produto final é calculado com base em seu custo total de produção, que inclui o material (materia-prima) e a mão de obra. A cada produto final corresponde uma : ficha de utilização de material, onde são registrados todos os custos de produção que, posteriormente, servem de base para o cálculo do percentual de lucro, portanto, do preço fixado para venda. Este processo está sob a responsabilidade dos alunos, com a orientação do professor específico de cada área.

Foram comercializados alguns produtos resultantes de cursos administrados pelo projeto CEA durante a feira em comemoração ao aniversário da Escola. Na área de alimentos, como os produtos são perecíveis, a sua comercialização dá-se imediatamente após as aulas. Pretende-se realizar nova exposição destes trabalhos nas feiras, que ocorrem no final do ano letivo, e na loja da escola, com lucros revertidos para a própria escola. No entanto, a perspectiva futura é que o aluno venha a obter lucros, cujo percentual será estudado posteriormente.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Neste primeiro ano de atividades, foi difícil uma avaliação real de resultados, vez que o desenvolvimento dos trabalhos requereu, por vezes, pré-requisitos e condições que não foram atendidas pela Escola, ela própria enfrentando sérias dificuldades em sua operacionalidade (em 1988, a Escola Parque ressurgiu do caos pedagógico, administrativo e físico em que se encontrou durante anos).

No entanto, alguns comportamentos tornaram-se evidentes, o que permitiu a perspectiva de resultados positivos já estarem, ao menos preliminarmente, sendo alcançados. A freqüência às atividades com pontualidade, maior envolvimento dos alunos e

pessoas da comunidade com as outras atividades da escola, identificação de alunos com habilidades acentuadas e com perspectiva de aproveitamento posterior como monitor foram alguns destes resultados, além de outros, também extensivos à comunidade, como o reconhecimento e utilização do maquinário, paralelo à abertura do espaço à comunidade para pequenos consertos. Ainda sob uma avaliação geral, percebe-se a melhoria na qualidade dos trabalhos realizados, que passaram, também, a ser mais diversificados do ponto de vista de sua elaboração e utilidade.

DIFICULDADES NA ADMINISTRAÇÃO DO PROCESSO

Alguns entraves de natureza administrativa concorreram para o surgimento de dificuldades, quanto à aquisição do material dos cursos. Ao enumerá-las, espera-se contribuir para a discussão de alternativas de solução:

- a) o processo de repasse de recurso para pronta utilização, que é praticado pela Secretaria de Educação, demanda bastante tempo. Conseqüentemente, dificulta o trabalho, sendo necessário muitas vezes rever ou adaptar o cronograma das atividades previstas;
- b) o processo de compra de materiais não é imediato, pois é feito através da Secretaria de Educação, ficando sujeito às tramitações burocráticas como licitações, empenhos, etc. Conseqüentemente, alguns fornecedores não aceitam vendê-los, em face do período que decorre até a liberação do pagamento. Os produtos de aquisição mais difíceis são o ferro e o metal, cujos preços são majorados semanalmente;
- c) dificuldades de natureza pedagógica:
 - . falta de pessoal habilitado nas áreas que fundamentam a prática e transmitam conteúdos com embasamento técnico-científico;
 - . no momento, o quadro pessoal da Escola Parque, nas áreas de confecção, alimentos, madeira e metal é com

posto, em sua maioria, por profissionais com formação em nível de 29 grau e licenciatura de curta duração (premem, Ceteba) sem outras especializações.

- . dificuldade na articulação com as escolas classe, que trabalharam durante muitos anos de forma isolada, sem integrar os conteúdos teóricos à prática realizada na escola parque (iniciamos este trabalho nas áreas de Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências);
- . ausência de supervisores habilitados dificulta o nosso trabalho.

EXPANSÃO DAS EXPERIÊNCIAS

Há necessidade de continuidade do projeto, que já se encontra em fase de expansão. É necessária, portanto, a garantia do recurso para o pagamento de professores e instrutores e a aquisição de matéria-prima básica para o desenvolvimento das atividades, vez que a escola já está devidamente equipada.

Capacidade de absorção da escola/ano

ÁREAS	NÚMERO DE TURMAS /ANO	NUMERO DE ALUNOS /TURMA
Madeira Metal	2	30
Confecção	2	30
Alimentos (panificação) (*)	2	30
	10	110
T O T A L	16	200

* O serviço de panificação poderá absorver:

- . 50 alunos da escola por semestre, com 100 horas/aula;
- . 5 alunos da comunidade por semestre, com 100 horas/aula,

Outra área que desponta como de grande interesse para alunos e comunidade é a de técnicas agrícolas, que recebeu, inicialmente, incentivo através de convênio firmado entre a SEEB e LBA. Desta forma, pode-se considerar viável a introdução desta área no rol das unidades de produção que integram o projeto conveniado com o MEC/OEA.

E M E N T Á R I O

DISCIPLINA - MADEIRA

- . Apresentar a Carpintaria como profissão viável, útil, além de ser muito aplicada em vários setores.
- . Possibilitar ao indivíduo espaço de trabalho, formando hábitos e atitudes educativas.
- . Estimular o desenvolvimento das potencialidades inerentes a cada elemento participante do grupo de trabalho.

DISCIPLINA - METAL

- . Possibilitar ao aluno a oportunidade de conhecer as profissões existentes na área de metal.
- . Conscientizar acerca da beleza artesanal e o valor industrial existente nos trabalhos.
- . Desenvolver as técnicas operacionais para a confecção dos trabalhos propostos.

DISCIPLINA - CONFECÇÃO

- . Promover o aperfeiçoamento na área de corte e costura através de técnicas de moldagem e confecção.
- . Promover maior envolvimento do grupo de alunos e a comunidade num trabalho produtivo.
- . Estimular o desenvolvimento das potencialidades inerentes a cada elemento participante do grupo de trabalho.

DISCIPLINA - TECNOLOGIA DOS ALIMENTOS

- . Discutir o valor, a utilidade e as causas de alteração dos alimentos.
- . Estudar noções caseiras de confecção e conservação dos alimentos.
- . Promover maior envolvimento do grupo de alunos e a comunicação num trabalho produtivo.

EXPERIÊNCIA IMPLEMENTADA NA ESCOLA ROSALVO LOBO - MACEIÓ

Tito Cavalcante Alencar
Diretor da Escola

A Escola Integrada Rosalvo lobo localiza-se na perife-ria urbana da cidade de Maceió, no bairro da Jatiúca, com uma clientela proveniente de famílias de baixo poder aquisitivo. Em 1988, sua matricula atingiu 2.613 alunos de 1ª a 8ª série de 19 grau, sendo que 1.592 cursaram as séries finais (5ª a 8ª).

Pretendendo dar um atendimento mais completo à cliente la a que se destina, a escola vem tentando, desde 1979, introduzir experiências de atividades produtivas em seu currículo de ensino de 19 grau, de modo a oferecer a seus alunos oportunidades de vivenciar todas as fases de um processo produtivo.

Em 1984, o Projeto Especial Multinacional de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente veio concretizar essas aspirações, oferecendo subsídios técnicos e financeiros à implementação dos núcleos de produção nas áreas de cunicultura e horticultura. A partir de então, os núcleos foram-se desenvolvendo. Durante o ano de 1988, a escola contou com 719 alunos de 5ª a 8ª série integrados no projeto, dos quais 8 são monitores (remunerados) que, sob a orientação de um professor coordenador, são responsáveis pelas ações de produção, comercialização e consumo.

Como resultados positivos do projeto, além do enriquecimento da merenda escolar (verduras e carne), pode-se citar:

- . preparação de 100 alunos, já concluintes de 19 grau, nas diversas técnicas da criação de coelhos e de 30 alunos que dominam as técnicas de curtimento de pele;
- . implantação de curtumes nas residências de 3 alunos monitores;

. orientação, pelos alunos monitores, a criadores das mais variadas regiões do estado, a saber:

técnica de criação	- 102
técnica de curtume	- 48
técnica de confecção artesanal	- 29

. implantação de diversas hortas familiares e/ou comunitárias.

Convém ressaltar que a Escola Integrada Rosalvo Lobo busca vivenciar um currículo que propicie a formação integral do aluno, pois, não descuidando das disciplinas de formação geral, procura enriquecer a parte de formação especial, oferecendo técnicas de preparação e adubação do solo, noções preliminares de cunicultura e utilização da pele de coelho na confecção artesanal de bolsas, tapetes, almofadas, etc.

Em novembro de 1987, a escola promoveu o I Seminário sobre Educação-Produção, com o apoio da Secretaria da Educação e do Ministério da Educação, em que foram discutidos os temas: Educação para o Trabalho, Integração Curricular e Cooperativismo. O interesse demonstrado por todos os participantes - professores, técnicos da Secretaria, alunos e familiares - concorreu para discussões extremamente importantes:

a) Integração curricular - A escola enfrentava sérios problemas nesse sentido, pelo descrédito ou desconhecimento dos objetivos do projeto por parte de alguns componentes do corpo docente. No entanto, em 1988, a participação e o envolvimento dos professores foi geral. Reuniões de planejamento foram continuamente realizadas na busca de uma melhor adaptação curricular às atividades produtivas desenvolvidas. Tornou-se comum os professores de técnicas serem convidados para proferir palestras ou divulgar experiências relativas ao projeto para alunos de 7ª e 8ª séries nas áreas de comunicação e ciências.

b) Cooperativa escolar - Outra atividade prevista no projeto e que apresentava muitos entraves em sua implantação. O

seminário contribuiu para a participação efetiva da Secretaria da Educação no processo, e várias ações começaram a ser concretizadas:

- . designação de 2 técnicos em cooperativismo para a escola;
- . realização do I Seminário de Cooperativa Escolar, promovido pela Assessoria de Cooperativa Escolar da Secretaria da Educação;
- . várias reuniões com participação de técnicos do Ministério da Agricultura, da Emater e da Secretaria da Agricultura, da direção, professores e técnicos da escola e de alunos representantes de turma, objetivando a discussão da prática do cooperativismo, a di-vulgação da cooperativa escolar e a elaboração do estatuto.

Presentemente, já se encontra concluída a minuta do Estatuto da Cooperativa Escolar Prof. Rosalvo Lobo Ltda., que deverá ser submetida à apreciação e aprovação em assembléia geral de constituição, a realizar-se em dezembro do corrente ano.

c) Expansão do projeto - A constatação do alcance social do projeto, por ocasião do seminário, levou a comunidade escolar a optar pela expansão do mesmo com a implantação de mais dois núcleos de produção.

Mais uma vez, a Secretaria da Educação procurou o apoio da Secretaria de Assuntos Internacionais/MEC que/ com recursos do Projeto Especial Multinacional de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente, possibilitou a implantação dos núcleos de produção nas áreas de serralharia e marcenaria. Foram previstas ações de recuperação de um prédio anexo à escola, onde funcionarão os novos núcleos; revisão e recuperação das máquinas existentes na escola, na antiga oficina de técnicas industriais; aquisição de máquinas e ferramentas; aquisição de matéria-prima; adequação curricular e organização dos núcleos de produção.

Dessas ações, a maioria está realizada: máquinas foram revistas e recuperadas; máquinas, ferramentas e matérias-primas foram adquiridas; todo o material para recuperação e adaptação do prédio encontra-se na escola. Tudo isso com recursos do Projeto Especial, ficando os serviços de mão-de-obra sob a responsabilidade financeira da Secretaria da Educação, que já repassou recursos à direção da escola para tal finalidade.

A implantação dos novos núcleos virá, não somente, ampliar a participação de mais alunos no processo educação-produção, bem como possibilitar o desenvolvimento de atividades complementares aos núcleos já existentes:

- . confecção de gaiolas de arame para coelhos, aves e outros animais;
- . confecção de berçários para a cunicultura, bancadas para o curtimento de peles e outros equipamentos inerentes à cunicultura e horticultura;
- . confecção e manutenção de mobiliário escolar e atendimento à comunidade;
- . confecção de grades e portões em nível de prestação de serviços à comunidade, etc.

Atualmente, mesmo em face da crise econômica que assola o País, os núcleos existentes vêm se mantendo relativamente bem, apesar de já terem atravessado fases bem mais rentáveis. O preço tabelado para comercialização da carne de coelho está muito baixo, ficando a receita quase equivalente às despesas com ração e medicamentos, cujos custos estão bastante elevados.

Espera-se que o funcionamento dos novos núcleos venham corrigir essa situação, tendo em vista a grande diversificação de produtos a serem comercializados.

EXPERIÊNCIA REALIZADA NO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO

Maria de Fátima Teófilo Durans
Coordenadora do Projeto Antônia
Moreira Durans Assessora
Pedagógica

INTRODUÇÃO

O relatório em pauta apresenta as experiências desenvolvidas no Colégio Universitário UFMA, no âmbito do Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente - MEC/OEA.

Mostrou-se, através deste relatório, como vem se processando a implementação dos núcleos de produção, sua receptividade no seio da comunidade e o processo de integração entre educação e trabalho produtivo.

Analisou-se os pontos de estrangulamento detectados através de avaliação aplicada aos participantes dos núcleos e também focalizou-se propostas que venham contribuir para um melhor nível de qualidade na preparação para o trabalho.

CARACTERIZAÇÃO DO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO E DO BAIRRO VILA PALMEIRA

O Colégio Universitário, criado pela Resolução nº 42, de 20 de maio de 1968, e atualmente situado no bairro periférico da Vila Palmeira, teve as seguintes finalidades:

- a) preparar candidatos aos concursos de habilitação para ingresso nos estabelecimentos de ensino superior;
- b) ministrar o ensino diversificado da 3ª série do 2º grau nas diversas áreas;
- c) dar orientação adequada ao aluno, para que este pu-desse fazer opção profissional.

Através da Resolução nº 53, de 29 de abril de 1977, do Conselho Estadual de Educação do Maranhão, e em decorrência da Lei nº 5.692/71, o Colégio Universitário passou a oferecer o ensino do 2º grau completo com as seguintes habilitações: Assistente de Administração, Estatística e Secretariado, em nível técnico.

Em 1980, foi reestruturado para oferecer ensino do 1º e 2º graus em convênio com a Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, cuja proposta foi encaminhada ao Conselho Estadual de Educação pelo ofício nº 54, de 6 de agosto de 1980, pela Fundação Universidade do Maranhão.

De acordo com o Projeto de Reestruturação, o Colégio estabeleceu os seguintes objetivos:

- 1º) oferecer ensino de 1º e 2º graus à população de Vila Palmeira;
- 2º) servir de campo de estágio para os alunos da UFMA;
- 3º) constituir-se em local de desenvolvimento de ensino e pesquisas educacionais;
- 4º) integrar-se à comunidade do bairro em atividades

diversas, tendo em vista a participação da mesma no processo educativo;

- 59) propiciar contínuo aperfeiçoamento aos docentes, técnicos e pessoal administrativo da escola, incentivando a participação em cursos e círculo de estudos.

Constituindo-se no campo de estágio da UFMA, o Colun oferece estágio para os seguintes cursos: Bioquímica, Medicina, Enfermagem, Odontologia, Serviço Social, Biblioteconomia, Letras, Educação, etc.

Serve-se também o Colun do Laboratório de Ensino e Pesquisa ao mesmo tempo em que se constitui num Projeto de Extensão.

O Colégio Universitário (Colégio de Aplicação da UFMA) mantém uma estrutura curricular flexível, com vistas a atender as peculiaridades locais e exigências da vida comunitária. Oferece, ainda, condições para o desenvolvimento de diferentes modalidades de estudos e atividades, possibilitando aos discentes a vivência do currículo de 19 e 29 graus resultantes do trabalho de equipe coordenado pelo serviço da escola.

O ensino de 19 e 29 graus ministrado nesta escola é organizado segundo a legislação vigente, incluindo, portanto, a iniciação para o trabalho nas seguintes áreas: técnicas agrícolas, industriais (nas subáreas de marcenaria, impressão gráfica) e educação para o lar, de acordo com as oficinas, como atividades curriculares com objetivos educativos e não-produtivos.

Segundo o Regimento Interno, o ensino de 19 grau será estruturado em regime de seriado anual, com duração de oito anos letivos, proporcionando ao aluno iniciação para o trabalho a partir da 5ª série. O aluno, ao ingressar no Colégio, deverá ter idade mínima de sete anos. É facultado ao Colun antecipar a iniciação do trabalho/ a fim de atender as inclinações e necessidades sócio-econômicas da comunidade.

Quanto ao ensino de 2º grau, destina-se a formação do adolescente, através do ensino de formação geral, com a preparação para o trabalho e/ou formação profissional, oferecendo condições para o prosseguimento de estudos de nível superior e atuação profissional.

O ensino de 2º grau tem duração de três anos letivos seriados anualmente.

Este nível de ensino oferece, também, preparação para o trabalho nas áreas de construção civil, administração e as habilitações profissionais de magistério de 1ª a 4ª série do 1º grau.

O Colégio Universitário conta atualmente com 1.405 alunos, sendo 1.112 no 1º grau e 293 no 2º grau.

Quanto à repetência, considerou-se que existem causas extra-escolares tais como: fator sócio-econômico, em vista da baixa renda familiar/ do nível de instrução dos pais, etc. Ainda no que se refere à repetência, percebe-se também que ela está condicionada a fatores intra-escolares como cunho pedagógico.

Em relação à evasão, esta é maior na 8ª série, ou seja, no término do 1º grau e, no 2º grau, processa-se na 1ª série. Este problema ocorre muitas vezes em consequência das dificuldades financeiras que a família enfrenta, tendo o jovem, desde cedo, de contribuir através do seu trabalho para o aumento da renda familiar. Outro fator que influencia a evasão é o de o Colun oferecer ensino técnico apenas no Curso de Magistério, o que não preenche os anseios profissionais de toda clientela desta escola.

Consciente destas dificuldades, e após detectar as necessidades da comunidade Vila Palmeira, o Colun procurou atender a uma antiga reivindicação feita pelos moradores do referido bairro, implantando no ano de 1983, o ensino supletivo (1º e 2º graus) à noite, através da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão.

Essa modalidade de ensino não constitui uma atividade propriamente do Colégio Universitário, mas da competência da mencionada Secretaria. Além do ensino supletivo, outros cursos funcionam à noite no Colun, tais como: Curso de Alfabetização de Adultos (Convênio UFMA e Fundação Educar) , este já concluído. Cinco turmas do Projeto Educar em convênio com várias instituições existem na comunidade, as quais são executadas por pessoas qualificadas provenientes do próprio bairro.

A COMUNIDADE VILA PALMEIRA

O bairro Vila Palmeira, onde se encontra o Colégio Universitário (Colégio de Aplicação da UFMA), surgiu em decorrência do fenômeno da migração urbana/rural em forma de invasões, pois a maior parte das famílias residentes nesse bairro é procedente da zona rural.

O referido bairro conta com uma gama de subemprego, pois as mulheres assumem posições de donas-de-casa, enquanto os maridos trabalham fora do lar.

Segundo estudo de caso realizado por SILVA/1987 na comunidade de Vila Palmeira, 82,9% dos maridos trabalham fora do lar, 36,7% das mulheres exercem atividades remuneradas fora de casa, em idade menor que a dos maridos, sendo que para 47% compete as atividades domésticas. No entanto, a frequência à escola é maior entre as mulheres (15,8%) do que entre os homens, e é significativa a proporção de mulheres que trabalham e estudam.

A participação da comunidade na sociedade realiza-se pelo trabalho.

Diz, ainda, SILVA (1987) ser notório a discriminação entre o trabalho masculino e o feminino, uma vez que a população tem uma concepção que ao homem compete trabalhar fora do lar enquanto a mulher deve trabalhar nos serviços domésticos.

O trabalho dos maridos que prestam serviços em casa

diz respeito ao ofício de carpinteiro, ferreiro, sapateiro, etc, e esta quantidade é mínima em relação aos que trabalham fora de casa.

As mulheres, mais que os maridos, têm ocupações manuais não especializadas, empregando-se principalmente para lavagem de roupas e trabalhos domésticos, e os maridos, na maioria das vezes trabalham como ajudantes em construção civil, isto é, peões, como vigias de construções e de residências, carroceiros, carregadores, soldados, vendedores, biscateiros e em outras ocupações denominadas informais (lavadores de carros, etc).

Enquanto cresce o número de homens com ocupações especializadas nas seguintes profissões: alfaiates, barbeiros, donos de quitandas, motoristas, carpinteiros, pedreiros, marceneiros, eletricitas, encanadores, ferreiros, feirantes, pintores, sapateiros, constata-se que o mesmo não ocorre em relação às mulheres, existindo um decréscimo do número das mesmas com ocupações como: costureiras, cabeleireiras, manicures etc.

"A população que compõe a comunidade Vila Palmeira, principalmente maridos e mulheres, alguns nunca freqüentaram a escola, a maior percentagem de homens e mulheres não teve a escolarização obrigatória, isto é, o 1º grau completo de ensino, e poucos possuem o 2º grau completo." (SILVA, 1987). Daí que o baixo nível de instrução reforça o argumento de que a ascensão na escala profissional é condicionada ao nível de escolarização.

2 - SILVA, Maria do Socorro Moura da, A escola e a comunidade, Coleção Ciências Sociais, Série Educação, Editora **Universitária** da UFMA, São Luis, 1987, 165 p.

A renumeração da população da Vila Palmeira advém do próprio trabalho, e é evidente que a pobreza é o denominador comum desta comunidade.

Desta forma, constata-se que, devido à falta de crédito pelo próprio trabalho da família, é constante a luta pela sobrevivência, pela obtenção, manutenção e melhoria do emprego.

Entre a população da comunidade Vila Palmeira, verifica-se que os que não conseguem emprego ou foram dispensados do trabalho sobrevivem vendendo laranjas descascadas, mingau de milho, pamonha, cafezinho, etc, ou sendo sapateiros ou prestando serviços à comunidade.

O que mais caracteriza a expressiva forma de participação desta comunidade na sociedade como reprodutora da força de trabalho é a necessidade de automanutenção e de sustento de seus dependentes.

É evidente que, a cada dia, vem se intensificando o índice de desemprego em consequência da crise econômica por que atualmente passa o Brasil. O desemprego e o subemprego estão presentes nesta comunidade, inclusive prejudicando a participação da criança na escola, fato constante no baixo rendimento de aprendizagem, já que os mesmos são obrigados a trabalhar para ajudar na manutenção das famílias.

O contingente de moradores desempregados direciona suas aspirações para as seguintes ocupações: eletricitas, pedreiros, carpinteiros, cozinheiras, zeladores, lavadeiras, professoras, auxiliares de enfermagem, agentes administrativos, empregos no comércio, em repartições públicas, em colégios; almejam montar seu próprio negócio e ter um emprego que propicie mais segurança e, finalmente, desejam adquirir segurança econômica por conta própria.

O elevado custo de vida da cidade de São Luís e a sensível perda do poder aquisitivo da classe trabalhadora vem tornando desesperadora a situação do morador da Vila Palmeira. Com isto, os pais vêm tendo dificuldades para manter seus filhos na escola, devido a dificuldades financeiras, falta de vagas, problemas familiares e de distância (o aluno que se transfere da Vila Pal-

ra, mas permanece na escola). Com tudo isso, os pais não medem esforços para proporcionar aos filhos a escolaridade.

Apesar de todas as dificuldades econômicas e financeiras pelas quais passa o país e, principalmente, por ser uma população financeiramente carente, percebe-se, hoje, um certo progresso no bairro de Vila Palmeira, quando instituições foram implantadas na periferia do mesmo, escola de aplicação da UFMA (Colun), escolas estaduais, escolas municipais, parque folclórico, posto médico, igrejas, complexo esportivo, pequenos comércios.

De certa forma, a comunidade Vila Palmeira foi beneficiada com a implantação do Colun pois o mesmo tem buscado incrementar uma maior articulação entre escola e comunidade.

Essa tentativa de integração tem se processado no momento em que o Colégio Universitário vem oferecendo aos moradores do referido bairro e suas adjacências, ensino pré-escolar, de 1º e 2º graus, cursinho pré-vestibular e outros.

Destaca-se também, diversos projetos, entre eles o Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente - MEC/OEA, que visa apoiar a comunidade escolar na aquisição de uma atividade produtiva que lhe possa oferecer melhores condições de vida.

IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO ESPECIAL DE EDUCAÇÃO-PRODUÇÃO MEC/OEA NO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO - UFMA

O Colégio Universitário, sempre voltado para atender às aspirações e necessidades do bairro Vila Palmeira, está alicerçado no que determina o regimento interno "Integrar a comunidade do bairro em atividades diversas, tendo em vista a participação da mesma no processo educativo". Vem, também, procurando permear em todo o seu trabalho uma integração com a comunidade, oferecendo-lhe oportunidades de inserir-se na vida cultural e produtiva da escola e da comunidade.

Extrapolando os limites de ação de ensino puramente acadêmico, propôs-se a contribuir também com a formação profissional dos moradores da Vila Palmeira, oferecendo cursos profissionalizantes (Magistério de 1ª a 4ª série) e de iniciação para o trabalho com o objetivo de qualificação de mão-de-obra, tendo em vista a ampliação do quadro ocupacional e o aproveitamento pelo mercado de trabalho. Diversos cursos foram oferecidos à referida comunidade, resultantes de convênios entre a UFMA e entidades específicas na área de treinamento de recursos humanos, tais como: LBA (Legislação Brasileira de Assistência) PIPMO (Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra) e ainda com a utilização dos recursos humanos físicos e financeiros existentes no Colégio.

Com base na Lei 7.044/88, que introduziu várias alterações na Lei 5.692/71, desobrigando as escolas a promoverem o ensino profissionalizante, e em seu lugar introduziu apenas a obrigatoriedade da disciplina Organização para o Trabalho, o Colun esta beleceu o seguinte: no 19 grau, a formação especial foi mantida em nível de preparação para o trabalho, mas em caráter mais de qualificação e optativo para o aluno, entre as áreas de Técnicas Agrícolas, Técnicas Industriais e Educação para o Lar, tendo em vista a existência de cursos afins no 29 grau e na programação de cursos comunitários para 19 e 29 graus.

O Projeto Especial de Educação-Produção, em execução no Colégio Universitário - UFMA, e apoiado pelo Ministério da Educação e pela Organização dos Estados Americanos, tem como objetivo geral:

"Implementar as atividades de Marcenaria, Desenho Arquitetônico, Artes Gráficas, Técnicas Agrícolas, Educação para o Lar, Serigrafia e Serralharia através da implantação de núcleos de produção, possibilitando aos alunos a sua inserção no processo produtivo, contribuindo, assim, para sua formação básica, na perspectiva de que educação e trabalho constituem elementos indispensáveis no pleno exercício da cidadania." Os objetivos específicos são os seguintes:

. Inserir os alunos no contexto sócio-econômico, político e cultural através da aquisição de conhecimentos e prática profissional.

. Propiciar aos alunos o conhecimento da legislação trabalhista, normas de segurança, bem como das formas de associativismo.

. Promover a integração das atividades das oficinas com a prática pedagógica desenvolvida no Colun, visando ao maior rendimento dos alunos.

. Propiciar a integração dos professores, alunos e comunidade, visando ao êxito da implantação do projeto com vistas ao intercâmbio de experiências e melhorias das condições de vida.

. Estes objetivos propostos estão coerentes com os objetivos do Colun, no momento em que visam integrar aluno e comunidade no processo educativo e produtivo através das atividades e práticas pedagógicas e as desenvolvidas nas oficinas.

O Projeto Especial de Educação-Produção, tendo como perspectiva promover a integração entre educação e trabalho, vem contribuindo para o enriquecimento do currículo do ensino de 1º e 2º graus do Colun através de atividades produtivas que tenham retorno nos aspectos educativo, social e econômico para a população da Vila Palmeira.

Reconhece-se a importância do Projeto Especial de Educação-Produção por ser dimensionado por propostas de cunho pedagógico, social e econômico, o que o diferencia dos demais projetos.

O referido Projeto, na sua dimensão pedagógica, tem procurado integrar os componentes curriculares de maneira a adequar a teoria à prática das atividades desenvolvidas pelos professores nos citados núcleos desta escola.

A dimensão social tem se caracterizado pela sociabili

zação do trabalho, como fonte geradora de atividades produtivas que vem respondendo às necessidades e aos interesses desta comunidade.

Quanto à dimensão econômica, vem favorecendo ao educando o engajamento nas atividades produtivas de maneira a propiciar a auto-sustentação dos núcleos como processo educativo e em seu próprio benefício através das bolsas de trabalho.

Os núcleos implementados no Colun são em número de 7 (sete) atendem a uma clientela de baixa renda residente no bairro Vila Palmeira, e contam com a participação de alunos e comunitários a partir da faixa etária de 12 a 40 anos.

Os fatores que mais influenciaram na implementação dos núcleos de produção foram os seguintes: oficinas já existentes, professores qualificados e a realização de uma pesquisa aplicada com a comunidade estudantil.

A organização e o funcionamento dos núcleos processam-se através de inscrição e seleção dos candidatos; a parte teórica é acompanhada pela parte prática; a execução dos trabalhos é feita atendendo às encomendas específicas, assim como a comercialização das peças produzidas por cada núcleo nas exposições realizadas no Colégio no final de cada semestre letivo e datas comemorativas.

Os núcleos de produção funcionam de segunda a sexta feira com 20 horas semanais, em horários alternados, para atender aos alunos do Colégio Universitário e comunitários que estudam ou trabalham. O Projeto possui um total de 180 (cento e oitenta) alunos, distribuídos pelos diversos núcleos conforme tabela em anexo.

Os conteúdos programáticos trabalhados nos núcleos são montados segundo cada especificação e de maneira a assegurar aos alunos uma visão completa e sólida das questões de segurança e higiene do trabalho. Convém ressaltar que os conteúdos específicos

cos de cada núcleo oportunizam a integração entre trabalho e formação geral, atentando para a formação geral, social e política do cidadão.

Os docentes envolvidos nos núcleos de produção são na maioria professores do quadro de pessoal da UFMA, com **habilitação** específica em suas respectivas áreas de atuação. Ao entanto, para a execução do mencionado projeto, fez-se necessária a contratação de instrutores que desenvolvessem as atividades práticas concernentes a cada núcleo, tais como: Marcenaria, Serigrafia e Maquetes.

Os instrutores têm seu trabalho acompanhado pelo professor **do núcleo e** também pela coordenação do Projeto.

A maioria dos professores responsáveis pelos núcleos vem sendo reciclada como podemos ressaltar:

- . Participação na Feira Nacional da Construção (Fenacon) São Paulo;
- . Feira Internacional de Serigrafia - São Paulo; .
Seminário Nacional de Serigrafia - São Paulo; .
- Cursos de pintura, bordado; . Curso de Licenciatura Plena em Artes Pláticas etc.

DIFICULDADES ENCONTRADAS

Entre as dificuldades encontradas na implantação do **Projeto** Especial de Educação-Produção, destacam-se a falta, **so brevedo, de** um assessoramento pedagógico e de apoio administrativo **interno, bem** como insuficiência da competência técnica.

Tomando por base a avaliação **aplicada neste** último **bi mestre**, registram-se a seguir alguns pontos positivos e negativos detectados, bem como a proposta de estratégias que venham **contribuir para a** melhoria e expansão das experiências.

PONTOS POSITIVOS

- 90% dos participantes demonstram interesse pelas atividades desenvolvidas nos núcleos de sua preferência;
- assiduidade e no desenvolvimento das atividades, tanto da parte dos alunos no Colun como dos elementos da comunidade matriculados;
- estímulo à produtividade, pois, em alguns núcleos, já se encontram alunos trabalhando por conta própria, contribuindo assim para o orçamento da família;
- interesse dos professores do Colun, alunos e comunidade na compra dos produtos fabricados nos núcleos.

PONTOS NEGATIVOS

- falta de apoio de ordem administrativa do Colégio, bem como de apoio institucional da Universidade na fase de implantação do projeto;
- falta de assessoramento pedagógico durante o desenvolvimento da experiência;
- burocratização excessiva nas licitações, prejudicando as atividades dos núcleos e contribuindo também para a evasão e o desestímulo;
- pouca divulgação na comunidade;
- evasão **por** falta de orientação vocacional;
- falta de equipamentos modernos na oficina de Artes Gráficas, devido ao seu alto custo, ficando esta funcionando apenas com os equipamentos redimetares já existentes.

ESTRATÉGIAS DE **AÇÃO PARA** MELHORÍA E EXPANSÃO DAS EXPERIÊNCIAS

- . Propiciar a continuidade e ampliação destes núcleos

através de divulgação, apoio administrativo e assessoramento pedagógico:

- . Realizar avaliação junto ao corpo docente, discente, administrativo e comunidade:
- . Analisar as informações adquiridas através da avaliação para uma retroalimentação dos núcleos:
- . Equalizar os pontos de estrangulamento apresentados no ano letivo de 1988:
- . Redimensionar os núcleos de produção, criando normas administrativas e cooperativas:
- . Estimular a comunidade da Vila Palmeira para participar e integrar-se aos núcleos implantados no COLUN conforme a aptidão de cada um.
- . Promover cursos, seminários, palestras, para que os participantes destes núcleos, ora oferecidos no Colun, possam melhorar. . . , :s condições financeiras através da instalação e do funcionamento de um centro próprio de vendas;
- . Aplicar testes de aptidão relativos à escolha dos núcleos no ato da inscrição.

CONCLUSÃO:

Neste relatório mostrou-se como vem se processando as atividades dos núcleos de produção desenvolvidas através do Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente - MEC/OEA, no Colégio Universitário - UFMA.

Para melhor compreensão dos motivos que levaram à implantação dos Núcleos de Produção *ne* nossa escola, partiu-se inicialmente da caracterização do colégio Universitário e da comunidade de Vila Palmeira.

Como ficou constatado neste relatório, os objetivos do

projeto estão em estreita correlação com os do Colun, tendo em vista que ambos visam a "integrar a comunidade à escola através de uma educação geral aliada a uma prática produtiva".

Evidenciou-se que a ação docente foi de um senso de consciência e responsabilidade que, apesar de todas as crises vivenciadas pela escola, continuou buscando a promoção e integração da comunidade no processo educativo e produtivo.

Finalmente, observou-se que, quando se decide desenvolver uma educação integrada ao trabalho, é fundamental visualizar o aluno, levando-se em consideração seus interesses, suas crises existenciais, enfim, todos os fatores que influenciam a formação do homem. Nesta perspectiva, estar-se-a considerando que toda ação educativa deve ser desenvolvida utilizando-se do contexto global concreto. Partindo-se daí, chegou-se à seguinte conclusão, a experiência em pauta implementou suas atividades no Colun, levando em consideração a realidade que vive a escola e a comunidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SILVA, Maria do Socorro Moura da, A escola e a comunidade; um estudo das relações, Edufma, São Luís, 1987.

Estudo da Produtividade do Processo ensinoaprendizagem do Colun no período 1980/84.

Projeto Colégio Universitário - Experiência Pedagógica - Colun, São Luís-MA, 1985.

Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente - MEC/OEA, São Luís-MA, 1984.

Regimento Interno do Colégio Universitário - UFMA, São Luís-MA, 1988.

EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO A EDUCAÇÃO E A PRODUÇÃO NA CIDADE DE COLINAS

Clovis Silveira de Araújo
Assessor

1 - INTRODUÇÃO

O presente relatório objetiva mostrar sucintamente como vem sendo desencadeado o Projeto de Educação e Produção, que se encontra implantado no Bairro Guanabara, na cidade de Colinas, Estado do Maranhão.

Será apresentado aos participantes do Seminário sobre Experiências de Integração da Educação e do Trabalho Produtivo, no âmbito do Projeto Especial de Educação-Produção em Áreas Urbanas de População Carente - MEC/OEA, que será realizado em São Luís-MA, no período de 29 de novembro a 2 de dezembro de 1968.

Centro Comunitário de Educação e
Produção da Guanabara, em Colinas

2 _ CARACTERIZAÇÃO

O Centro Comunitário de Educação e Produção da Guanabara (CCE?) integra o conjunto de empreendimentos realizados por iniciativa da Prefeitura Municipal de Colinas, com o apoio técnico da Fundação Professor Macedo Filho e a participação de organizações populares do município, com o objetivo de criar condições para o desenvolvimento econômico e social do município e a melhoria da qualidade de vida de sua população.

2.1 Unidade Escolar Haydée Chaves

O centro compreende a Unidade Escolar Professora Haydée Chaves da rede de escolas municipais e vários núcleos de produção.

A Unidade Escolar Professora Haydée Chaves, de 1º grau, tem seis salas de aula, encontra-se satisfatoriamente instalada e equipada, de conformidade com os padrões das escolas do município, dispõe de pessoal (dirigente, docente e auxiliar) suficiente e funciona regular e efetivamente.

Quadro I - Matrícula inicial da Unidade Escolar Haydée Chaves por idade, sexo e série, em 1987.

Idade	6		7		8		9		10		11		12		13		14		+14		Sub Total		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
1ª	1	2	19	11	13	19	15	16	11	12	8	10	6	2	-	-	-	-	-	-	73	72	145
2ª	-	-	-	-	1	8	3	9	4	13	8	5	6	6	-	7	1	1	-	-	23	49	72
3ª	-	-	-	-	-	-	-	6	2	4	2	2	8	3	3	3	1	1	1	1	17	20	37
4ª	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2	6	3	2	2	4	1	2	2	1	9	20	29
TOTAL	1	2	19	11	14	27	18	31	17	33	20	23	23	13	5	14	3	4	3	2	122	161	283

FONTE: Registros da Unidade Escolar Professora Haydée Chaves

Quadro 11 - Matrícula inicial da Unidade Escolar
Haydée Chaves por série, idade e sexo, em 1988

Idade	6		7		8		9		10		11		12		13		14		+ 14		Sub Total		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
1ª	-	-	11	6	23	8	9	6	11	13	5	4	2	4	2	1	1	-	4	-	68	42	110
2ª	-	-	1	2	4	5	3	5	5	6	3	10	7	8	6	3	-	2	-	1	32	42	74
3ª	-	-	-	-	-	-	1	6	1	7	5	13	3	5	6	1	1	4	2	2	19	38	57
4ª	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	3	1	4	2	1	1	-	3	6	7	16	23
5ª	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	2	2	1	2	1	3	4	4	8	11	16	27
TOTAL	-	-	11	08	27	13	13	17	17	34	16	32	15	22	18	7	6	10	13	16	137	154	291

FONTE: Registros da Unidade Escolar Haydée Chaves

Quadro III - Alunos evadidos da Unidade Escolar
Haydée Chaves, em 1987 e 1988

ANOS	E V A S Õ E S / S É R I E S				TOTAL
	1ª	2ª	3ª	4ª	
1987	48	15	5	6	74
1988	32	17	4	4	57
TOTAL	80	32	9	10	131

FONTE: Registros da Unidade Escolar Haydée Chaves

Quadro IV - Alunos aprovados e reprovados da
Unidade Escolar Haydée Chaves por
série, em 1987 e 1988

ANOS	1ª SÉRIE			2ª SÉRIE			3ª SÉRIE			4ª SÉRIE			5ª SÉRIE		
	T	AP	RE	TO	AP	RE	TO	AP	RE	TO	AP	RE	TO	AP	RP
1987	145	131	14	72	66	6	37	33	4	29	27	2	-	-	-
1988	110	98	12	74	68	6	57	51	6	23	20	3	27	25	2
TOTAL	255	229	26	146	134	12	94	84	10	52	47	5	27	25	2

11) Avaliação até o mês de novembro

FONTE: Registros da Unidade Escolar Haydée Chaves

2.2 Bairro Guanabara

O CCEP da Guanabara está localizado no bairro do mesmo nome, na periferia da cidade de Colinas. É o bairro mais novo da cidade (começou a povoar-se em 1982). Tem 2.536 habitantes (levantamento feito em setembro de 1987), dos quais 61% são agricultores imigrantes da zona rural que chegaram a Colinas nos últimos três anos. É uma comunidade paupérrima, conforme comprovam os seguintes dados:

- a) da população maior de 15 e menor de 65 anos (cerca de 1.600 pessoas), 84% têm renda mensal inferior a dois salários mínimos. Destes, 31% são lavradores, 28% são domésticas e 25% não tem trabalho fixo e vivem de biscates;
- b) em setembro de 1985, existia no bairro 432 domicílios nas seguintes condições: 30% eram do próprio morador, 19% eram de tijolo e cobertos de telha, 86% eram de taipa ou adobes cobertos de palha e 87% tinham energia elétrica;

- c) o nível cultural da população era desolador: 49% das pessoas maiores de 15 anos eram analfabetas e não se apresentavam motivadas para freqüentar o curso de alfabetização;
- d) o bairro não recebe água da rede pública e se abastece em poços caçimbões, perfurados nos pontos mais baixos;
- e) antes do Centro Comunitário de Educação e Produção não havia nenhuma iniciativa de preparação da população para o trabalho.

2.3 Centro Comunitário de Educação e Produção de **Guanabara**

- a) o Centro tem dois objetivos principais:
 - oferecer aos alunos da U.E. Haydée Chaves oportunidade de desenvolver a consciência da importância do trabalho na sociedade e, juntamente com a educação básica regular, capacitá-los para a prática do trabalho;
 - oferecer aos alunos da mesma escola, maiores de 11 anos, e a seus pais ou responsáveis oportunidade de realizar trabalho que lhes propicie algum resultado econômico e, a par disso, aprender algum trabalho que lhes possa servir de fonte de renda;
- b) No Centro, já foram implantados os seguintes núcleos de produção: marcenaria, artesanato, indústrias rurais e caseiras, horticultura, avicultura e suinocultura, os quais estão funcionando regularmente.

Esses núcleos foram selecionados em função do interesse da comunidade, da facilidade para a implantação e exploração e da viabilidade econômica dos mesmos.

Os núcleos funcionam sob a responsabilidade de um gerente que trabalha juntamente com os alunos.

Os núcleos funcionam em dois turnos,, mas os alunos só trabalham em um no mesmo dia, durante 4 horas.

Nem todos os alunos da U.E. Haydée Chaves trabalham nos núcleos, por várias razões: alguns trabalham em oficinas, na roça ou no comércio como vendedores, com os pais ou terceiros; outros não querem trabalhar e outros mais devem ficar em casa, cuidando dos irmãos, guardando a casa ou realizando outros afazeres, porque os pais saem para trabalhar fora. Presentemente, os núcleos contam com os seguintes números de alunos nos dois turnos: Carpintaria: 18; Artesanato: 10; Indústrias Rurais e Caseiras: 18; Horticultura: 14; Avicultura: 6; e Suinocultura: 6.

O conteúdo programático da capacitação para o trabalho, que é ministrado pelo gerente do núcleo, com a supervisão do técnico da Fundação Professor Macêdo Filho, é elementar e compreende apenas as noções básicas de fundamentação da prática. Desenvolve-se esforço no sentido da articulação da capacitação para o trabalho com a educação geral, mas com resultados ainda pouco satisfatórios. Os professores da área de educação geral não se afastam de seus programas convencionais, ainda que tenham tido várias oportunidades de treinamento. Identificam-se, entre esses, alguns apenas que incluem nas aulas de português e matemática, sobretudo, conteúdos, referências e exemplos às práticas de trabalho nos núcleos de produção.

Os gerentes de núcleos de produção são profissionais da área respectiva, treinados especialmente para a função pelos técnicos (agrônomo, economista, assistente social e pedagogo) da Fundação Professor Macêdo Filho, que dão assistência técnica ao projeto.

Há um grande envolvimento da comunidade, através da Associação de Moradores do Bairro Guanabara, que integra o Conselho Diretor do Centro e participa de várias atividades nos nú

cleos de produção. Além disso, a comunidade tem a preferência para a aquisição da produção, que é vendida para eles a preços mais baixos do que no mercado.

A comercialização da produção tem sido o problema crítico, ocorrendo dificuldades de toda a ordem: falta de estrutura e mecanismos para se efetivar a comercialização fora de Colinas, quando o mercado inteiro não absorve toda a produção; impossibilidade de renda para terceiros, sobretudo ao poder público, por impossibilidade de expedir nota fiscal; falta de capital de giro para guardar o produto para ser vendido em época e situação mais favorável.

Atualmente, a produção é comercializada diretamente pelo Centro ao consumidor ou a vendedores de Colinas, mas com muitas dificuldades.

Nos dois quadros seguintes são apresentadas quantidades e valores da produção em 1987 e 1988.

- RESULTADOS ALCANÇADOS

Em 1988, manteve-se a vantagem no desempenho escolar, já observada em 1987, dos alunos da Unidade Escolar Haydée Chavés que participaram das práticas de trabalho nos núcleos de produção. Igualmente, a freqüência destes alunos às atividades escolares foi muito boa. Isso se explica, sem dúvida, pela melhoria da qualidade do ensino na escola, como conseqüência dos vários treinamentos proporcionados aos professores e do acompanhamento sistemático dos trabalhos escolares pela Equipe de Supervisão da Secretaria Municipal de Educação. Desde que foi transformada em Centro de Educação e Produção, a Unidade Escolar Haydée Chavés passou a receber tratamento muito especial da Secretaria de Educação.

A freqüência às atividades de produção é que não corresponde à expectativa. Vários alunos afastaram-se da prática

QUADRO V: Produção (produtos, quantidade e valor) do Centro Comunitário do Guanabara ano 1987)

NÚCLEOS DE PRODUÇÃO	UNID.	QUANT.	VALORES	
			EM Cz\$	EM OTN (*)
1. MARCENARIA	-	-	<u>178.000</u>	<u>384,05</u>
Carteiras escolares	unid.	102	172.400	264,09
Mesas para professores	"	8	24.000	51,78
Cadeiras para professores	"	16	9.600	20,71
Armários	"	8	12.000	25,89
Bancos com metros	"	5	10.000	21,58
2. ARTESANATO	-	-	<u>30.014</u>	<u>64,75</u>
Rede de linha	"	2	8.000	17,26
Rede de fio cru	"	5	11.000	23,73
Bordado à máquina	peça	12	8.014	18,58
Bordado à mão	"	4	2.400	5,17
3. IND. RURAL CASEIRA	-	-	<u>74.724</u>	<u>161,22</u>
Linguiça frescal	quilo	457	54.840	118,32
Doces diversos	"	26	3.120	6,73
Frios diversos	unid.	762	16.764	36,17
4. AVICULTURA	-	-	<u>65.230</u>	<u>140,74</u>
Frangos	quilo	1.186	65.230	140,74
5. HORTICULTURA	-	-	<u>5.514</u>	<u>11,89</u>
Abóbora	quilo	123	1.230	2,65
Pepino	"	258	2.064	4,45
Quiabo	"	87	1.044	2,25
Maxixe	"	98	1.176	2,54
6. RAÇÃO	quilo	1.360	<u>47.600</u>	<u>102,70</u>
T O T A L.	-	-	401.082	865,35

*OTN de novembro/87

Quadro VI - Produção (produtos, quantidade e valor) do Centro Comunitário da Guanabara no ano de 1988

NÚCLEOS DE PRODUÇÃO	UNIDADE	QUANTIDADE	VALORES	
			EM Cz\$	EM OTN: (*)
1. MARCENARIA	-	-	<u>287.500</u>	<u>76,16</u>
Carteiras escolares	unid.	80	120.000	31,79
Mesas comuns	"	2	6.000	1,59
Cadeiras pré-escolares	"	30	7.500	1,99
Frechais (cachorros)	"	800	32.000	8,48
Esquadrias (portas e janelas)	m ²	26	117.000	30,99
Mesinhas pré-escolares	unid.	5	5.000	1,32
2. ARTESANATO	-	-	<u>97.400</u>	<u>25,80</u>
Toalha bordada à mão	unid.	3	45.000	11,92
Colcha bordada à mão	"	2	36.000	9,54
Rede de fio cru	"	1	10.000	2,65
Centros de mesa	"	8	6.400	1,70
3. IND. RURAL E CASEIRA	-	-	<u>493.000</u>	<u>130,60</u>
Linguiça frescal	kg	800	400.000	105,97
Salgados	unid.	1.200	72.000	19,07
Bolos (pudim)	"	35	21.000	5,56
4. AVICULTURA	-	-	<u>1.650.000</u>	<u>437,12</u>
Frangos	kg	3.300	1.650.000	437,12
5. HORTICULTURA	-	-	<u>57.500</u>	<u>15,23</u>
Melancia	kg	1.300	32.500	8,61
Verduras em geral	-	-	25.000	6,62
6. RAÇÃO	kg	7.000	350.000	92,72
T O T A L.	-	-	<u>2.935.500</u>	<u>777,64</u>

(*) OTN de novembro/88

do trabalho, ainda que por motivos justificáveis. Os alunos preferem qualquer outra ocupação, em oficina, na roça ou até mesmo em casa, ao trabalho nos núcleos de produção. Igualmente vários pais ou responsáveis preferem ter os filhos trabalhando em outro local. Falta-lhes talvez a compreensão perfeita dos objetivos e das vantagens da capacitação para o trabalho oferecida na escola. Entretanto, esses não são a maioria. O projeto tem aprovação de numerosos pais da comunidade, particularmente dos membros da Associação de Moradores do Bairro.

Os resultados sociais do projeto são grandes. As instalações e o funcionamento dos núcleos de produção deram prestígio ao bairro, que, de comunidade pobre e isolada, transformou-se em centro produtor de alimentos. As instalações são visitadas frequentemente pela população da cidade e pessoas que chegam a Colinas. A partir do funcionamento do Centro Comunitário de Educação e Produção/o bairro entrou em visível processo de desenvolvimento.

Os resultados econômicos são evidentes. Os alunos passaram a receber a bolsa de trabalho que, para quem não possui nada, é um ganho valioso. Além disso, estabeleceu-se um fluxo de ingresso de capital na economia, com a venda da produção. Há perspectivas de o Centro tornar-se auto-suficiente financeiramente.

4 - DIFICULDADES ENCONTRADAS:

As dificuldades do projeto são muitas. A primeira delas é a deficiência de recursos financeiros para fazer face a despesas do custeio absolutamente necessárias, tanto da escola como dos núcleos de produção, Às vezes faltam materiais escolares, devem-se fazer consertos de móveis e utensílios, fazer reposição de peças de máquinas e equipamentos, adquirir insumos, medicamentos e defensivos, contratar serviços de terceiros e não há recursos. Para resolver os problemas, recorre-se aos recursos

do capital de giro dos núcleos de produção, desequilibrando-se os respectivos orçamentos.

Outra grande dificuldade é a falta de pessoal qualificado e de vantagens salariais para o pessoal que trabalha na escola e nos núcleos, recebendo remuneração igual aos demais funcionários da prefeitura, enquanto devem trabalhar muito mais. Esta situação faz com que muitos funcionários evadam para setores de trabalho mais favoráveis, sendo substituídos por outros que não foram treinados. Isso acontece com professores da escola e gerentes de núcleos e até pessoal auxiliar.

Dificuldade seríssima é a falta de estrutura para a comercialização da produção. O mercado de Colinas não absorve toda a produção, que deve ser levada para outras praças, mas não há condições de fazê-lo. Isto está causando grandes prejuízos financeiros aos empreendimentos.

5 - ESTRATÉGIAS DE AÇÃO PARA **MELHORIA E EXPANSÃO DA EXPERIÊNCIA**

As organizações responsáveis pela execução do projeto, Prefeitura Municipal, Fundação Professor Macedo Filho e Associação de Moradores do Bairro Guanabara, estão fazendo avaliação do seu desenvolvimento e da sua situação, considerando inclusive os resultados da eleição municipal que redundará em grande mudança na equipe da administração municipal, a fim de adotar algumas medidas objetivando a manutenção, expansão e melhoria da experiência, havendo consenso nos seguintes aspectos:

1. Transferência dos núcleos de produção para a Associação dos Moradores, que, sem desviá-lo da função educativa e mantendo-o integrado à escola, passará a administrá-lo, responsabilizando-se por sua manutenção;

2. Integração do projeto, via Associação de Moradores, ao sistema de comercialização que a Cooperativa Mista Agropecuária de Colinas está implementando para os vários projetos comunitários;

3. Reestruturação do sistema administrativo do projeto.

José Agostinho Barbosa Neto
Diretor
Cláudio José Dias da Silva
Assessor

1. INTRODUÇÃO

A Escola Agrícola de Tutóia "Profs Leda Maria Chaves Tajra," com terminalidade em Agropecuária em nível de 1º grau, foi inaugurada em 29 de abril de 1988, para atender alunos de 5ª a 8ª série, com o objetivo de proporcionar aos alunos conhecimentos técnicos, possibilitando aos mesmos a compreensão do mundo do trabalho e a sua introdução no processo produtivo como prática educativa.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Número de Alunos

Para o início do ano letivo de 1988, foram selecionados 60 (sessenta) alunos, que prestaram exame de seleção, submetendo-se a uma prova de Língua Portuguesa e Matemática com questões objetivas e subjetivas em nível de 1º grau menor (primário), e teriam de obter, no mínimo, nota 5,0 (cinco pontos) em cada disciplina para obter a sua classificação. Os alunos foram classificados pela ordem decrescente de pontos obtidos, sem ultrapassar o limite de vagas.

Hoje contamos com 45 (quarenta e cinco) alunos frequentando regularmente a escola, sendo que, nos meses de maio/junho/julho, houve uma evasão de 15 (quinze) alunos.

2.2 Número de Professores

Hoje a escola conta com um quadro de 11 (onze) professores, sendo:

- a - Formação Geral - 9 b
- Formação Especial - 2

Os professores da área de Formação Geral foram selecionados através de uma prova na disciplina de opção e um teste pedagógico com questões referentes ao dia-a-dia do professor em sala de aula e a uma visão geral da educação atual e análise de curriculum vitae.

2.3 Número de Funcionários

A escola hoje possui um quadro de 32 (trinta e dois) funcionários:

- 1 - Diretor
- 1 - Administrador
- 2 - Técnicos Agrícolas 1
- Secretária
- 8 - Professores
- 1 - Chefe da Seção de Pessoal e Financiamento
- 1 - Chefe da Seção de Acompanhamento ao Educando
- 1 - Chefe da Seção de Acompanhamento Pedagógico
- 2 - Agentes Administrativo 1
- Auxiliar de Enfermagem
- 1 - Operador
- 2 - Motoristas
- 3 - Agentes de Vigilância
- 1 - Chefe de Cozinha
- 2 - Cozinheiras
- 4 - Auxiliar de Serviços Diversos

3 INÍCIO DO ANO LETIVO DE 1988.

As aulas iniciaram no dia 16 de maio (fotos em anexo), sendo que a primeira semana de aula foi de adaptação do aluno na escola, onde foram colocados aos mesmos os objetivos de uma escola agrícola e seu funcionamento. Durante essa semana foram realizadas palestras, debates, etc.

4 - DIFICULDADES

4.1 Administrativas

- Alimentação

Tutóia é um município carente, onde a maior parte da população é formada pela classe de baixa renda, e 90% do corpo discente da nossa escola são filhos de pescadores da zona rural, e nós somos conscientes da necessidade dessa gente.

Caso o prefeito municipal não tivesse um compromisso sério com a educação do município e especialmente com a escola agrícola, suas portas já teriam fechado, porque a prefeitura arca com 100% de todas as despesas.

Diante desta situação, pedimos ao MEC/OEA condições financeiras, para que possamos realizar o sonho desta gente tão sofrida que merece um ensino digno e de qualidade. Logo, não comecemos a produzir, os nossos projetos ainda se encontram em fase de implantação, mas prometemos que num dia vamos caminhar com os nossos próprios pés, mas, no momento, necessitamos de apoio financeiro.

4.2 Pedagógicas

No momento, precisamos de uma supervisão que seja atuante e que acompanhe de perto o trabalho do nosso corpo docente, principalmente na área de educação geral.

5 CONCLUSÃO

Para que se atendam as necessidades e as aspirações legítimas da população rural, é necessário um justo equilíbrio entre a educação geral e a formação especial, pois a educação deve contribuir para a completa formação do ser humano.

E a Escola Agrícola de Tutóia Prof^a Leda Maria Chaves Tajra chegou no momento oportuno, que, entre outras finalidades,

terá um compromisso fiel **com** a orientação para a agropecuária e deve ajudar a:

- superar as precárias condições de vida do trabalhador rural incentivando-o e atuando no combate à fome e à destruição, lutando para que as necessidades básicas da comunidade sejam satisfeitas em níveis compatíveis com a dignidade humana;

- formar o jovem para fins a que se propõe, contribuindo para a formação da sua personalidade, da consciência, da capacidade mental, do preparo e da competência.

É por tudo isto que nós professores da Escola Agrícola lutamos, porque o ensino do 1º grau, tão duramente criticado durante os últimos anos, vem pouco a pouco alcançando o seu espaço de credibilidade junto à sociedade, buscando esta qualidade, formando jovens e levando esta sociedade a se sentir também comprometida e cumprir o seu verdadeiro papel junto à educação rural.

EXPERIÊNCIAS REALIZADAS NO CENTRO DE EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO - CET - CEILÂNDIA

Maria Madalena Nobre Mendonça
Assessora da Fundação Educacional do Distrito Federal - FEDF
Isai Lopes de Moraes
Professor do Centro de Educação para o Trabalho - CET

I - INTRODUÇÃO

Concebido inicialmente, em 1979, como Centro de Educação Permanente, integrante do Programa de Educação Ambiental da Ceilândia, seu objetivo era minimizar problemas educacionais como: defasagem de escolaridade e ingresso prematuro do menor no mercado de trabalho, sem preparo profissional e, ainda, a ausência de atividades sócio-produtivas para adolescentes e adultos.

Em 1981, após a avaliação de seu funcionamento, a escola passou a denominar-se Centro de Educação Profissionalizante que, com o advento da Lei nº 7.044/82, transformou-se em Centro de Educação para o Trabalho - CET, como forma de estabelecer coerência com o conceito mais amplo de trabalho, decorrente de legislações que normatizaram a matéria.

II - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA/CLIENTELA/COMUNIDADE

O Centro de Educação para o Trabalho - CET, localizado na Cidade-satélite de Ceilândia - Distrito Federal, atende a alunos de 5ª a 8ª série do 1º grau, do 2º grau, supletivo e comunidade em geral, na faixa etária acima de 14 anos, com possibilidades de trabalho e participação na melhoria da renda familiar.

O estabelecimento de ensino tem-se apresentado, assim, como alternativa pedagógica de formação profissional, de atividades produtivas e de lazer para jovens e adultos do sistema oficial de ensino e da comunidade, em geral.

A clientela atendida pelo CET é bastante heterogênea, uma vez que apresenta faixa etária de 14 a 50 anos, grau de instrução e condição sócio-econômica diversificado, conforme quadro a seguir:

FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	Nº DE ALUNOS	PERCENTUAL
14 a 21 anos	377	57,39%
22 a 30 anos	184	28,01%
31 a 50 anos	96	14,60%
T O T A L	657	100,00%

Fonte: Fichas de matrículas/1988

RENDA FAMILIAR

SALÁRIO	Nº DE ALUNOS	PERCENTUAL
0 a 1 salário mínimo	195	29,69%
1 a 2 salários mínimos	207	31,50%
2 a 3 salários mínimos	66	10,05%
3 a 10 salários mínimos	49	7,46%
NÃO DECLARANTES	140	21,30%
T O T A L	657	100,00%

Fonte: Fichas de matrículas/1988

A Cidade-satélite na qual está inserida a escola, com uma população de cerca de 650.000 habitantes, caracteriza-se como uma comunidade carente, com elevada taxa de subemprego, desemprego e elevado nível de marginalidade.

O nível sócio-econômico da comunidade é predominantemente baixo, sendo que a atividade produtiva predominante está voltada para a indústria e o comércio.

III - SITUAÇÃO ATUAL

As estratégias utilizadas anteriormente pelo CET baseavam-se na oferta de cursos de curta duração, com carga horária entre 120 e 180 horas, permitindo atendimento a maior número de pessoas da comunidade e possibilitando a conclusão rápida dos cursos freqüentados, o que, do ponto de vista da clientela, era visto como aspecto positivo, vez que, assim, permitiria o ingresso imediato no mercado de trabalho.

Entretanto, por se tratar de estratégias imediatistas, nem sempre a clientela egressa dos cursos estava apta a ingressar na força de trabalho produtivo, o que levou à revisão de seus objetivos no sentido de não reforçar a oferta de mão-de-obra barata mediante "cursinhos" que repassam a técnica destituída de reflexão crítica sobre a mesma.

Atualmente o CET apresenta-se como uma alternativa pedagógica de formação profissional, oferecendo a iniciação e qualificação profissional a 1.229 alunos, através dos seguintes cursos:

- Bordado à máquina
- Corte-e-costura
- Cabeleireiro
- Datilografia
- Eletrotécnica
- Hortigranjeiro
- Informática
- Lancheiro
- Marcenaria
- Regulagem de motores
- Serralharia.

Vale salientar que os índices de repetência e evasão são bastante reduzidos, vez que, anualmente, não ultrapassam a 10 e 12%, respectivamente.

Em termos estruturais, o CET conta com os Núcleos de Corte e Costura, Marcenaria, Serralharia e Informática, criados em virtude da existência de infra-estrutura adequada à sua implantação, tais como: recursos humanos qualificados, recursos materiais e espaços físicos apropriados.

A organização e o funcionamento desses núcleos podem ser assim caracterizados:

- Os cursos oferecidos desenvolvem-se em duas fases: a primeira, de iniciação para o trabalho, com a duração de 360 horas, onde são oferecidos conhecimentos técnicos para execução de trabalho prático; a segunda, nos núcleos de produção, com 720 horas, onde são aperfeiçoados os conhecimentos adquiridos na fase anterior, permitindo que o aluno aprofunde o que aprendeu.
- O horário de funcionamento dos cursos abrange três turnos: matutino, vespertino e noturno.
- A clientela atendida, conforme já mencionado, refere-se a alunos de 5ª a 8ª série, de 2º grau, de su pletivo e da comunidade em geral, sendo atendido, por núcleo, o seguinte quantitativo:

CURSO	TURNOS			TOTAL
	MATUTINO	VESPERTINO	NOTURNO	
Corte-e-Costura	22	20	-	42
Marcenaria	16	14	-	30
Serralharia	-	9	-	09
Informática	-	-	10	10

Os conteúdos são elaborados pelos próprios professores das áreas específicas, permitindo um desenvolvimento integral das atividades, através da seleção de disciplinas de acordo com a natureza dos cursos oferecidos e da prática nas oficinas. Além dos conteúdos específicos, oferecem-se informações de complementação pedagógica como:

- Higiene e segurança para o trabalho
- Organização para o trabalho
- Desenho
- Relações humanas
- Matemática
- Redação oficial

A articulação dos conteúdos programáticos com a educação geral é feita através da intercomplementaridade nas áreas de Prática de Agropecuária e Extrativismo, Práticas Integradas do Lar, Práticas Industriais, Educação Física, em que o aluno é levado a repensar criticamente a relação educação-trabalho nos seus fundamentos sócio-político-filosóficos.

As oficinas são orientadas por professores com formação específica na área em que atuam, que, na sua maioria, não possuem habilitação específica para o magistério, o que atualmente está sendo corrigido proporcionalmente. As atividades de treinamento têm sido desencadeadas através do encaminhamento de professores para participarem de curso de graduação, seminários e encontros.

A comercialização dos produtos resultantes do trabalho dos alunos é feita através da Associação de Pais, Alunos e Mestres, controlada pelo setor de contabilidade. O acompanhamento sistemático dessa atividade é feita através de formulário próprio, facilitando, assim, melhor controle por parte do professor regente e pelo gerente de produção.

IV - RESULTADOS ALCANÇADOS

As ações educativas desenvolvidas no CET materializam-se em atividades produtivas que têm muito a ver com a vida escolar, social e econômica dos educandos.

Assim, podem-se constatar os seguintes resultados:

- . Do ponto de vista pedagógico:
 - .. aprendizagem com ênfase no aprender a fazer, fazendo;
 - .. desenvolvimento de atividades produtivas concretas ;
 - .. reconhecimento consciente de seu compromisso com a atividade profissional como fator da auto-realização;
 - .. inserção do aluno no mercado de trabalho;
 - . . índice de assiduidade e frequência à escola equivalente a 90%;
 - .. índice de evasão/repetência inferior a 10%;
 - .. participação do aluno no processo produtivo através da sua familiarização com o mundo do trabalho e do desenvolvimento de tarefas relativas ao planejamento, execução e comercialização do produto, utilizando-se estratégias como:
 - planejamento das atividades de produção;
 - levantamento do orçamento e recursos necessários;
 - distribuição de tarefas ao grupo de produção;
 - montagem da linha de produção;
 - entrega do produto.
- . Do ponto de vista social:
 - .. atendimento aos interesses e às necessidades da

Clientela, por se tratar de uma escola aberta à comunidade para o desenvolvimento de outras atividades culturais e de lazer;

.. oportunidade de inserção imediata no mercado de trabalho, reduzindo índice de desemprego e subemprego;

.. oportunidade de ocupação do tempo disponível, com correndo para diminuição dos índices de marginalidade.

. Do ponto de vista econômico:

.. retorno financeiro para o aluno ou grupo de alunos na proporção de 50% do líquido produzido, cabendo à APAM os 50% restantes, que são revertidos na compra de materiais para o desenvolvimento dos cursos, manutenção dos equipamentos e complementação da merenda escolar;

.. capacidade de auto-avaliação dos núcleos de produção em atividade, desde que contem com recursos financeiros básicos, recursos humanos qualificados e infra-estrutura.

V - DIFICULDADES ENCONTRADAS

. Insuficiência de recursos financeiros, materiais e humanos;
. Demanda escolar acima do previsto;
. Descontinuidade da política educacional, provocando mudanças no dimensionamento do trabalho do CET; . Carência de materiais de ensino-aprendizagem; . Resistência de alguns profissionais às mudanças propostas pelo CET; . Reciclagem de professores que atuam no CET de forma não-sistematizada.

VI - PROPOSTA DE AÇÃO PARA MELHORIA E EXPANSÃO DAS EXPERIÊNCIAS

Embora a proposta de educação do CET tenha se restringido mais significativamente para o aspecto técnico da profissionalização, o momento histórico por que passa o País, e especificamente o DF, com novas exigências sociais, políticas e econômicas, requer que seja repensado o projeto pedagógico do CET, em termos de sua finalidade, seus objetivos, sua estrutura de cursos e comercialização do produto do trabalho do aluno.

Em termos dos cursos, a ação pedagógica deve ultrapassar o fazer técnico, levando este ato ao nível do conhecimento que desmistifique os preconceitos e as ideologias, sob os quais este fazer se apresenta como mera atividade "manual", destituída da reflexão, que liberta e dá independência ao homem.

Em **nível** estrutural, os cursos devem ser organizados em núcleos básicos de conhecimento, caracterizados como:

a) **Núcleo de Fundamentos** - onde o aluno se apropria de uma concepção de trabalho, dos conceitos básicos da profissão, das leis do mercado, do alcance social e econômico e das relações de produção.

b) **Núcleo** do saber fazer - onde o aluno participa, se instrumentaliza e produz, como fruto de seu esforço prático e teórico, analisa concretamente a complexidade e reconstrução crítica dos diferentes modos de fazer e produzir algo.

c) **Núcleo** de Produção - onde o aluno participa de todas as fases de comercialização de seu produto, estabelecendo-se a unidade entre produto e produtor, com retorno sócio-econômico advindo da comercialização.

Nesse sentido, propõe-se a continuação e ampliação da experiência, que está sendo realizada no Centro de Educação para

o Trabalho, com oferta de cursos de maior duração, procurando sair dos "cursinhos" e dos "treinamentos" de mão-de-obra para o mercado de trabalho. O Centro deve expandir sua atuação no sistema oficial de ensino, mediante ofertas de cursos técnicos, através de intercomplementaridade nas áreas de informática e da mecânica, devendo-se ainda buscar maior interação com empresas, como subsidiário de conhecimentos técnicos de serviços e produtos.

Para tanto, é necessário buscar um maior suporte de comercialização e de maior alcance que a atual associação de pais, alunos e mestres, propondo a implantação de cooperativa escolar, a qual propiciará uma dinâmica de funcionamento capaz de potencializar um intercâmbio de vendas e serviços junto à comunidade de Ceilândia, assegurando, assim, uma ação educativa de caráter sócio-econômico auto-sustentada.

No caso de concretização da presente proposta, garantidos os recursos financeiros para cobrir despesas com material e pessoal, poder-se-á atingir uma clientela de cerca de 1.300 alunos.

4.3 RELATÓRIO DA EXPERIÊNCIA NA JAMAICA

Dianna Mc Intosh
Diretora do LEAP

A Diretora do LEAP - Learning for Earning Activity Programme - em execução na Jamaica destacou os seguintes pontos:

- O Programa LEAP foi instituído pelo Ministério da Educação, em 1983, com a cooperação da OEA, com vistas a absorver crianças que abandonaram a escola ou estão prestes a fazê-lo, cuja prioridade é a participação no sustento de sua família.

- O referido programa é desenvolvido em dois níveis: no sistema formal de ensino (medida preventiva) abrangendo quatro unidades escolares e no sistema não-formal, com a criação e coordenação de um centro de atendimento a meninos de rua.

- No sistema formal, são oferecidas atividades produtivas integradas ao currículo e desenvolvidas atividades de orientação geral e vocacional aos alunos.

- No centro de atendimento, os alunos, até que sejam adotados por uma família e reabsorvidos pelo sistema formal, recebem moradia, alimentação, assistência psicológica e médica, desenvolvem atividades educativas e produtivas.

- O currículo, nos dois níveis, está centrado na formação da auto-imagem do aluno e dá ênfase aos seguintes temas: Uso de Droga; Planejamento Familiar; Educação Sexual; Relações Interpessoais; Microempresa.

- A parte metodológica está fundamentada em Paulo Freire.

- A partir dos 16 anos, os alunos são encorajados a encontrar sua própria ocupação. O Governo tem um programa de organização de microempresas que ajuda os jovens a elaborarem seus projetos solicitando financiamento do Governo.

5 - SISTEMATIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

5.1. CONFERÊNCIA

SISTEMATIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO VINCULADA AO TRABALHO: MAIS ALEM DO RITO DOS CICLOS PROGRAMÁTICOS

Leonel Zuniga
Especialista da OEA

O problema

As equipes técnicas centrais dos ministérios e, mais ainda, as equipes das organizações internacionais defrontam-se com a necessidade de conceber os esforços de inovação e desenvolvimento educativo a partir de uma perspectiva limitada. Desta forma, estes esforços costumam delinear-se como projetos traçados a partir de um certo diagnóstico; são executados de acordo a uma determinada programação e, geralmente, são avaliados com a suposta finalidade de estabelecer a viabilidade de sua generalização.

Na prática, a realização deste tipo de esforços torna-se algo muito mais casual do que o refletido na formulação abstrata dos processos de planejamento. Costumam ajustar-se mais de acordo às determinações e contradições do fazer cotidiano do que às elaborações mais coerentes do discurso e à simplificação ideal dos modelos. Seu próprio nascimento e sua capacidade de maturação e reprodução são continuamente ameaçados pela possibilidade de uma morte prematura.

Participam mais da complexidade e incerteza do fazer cotidiano do que da simplicidade e do determinismo dos exercícios da experiência em laboratório. Os modelos de investigação, de desenvolvimento e planejamento aos quais se costuma recorrer para construir expressões formais dos esforços de inovação são recur

sos úteis para determinadas finalidades. No entanto, são insuficientes para orientar o conteúdo da prática concreta que estabelece. É, finalmente, a reflexão sobre esta prática a única possibilidade eficaz de antecipação teórica da ação.

Experiências tais quais as apresentadas por vocês neste Seminário constituem o propósito central das reflexões que agora compartilho com vocês.

Apropriação: o conceito central

Tal como toda criação e produção humana, a valorização real e o compromisso eficaz com a ação, realizada no contexto de projetos de inovação e desenvolvimento educativo, giram em torno do conceito de apropriação. Os indivíduos e os grupos sociais apenas estão dispostos a defender e a preservar o que percebem como próprio. A criação de vínculos de pertinência encontra-se na própria raiz do sentido de identidade, de liberdade e de compromisso do ser humano. Na verdade, as únicas decisões que efetivamente comprometem são as próprias, as únicas idéias que verdadeiramente têm credibilidade são aquelas que formam parte da própria interpretação do mundo e a única expressão verdadeiramente significativa é aquela que cada um é capaz de criar.

Não estou propondo uma forma generalizada de isolamento. Tento apenas indicar uma constatação generalizada: a criação de vínculos de apropriação é determinante fundamental da atitude individual e da valorização real do mundo e de suas possíveis representações.

Creio que o problema em questão, no tocante à consolidação dos esforços realizados por vocês no marco deste projeto, tem sua expressão fundamental na seguinte pergunta: de quem é o projeto?

Lamentavelmente, andam por aí muitos projetos sem per

tinência alguma. Muitos que nasceram órfãos e muitos que durante algum tempo procuraram dono mas antes de encontrá-lo morreram no esquecimento.

O sentido de apropriação dos projetos pode caracterizar-se a partir de várias perspectivas. Farei referência àquelas que considero mais significativas.

Apropriação política

É possível identificar um primeiro tipo de apropriação determinante das possibilidades de consolidação dos esforços realizados no marco de projetos como no caso do projeto que estamos analisando neste Seminário. Vou referir-me a este tipo de apropriação como apropriação política, a qual consiste, fundamentalmente, na capacidade de determinar a orientação, natureza e conteúdo concreto do trabalho educativo que se realiza a partir do projeto. A apropriação educativa é exercida pelo sujeito individual ou coletivo. Por sua vez, a probabilidade de consolidação deste esforço relaciona-se diretamente com a possibilidade desse controle.

Do ponto de vista da apropriação política, a maior ameaça à consolidação dos esforços de inovação reside no fato de que o controle do fazer concreto das ações que os conformam tende a residir, geralmente de forma transitória, em indivíduos e estruturas organizacionais sujeitas a uma alta variabilidade de interesses e compromissos.

Em relação a este projeto que aqui nos reúne, sua apropriação política, por parte dos alunos e por seus familiares, assim como também pelos educadores das escolas, torna-se fundamental para a sua consolidação. A emergência de cooperativas como a da Escola Integrada Rosalvo Lobo parece orientar-se nesse sentido.

Apropriação Teórico-Metodológica

Embora o controle do fazer concreto possa ser em si mesmo fator de consolidação, não é menos correto dizer que, dada a natureza do trabalho educativo, resulta igualmente fundamental a apropriação e o domínio de uma concepção da função social da escola pública e do sentido educativo do trabalho. Resulta, também, imprescindível o domínio de um método concreto que, através da ação reflexiva, permita uma integração eficaz do trabalho educativo ao currículo.

Do ponto de vista do aluno, o acesso concreto à apropriação da teoria e do método poderia implicar o domínio de uma concepção concreta das relações sociais de produção., o domínio de processos produtivos concretos e o domínio de formas específicas de organização social da produção.

Implicaria, também, a apropriação e o domínio básico de uma representação do mundo, da palavra falada e escrita, do cálculo básico e da própria história.

Garantir estas formas de apropriação dentro da própria escola é, sem dúvida, contribuir para as possibilidades de consolidação dos esforços realizados.

Apropriação Histórica

Os projetos são próprios à medida que é possível expressá-los na perspectiva dos próprios interesses culturais e de classe. São próprios se forem capazes de assumir criticamente sua própria história. São próprios à medida que são capazes de perceber, representar e analisar sua própria prática. Nós, seres humanos, nos perdemos facilmente no labirinto de nossa própria atividade. Também tendemos a nos extraviar no discurso vazio. A apropriação de um sentido correto da própria história é o determinante fundamental de nossas experiências e só pode ser

alcançado se, de a] guina forma, formos capazes de perceber e expressar essa história.

Apropriação Econômica

Particularmente no caso deste projeto que aqui analisamos, resulta fundamental alcançar uma forma concreta de apropriação econômica para garantir a consolidação dos esforços realizados. Isto implica o estabelecimento de formas concretas de contribuição às demandas sociais que permitam definir a relação existente entre o trabalho produtivo que se realiza na escola e os interesses daqueles que se beneficiam desse trabalho tanto dentro como fora da escola.

SÍNTESE

Inicialmente, expressei o problema da consolidação através de uma pergunta básica: a quem pertence o projeto?

Para finalizar,

A QUEM PERTENCE O PROJETO?

QUEM CONTROLA A ORIENTAÇÃO, A NATUREZA E O CONTEÚDO DO TRABALHO EDUCATIVO REALIZADO CONCRETAMENTE NA ESCOLA?

QUEM DOMINA A CONCEPÇÃO DA ESCOLA E O MÉTODO PEDAGÓGICO SÃO CARACTERÍSTICOS DA AÇÃO EDUCATIVA GERADA A PARTIR DO PROJETO?

QUEM PRODUZ AS REPRESENTAÇÕES EXISTENTES DA HISTÓRIA, A PRÁTICA E O DESTINO DO PROJETO?

QUEM SE BENEFICIA COM O PROJETO?

SUJEITO DE PERTINÊNCIA

INDIVIDUAL

COLETIVO

TRANSITÓRIO

COMUNITÁRIO

PERMANENTE

PRÓXIMO

DISTANTE

FAZER

REFLEXIONAR

SOBRE A

PRÁTICA

V

EXPRESSÃO DA
PRÁTICA

6 - RECOMENDAÇÕES A RESPEITO DE ESTRATÉGIAS DE APERFEIÇOAMENTO, CONSOLIDAÇÃO E EXPANSÃO DAS EXPERIÊNCIAS

GERAIS

6.1 A educação pelo trabalho, no nível da escola básica, constitui um caminho possível para o resgate da escola pública e deve resultar do esforço conjugado entre o Governo e a sociedade civil organizada com vistas a: revitalizar o papel da escola em relação com a vida da comunidade, especialmente com a vida produtiva.

6.2 A troca de experiências proporcionada pelo Seminário e as reflexões realizadas sobre a questão educação/trabalho produtivo deverão ser multiplicadas no interior de cada escola, com a participação dos alunos, professores e representantes da comunidade, com vistas a aumentar o compromisso de cada um com a proposta educativa, assegurando, assim, o aperfeiçoamento e a continuidade do projeto de cada escola.

6.3 O maior envolvimento dos alunos, dos professores e de representantes da comunidade na avaliação da prática educativa vivenciada em cada escola, bem como no replanejamento desta prática, deverá ser um dos pontos perseguidos na fase de aperfeiçoamento, consolidação e expansão das experiências.

6.4 Nesta mesma fase, torna-se ainda necessário intensificar as atividades de cooperação técnica entre as experiências voltadas para a integração da educação e o trabalho produtivo, através da promoção de reuniões, seminários, visitas de estudos, envolvendo alunos e professores.

6.5 A continuidade do apoio técnico-financeiro MEC/OEA é de fundamental importância.

ESPECÍFICAS

6.6 Secretaria de Educação de Pernambuco

Aspectos propostos resultantes do Seminário Nacional sobre Experiências de Educação e Trabalho Produtivo, para viabilizar os núcleos produtivos:

- a - Constituir uma equipe de acompanhamento às escolas envolvidas no Projeto MEC/OEA que apresentam problemas pedagógicos e técnicos.
- b - Promover maior integração entre escola (corpo docente, discente, pessoal técnico-administrativo) e comunidade no processo educativo e produtivo.
- c - Promover reuniões sistemáticas de estudo dos problemas pertinentes a cada projeto com respeito aos aspectos administrativos, pedagógico e político, envolvendo a DEMEC.
- d - Estabelecer reuniões com o pessoal técnico da SE/DEMEC com a escola (professores, alunos e corpo técnico-administrativo) para acompanhamento, controle e avaliação dos projetos a serem executados e em execução.
- e - Dar tratamento especial ao Projeto Laboratório de Tecnologia do Pescado nos aspectos de sua funcionalidade, tais como:
 - Recursos humanos;
 - Redefinição de proposta pedagógica;
 - Estrutura física.

- f - Promover e executar metas no que diz respeito ao suporte técnico e administrativo através de um grupo formado por professores envolvidos diretamente e indiretamente no projeto.

- g - Recomendações específicas ao projeto de tecnologia da pesca que ainda não entrou em funcionamento.
 - contratação ou transferência de pessoal.
 - . solicitação do MEC à Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.
 - reatamento dos convênios.

- h - Treinamento do pessoal da escola:
 - integração da escola com as oficinas;
 - sensibilização e conscientização da importância do trabalho no processo educativo;
 - preparação dos técnicos para formação da consciência crítica no trabalho;
 - organização em termos administrativos e técnicos;
 - definição das fases:
 - . preparação;
 - . informação/formação;
 - . acompanhamento.

- i - Produção por encomenda com a matéria-prima fornecida pelo comprador.

6.7 Secretaria Municipal de Educação de Natal

O que fazer para melhorar, consolidar e expandir as experiências de núcleos de produção em 1989:

- a) . Proceder a uma avaliação significativa com vistas à articulação do currículo da escola - formação geral/formação especial na perspectiva de melhor compreender a questão educação/trabalho.
- .. Fazer reuniões ou seminários com a participação de toda comunidade escolar das 3 escolas.
- b) . Propiciar um acompanhamento sistemático aos núcleos de produção, fortalecendo as experiências vivenciadas e facilitando o encaminhamento de soluções para os problemas evidenciados.
- .. Visitas aos núcleos de produção.
- .. Reuniões com os conselhos de escolas para juntos discutir e assumir o desenvolvimento do trabalho.
- c) . Propiciar reciclagens ou treinamentos em serviços, visando à atualização e melhoria do trabalho.
- d) . No que diz respeito à Escola Municipal João XXIII:
- .. Reunir o conselho de escola para discutir a questão do funcionamento dos núcleos de produção existentes, aportando medidas imediatas para o resgate do funcionamento desses núcleos;
- .. Ampliar as discussões mantidas com os conselhos de escola, com toda a comunidade escolar.
- e) . Garantir no orçamento da Secretaria Municipal de Educação recursos financeiros para a manutenção dos equipamentos e aquisição de matéria-prima (complementar).
- f) . Ampliar e fortalecer a criação de cooperativas nos núcleos de produção.

I) PROPOSTAS:

- a) Repensar o projeto pedagógico do CET, em termos de sua finalidade, objetivos e estrutura de cursos.
- b) Promover maior articulação do Centro de Educação para o Trabalho com a comunidade, no sentido de levar o conhecimento da Proposta de Educação pelo Trabalho a todo o sistema de ensino do DF.
- c) Articulação dos conteúdos programáticos específicos com a educação geral, onde o aluno, os professores/adi_ reção e a comunidade sejam levados a repensar crítica_ mente a relação educação-trabalho.
- d) Revitalização da Proposta Pedagógica do CET, no sentido de resgatar, na sua prática, as condições pa_ ra que o aluno recupere, através do ato educativo, a consciência e a visão crítica do mundo do traba_ lho.
- e) Rever mecanismos de comercialização dos produtos, através da implantação de cooperativa escolar em outra entidade similar.

II) RECOMENDAÇÕES:

- a) Compromisso dos representantes do DF. em repassar as reflexões, decorrentes do processo de discussão desse seminário, aos professores, alunos e à comunidade envolvidos no projeto.

- b) Reciclagem e atualização dos professores que atuam no projeto, por parte da FEDF
- c) Compromisso da FEDF em alocar recursos humanos, materiais e financeiros para o desenvolvimento adequado do projeto do CET - Ceilândia-DF.
- d) Estudo por parte da FEDF visando a possibilidade de expansão da experiência do CET a outras cidades-satélites mais carentes do DF.
- e) Continuidade do apoio dado pelo MEC/OEA para o desenvolvimento do projeto.

6.9 Escola Parque de Salvador - Bahia

- a) Redefinição da filosofia da escola parque adaptando à realidade de "hoje":

- . revisão do currículo;
- . ampliação da oferta de vagas para alunos de outras escolas estaduais do bairro e alunos da comunidade com pré-requisitos estabelecidos.

Maior divulgação do projeto:

- . alunos das escolas classe;
- . pais/comunidade/associação de bairros;
- . alunos de outras escolas.

- b) Na área pedagógica:

- Intensificação das discussões sobre integração curricular entre educação básica e o trabalho produtivo;

- Capacitação de pessoal: educação geral, áreas específicas e de produção;
- Ampliação do quadro de pessoal.

c) Na área administrativa:

- Elaboração de um projeto para comercialização dos produtos;
- Capacitação de recursos junto a órgãos financiadores.

6.10 Colégio Universitário - São Luís - Maranhão

- a) Que a administração superior assuma o Colégio Universitário como órgão de vital importância, para o desenvolvimento da educação pelo trabalho.
- b) Buscar a integração entre a educação geral e a educação para o trabalho através do planejamento bimestral, da seleção de conteúdos e materiais, bem como da avaliação.
- c) Incentivar o intercâmbio de experiências.
- d) Conscientizar a escola e a comunidade sobre a importância da educação pelo trabalho.

6.11 Escola Haydée Chaves - Colinas - Maranhão

- a) Sensibilizar o MEC/OEA, o governo estadual e municipal para manter o Centro Comunitário de Educação-Produção, diante da próxima mudança na administração municipal.

- b) Apoiar e divulgar as experiências dos núcleos de educação pelo trabalho com vistas à consolidação e expansão dos mesmos.

6.12 Escola Agrícola de Tutóia - Maranhão

- a) Habilitar e capacitar o corpo docente e técnico-administrativo da escola.
- b) Intensificar a assistência técnica e financeira dos organismos governamentais como MEC/OEA e outros.

EXPERIÊNCIAS EM FASE INICIAL DE IMPLANTAÇÃO

6.13 Secretaria Municipal de Educação de Salvador - Bahia

- a) Reunião com toda a comunidade escolar a fim de discutir os objetivos e a origem do projeto.
- b) Formação de uma comissão (pais, alunos, professores, instrutores e diretores) para definição das formas de participação dos diversos segmentos da comunidade e organização/estruturação do trabalho.
- c) Início de um processo de capacitação, em serviço, de recursos humanos com o fim de:
 - estudo-fundamentação teórica;
 - planejamento;
 - avaliação.

6.14 Escola Estadual Polivalente Professor Goiandy Prates Goiânia-Goiás

- a) Reunião com a direção, coordenação e professores da escola para conscientização da importância da implantação das atividades produtivas.
- b) Reunião com os alunos e pais dos alunos para discutir os objetivos das atividades produtivas.
 - O porque de tais atividades
 - Duração do curso
 - Programação
 - Comercialização do produto

c) Reunião com os alunos abrangidos:

- Função do professor, instrutor e coordenador
- Duração do curso
- Horário e cronograma das atividades
- Programação - integração das atividades produtivas com as demais disciplinas do currículo.

d) Realizar estudos de reestruturação do currículo, para que todas as disciplinas tenham como eixo central a preparação para o trabalho.

6.15 Secretaria Municipal do Bem Estar Social - Campo Grande - Mato Grosso do Sul

- a) Formar um conselho diretor para gerenciar o projeto.
- b) Planejar sistematicamente todas as etapas para o desenvolvimento da produção e comercialização com a participação do conselho diretor.
- c) Aquisição de materiais e equipamentos ainda necessários para o desenvolvimento do projeto.
- d) Implantar os núcleos de produção de corte e costura e serralharia.

ANEXO

PARTICIPANTES

1. Ana Maria Ferreira Bezerra - Secretaria Municipal de Educação de Natal, RN
2. Antônia Moreira Durans - Colun - São Luís, MA
3. Antonio Augusto Moraes Ferreira - Colun - São Luis, MA
4. Antonio Carlos Gomes da Costa - Unicef - Brasília, DF
5. Arno Kretz - Universidade Federal do Maranhão- São Luís, MA
6. Aristelson Mendonça Freitas - Colun - São Luís, MA
7. Áurea Silva Borges da Costa - Delegacia do Mec em Goiânia, GO
8. Avelina dos Santos Pinheiro - Colun - São Luís, MA
9. Cláudio José Dias da Silva - Escola Agrícola de Tutóia, MA
10. Cloves Silveira de Araújo - Escola Haydée Chaves - Colinas MA
11. Dianne Mc Intosh - Projeto Leap - Kingston, Jamaica
12. Edilene da Silva Benozen - Secretaria de Educação de Pernambuco - Recife, PE
13. Fernando da Costa Castello Branco - Demec - São Luís, MA
14. Francisca Ribeiro de Brito - Colun - São Luís, MA
15. Francisco das Chagas Miranda - Colun - São Luís, MA
16. Francisco Gomes do Nascimento - Secretaria de Educação de Pernambuco - Recife, PE
17. Gilene Gomes de Araújo - Secretaria de Educação de Pernambuco - Recife, PE
18. Heleno Cabral de Lima Filho - Escola Municipal José Sotero Natal, RN
19. Heloisa Maria Curvelo Sarno - Secretaria de Educação da Bahia-Salvador, BA
20. Hildo Barreto de Farias - Secretaria de Educação - Recife, PE
21. Isai Lopes de Moraes - Cet - Ceilândia, DF
22. Ivete Pharaóh Gibaut - Secretaria Municipal de Educação e Cultura - Salvador, BA

23. Jaci Andrade Lima de Souza - Fundação Guararapes - Recife, PE
24. Jacy Célia da França Soares - Secretaria de Educação da Bahia - Salvador, BA
25. João Jorge Sodré Austríaco - Colun - São Luís, MA
26. Joselio Carlos de Oliveira - Fundação Guararapes - Recife, PE
27. José Manuel de Macedo Costa - Fundação Prof. Macêdo Filho Colinas, MA
28. José Sisenando Alves de Barros - Escola Capitão V. de Carvalho Floresta, PE
29. John Henry Stone - Universidade Federal do Maranhão- São Luís, MA
30. Laércio Alves Pulça - Escola Cornélio Soares - Serra Talhada, PE
31. Lascynth Chambers - Projeto Leap - Kingston, Jamaica
32. Leonel Zuniga - OEA - Washington, USA
33. Lourdes de Maria Menezes Ferreira Machado - Colun - São Luís, MA
34. Lucimar de Nazaré Serra de Freitas - Colun - São Luís, MA
35. Luiz de França Batista de Araújo - Escola Prof. Alfredo Lisboa - Caruaru, PE
36. Luiza Maria Paurá Peres - Secretaria do Bem Estar Social - Campo Grande, MS
37. Maria Cecy Malheiros Sampaio - Secretaria de Educação de Alagoas- Maceió, AL
38. Maria da Luz Canavieira Furtado - Colun - São Luís, MA
39. Maria de Jesus Aquino Serra de Brito - Colun - São Luís, MA
40. Maria de Jesus Assunção Silva - _ Secretaria Municipal de Educação Colinas, MA
41. Maria de Fátima de Medeiros Mouchrek - _ Demec - São Luís, MA
42. Maria de Fátima Teofilo Durans - Colun - São Luís, MA
43. Maria do Rosário de Fátima Araújo - Colun - São Luís, MA
44. Maria do Socorro Pereira Silva - Demec - São Luís, MA
45. Maria Emilia Ramalho Sulzer - Secretaria Municipal do Bem Estar Social - Campo Grande, MS

46. Maria Filomena Santos Pires - Demec - São Luís, MA
47. Maria Goretti de M. Costa Souza - Delegacia do Mec em São Luís, MA
48. Maria Lúcia Leal de Castro - UFMA, São Luís, MA
49. Maria Luzinete de Lima - Secretaria Municipal de Educação- Recife, PE
50. Maria Madalena Nobre Mendonça - Secretaria de Educação do DF, BSB
51. Maria Reneude de Sa - Secretaria Municipal de Educação do Recife, PE
52. Maria Tereza de Moraes - Secretaria Municipal de Natal, RN
53. Marília Miranda - Mec/Seai - Brasília, DF
54. Manoel Nascimento de Albuquerque - Colun - São Luís, MA
55. Manoel Pereira Fonseca - Demec - São Luís, MA
56. Marcelo Vitorino da Silva - Fundação Guararapes - Recife, PE
57. Mario Augusto Santos - Mec/Seai - Brasília, DF
58. Marivaldo Buarque de Aquino - Secretaria de Educação de Pernambuco - Recife, PE
59. Mayre Domingas Diniz de Souza - Demec - São Luís, MA
60. Neusa Alves Cardoso - Escola Estadual Prof. Goiany Prates - Goiânia, GO
61. Paulo de Tarso Silva Lima - Colun - São Luís, MA
62. Paulo Guilherme de Alencar Albuquerque - Escola Sagrado Coração de Jesus - Olinda, PE
63. Raimunda Pereira dos Santos - Colun - São Luís, MA
64. Raimundo de Jesus Sousa Filho - Colun - São Luís, MA
65. Raydalva Maria de Queiroz Souza - Prefeitura Municipal de Salvador, BA
66. Regina Maria Robatto Nunes - Escola Parque de Salvador, BA -
67. Silvério Meireles Rodrigues - SUDEM - São Luís, MA
68. Sérgio Roberto Ribeiro da Cruz - Observador
69. Solange Leite Ribeiro - 1 Secretaria Municipal de Educação e Cultura - Salvador, BA
70. Terezinha de Sousa Gonçalves - Colun - São Luís, MA

71. Tito Cavalcante de Alencar - Escola Rosalvo lobo - Maceió, AL
72. Valdimiro Santos Moraes - Colun - São Luís, MA
73. Valnide Dias Ramos - Demec - São Luís, MA
74. Vardan de Miranda - Secretaria de Educação de Pernambuco - Recife, PE
75. Vera Barbosa - Mec/Seai - Brasília, DF

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)